



JUNHO

Revista Feminina



ANNO IX — N. 97

PREÇO: 1\$200

O meu segredo!...



A ESCOLA DA EXPERIENCIA

O "meu segredo" é a chave milagrosa que abre as portas da ventura para todas as mulheres. Para mim, a adolescencia foi risonha, a mocidade um encanto e a velhice, agora, é o repouso sereno: tive saude e tenho saude: usei e uso "A Saude da Mulher" E si tambem nossas filhas gosam a felicidade de ser fortes e sadias é por lhes ter eu ensinado estas verdades que aprendi na escola da experiencia:

A SAUDE DA MULHER

é o melhor remedio para tratar e para curar as doencas do Utero e dos Ovarios, seja qual for a idade da enferma. "A Saude da Mulher" cura as moçinhas na passagem de idade, cura as senhoras de todos os seus incommodos periodicos e é incomparavel para os males da Edade Critica.

Assinatura annual para todo o Brasil 15\$000
Assinatura com registro 20\$000
Idem para o estrangeiro 30\$000

Revista Feminina

Redacção
AVENIDA S. JOÃO N. 87
Primeiro andar
Telephone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO IX

SÃO PAULO, JUNHO DE 1922

NUM. 97

JUNHO

DURANTE o mez passado o noticiario de São Paulo e Rio accusou nada menos de tres crimes passionaes praticados por mulheres. A progressão é notoria. O espirito feminino cansado de esperar a protecção da lei, que a considera parte inferior da sociedade, procura na violencia reparação aos ultrajes que lhe são infligidos. Este phenomeno social não escapou a nenhum espirito que se orienta pela logica dos factos da evolução. As conquistas humanas quando se não podem fazer pela sequencia natural das adaptações ao meio, fazem-se, de chofre, pela violencia, ou pela revolução. E' o theorema de todos os dias da humanidade. Theorema physico, como da agua que se acachóa e rompe as eclusas quando seu volume se torna maior do que ellas. Theorema preponderante em todas as relações cosmicas entre si, e em todas as relações sociaes com o individuo. Durante seculos, cresceu no Brasil a doutrina que ao homem concede o direito de matar a mulher, quando e como lhe aprouver sob o pretexto de loucura amorosa. Ultimamente, esta doutrina propagou-se de tal forma, que as mulheres eram assassinadas aos cardumes. Chegamos á belleza de estatistica de uma mulher assassinada em cada quatro horas, estatistica que convem mencionar repetidamente, a ver se cala no es-

pírito de nossos legisladores. O jury, composto de homens, absolvia, sem excepção, todos os assassinos de mulher, na dilatada attenuante da privação de sentidos. Absolvido pelo jury, abraçado pelos amigos, photographado como um heróe pelas revistas illustradas, o assassino voltava ao seio da sociedade vestido de aureola de celebridade galante. As mulheres viam isto com revolta mais que comprehensivel. Debalde, porém, clamavam, como temos clamado destas columnas, contra o absurdo da situação, na qual a mulher era considerada animal domestico, de cuja vida seu senhor podia dispôr livremente.

A sociedade, organizada como está, exclusivamente pela mentalidade masculina, fingia não comprehender. Privada do direito de voto politico, excluida do jury popular, sem nenhum meio de defesa no campo da lei, não se podendo mover sem a outorga do marido, escravizada pelo preconceito e pela convenção, a situação a que chegara a mulher brasileira não era de molde a contentar-lhe as mais singelas aspirações, neste momento de replasmação mundial, como muito bem o classificou Claudio de Souza, neste momento de prothese social, no qual em todas as sociedades do mundo se procura reparar as injustiças commettidas secularmente contra nosso sexo.

O fructo da compressão a que tem estado ella sujeita, ahi vem,

nem serodio, nem imprevisito. A mulher toma armas, e assassina. Defende-se a bala. Crime contra crime. Dente por dente.

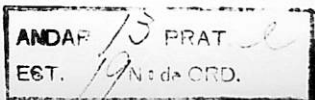
Este resultado, condemnavel e prejudicial ao equilibrio social, as demais sociedades mundiaes têm evitado. A nossa, porém, espera que o movimento de reacção que ora se inicia, tome proporções assustadoras para só, então, tentar esbarral-o.

O jury, por coerencia, vae ser obrigado a absolver as assassinas de homens, como absolvue sempre os assassinos de mulher. Vae estabelecer-se, pois, no Brasil a impunidade geral para os crimes passionaes, ou assim chamados. E dentre em pouco em vez de alianças de ouro trarão os noivos em cada mão uma boa pistola Mauser. E na cesta das noivas, entre os presentes de galanteria, figurarão os Smith Wesson, as Colbert, as carabinas modernas, os rifles americanos, e, quiçá, os canhões-revolver de mais aperfeiçoado modelo...

Não, minhas patricias, não devemos enveredar pelo caminho da revindicta e da violencia que não condiz com a delicadeza de nossas almas.

Pleiteemos nossos direitos, auxiliemos com todas as forças as publicações femininas, como esta, de propaganda de nossa causa. Nosso dia chegará como chegou o 13 de maio para os escravos negros...

ANNA RITA MALHEIROS.



O QUE DIZEM DE NO'S

Continuamos a transcrever nesta secção trechos de cartas que nos são dirigidas, cheias de entusiasmo, de apoio incondicional a nossa obra.

A transcrição destas columnas, de trechos dessas cartas que nos são diariamente dirigidas, poderá parecer a muitos um gesto da nossa vaidade, um gesto portanto passível de censura e reparo. Talvez haja razão nesse juízo, talvez fosse melhor que calássemos os triumphos que vamos conquistando, mas ao menos seja-nos dada uma desculpa, justificada pelo exemplo despertado pela transcrição dessas cartas. Muitas senhoras há que se interessam por nós, que acompanham com curiosidade e sympathia o nosso trabalho, que fraternizam conosco na nossa campanha em favor da mulher, mas, timidas, não se arrisgam a communicar a nós o que pensam e o que sentem. A maior parte dessas senhoras, depois que iniciamos esta secção destinada a levar a publico os applausos com que nos recebem, animaram-se tambem a trazer-nos a sua contribuição de louvor e de esforço, de affectuoso incentivo e de trabalho, para collaborar conosco na obra iniciada por Virgínia de Souza Salles, com o que, muito em breve, terá o seu remate final, que é a conquista definitiva de todos os nossos direitos.

Receamos fatigar a attenção das leitoras com as longas transcrições, que, vimos fazendo; ás que nos arguirem desse excesso responderemos que a culpa é menos nossa que das nossas preciosas amigas. O facto é que, tendo nós reproduzido trechos das primeiras cartas que nos foram enviadas, ficamos na obrigação de reproduzir os topicos das outras, e longe estavamos então de suppor que fossem tão numerosas as adhesões. De resto, a quem nos arguir de excesso, nos excusaremos com a melhor das excusas, que é a verdade. Na transcrição dessas cartas entra em grande parte a nossa vaidade, a honesta vaidade de quem se torna espectador do seu proprio triumpho...

Entre tantas cartas, seja-nos permitido destacar mais algumas.

Da exma. sra. d. Maria Aparecida de L. Marques, do Rio de Janeiro:

Que sublime ideal esse que anima as paginas da revista! Se não fosse ella, que seria de nós? Quem se lembraria de tomar a nossa defesa, de sahir a campo, de armas em punho, para combater em nosso favor? Todas as senhoras brasileiras, todas, deveriam auxiliar esta revista, trabalhar por ella, fazer mil esforços para que ella triumphe, impondo ao paiz, como uma força, as suas idéas.

Da exma. sra. d. Maria Franco Botelho, do Rio de Janeiro:

"A "Revista Feminina" é a melhor que conheço e é a unica rigorosamente moral, que se pôde entregar a uma moça e aconselhar a leitura em todos os lares."

Da exma. senhorita Clotilde Severiano de Padua, São Salvador, Estado da Bahia:

"A nossa "Revista" attinge em Setembro proximo o seu centesimo numero: é o nosso centenario. Porque não commemorar tambem essa data entre nós. São cem numeros editados, com conselhos dados, com ensinamentos, com lições precitiosas, com paginas de literatura, com lições de moral e de civismo e outros centos de cousas mais que dellas guardarão lembrança imperfeccivel todas aquellas que tiveram a ventura de ler a "Revista Feminina", o maior padrão de gloria da mulher patrial!"

Da exma. sra. d. Loys Zeller, Botafogo, Capital Federal:

"Foi com infinita satisfação que li o nonagesimo primeiro numero da "Revista Feminina".

Tudo nella é sublime! Desde o primor aos artigos firmados por talentosas escriptoras até o fim grandioso a que ella se destina — tal é a elevação moral e intellectual da mulher brasileira. — Não poucos pessimistas vir-se-ão desta brilhante tentativa. A mulher precisa antes de tudo cultivar a sua intelligencia, educar-se.

Em sua revista muita cousa apreciavel poderá encontrar a nossa mocidade.

Faço votos para que os seus esforços em defeza dos direitos sonogados á mulher brasileira sejam aureolados pelo mais completo exito."

Es como se exprime a exma. sra. d. Lucília da Cunha Villar, Lisboa, Portugal:

"A's bracos e intelligentes patricias de além-mar um abraço entusiastico e cheio de emoção. A "Revista Feminina" é o reflexo do sentir da mulher patria e a sua campanha em prol de um ideal é por todas nós seguida com interesse e com carinho. Cada numero que apparece é mais uma victoria e a edição de Abril está consagrada a ser assignalada nessa lucta gloriosa, como um dos mais brilhantes feitos do feminismo brasileiro.

Gentil amiga; junto mando uma lista de patricias que querem tomar assignatura da nossa querida revista e com pezar eu notei que algumas dellas ainda não conheciam a "Revista Feminina", porém esse meu pezar mais tarde se transformou em jubilo pois vi que quando folheavam as paginas do numero de Abril, ultimo que recebi, tinham expressões cheias de entusiasmo e admiração. Transformei a minha saleta de trabalho em uma succursal da "Revista Feminina" em Lisboa e aqui intelligente patria, faremos uma propaganda activa não somente entre brasileiras mas tambem entre as portuguezas, pois o destino das duas patrias está intimamente ligado.

Que os céos protejam as abnegadas patriotas que tão superiormente dirigem e collaboram na produção maxima do feminismo brasileiro, a "Revista Feminina".

Da exma. Sra. d. Maria Christiano de Andrade, Aracajú, Sergipe:

"Aproveito a occasião para renovar os meus votos pelo engrandecimento dessa "Revista", para a qual a mulher brasileira consciente deve trabalhar com orgulho."

Da exma. sra. D. Euínia Simas Magalhães, Guarujá (Santos), São Paulo:

"Esta ultima assignatura que peço é para as minhas manas, residentes no Rio de Janeiro, que tendo vindo passar uma temporada no Guarujá ficaram enlevadas com a leitura da tão util quão aproveitavel "Revista Feminina", e eu então prometti presental-as com uma assignatura, e que ora faço. Sou talvez uma das assignantes que mais propaganda faz da querida revista e creia-me que a espero sempre com ansiedade e durante o tempo que a leio esqueço-me dos aborrecimentos e do cansaço, causados pelos affazeres do lar, tornando-me até mais paciente."

Da exma. sra. d. Maria Luiza Marques, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul:

"Cecia, bondosa amiga, a "Revista Feminina" está fadada a ser a mestra, a conselheira e o guia de toda a mulher que se preza. E' presentemente em minha casa a unica revista que permito seja lida pelas minhas filhas."

Da exma. sra. d. Maria Antonia Baniuelo, Bogotá, rep. da Colombia:

"Nesse admiravel paiz passei quasi que toda a minha juventude; aprendi a conhecer as grandezas dessa bella patria; de perto admirei o ingenho dos brasileiros, porém o que mais profundamente tocou o meu coração de mulher foi ver que em São Paulo se publicava uma revista tão superiormente dirigida como é a "Revista Feminina". Tomei uma assignatura, ha sete annos e até hoje faço questão fechada de não perder um só numero.

Conversando com algumas amigas, em uma recepção, faltei-lhes com tal entusiasmo da "Revista Feminina" que todas quizeram conhecê-la; mandei as minhas colleções e de muitos d'ellas ouvi estas exclamações: que pena não conhecer o portuguez, para lêr esta joia.

Não fallo bem a difficil lingua de Camões, mas sinto-me feliz de conhecê-la o sufficiente para não me ver privada da leitura da mais util, da mais bella, da mais moral, patriótica e instructiva revista americana."

LIQUIDAÇÕES FEMININAS

O bello e vibrante artigo que se vai ler é da lavra de A. Leão Velloso, nome que se tem imposto á admiração de seus contemporaneos pela formação de seu espirito admiravel de polemista e de sociologo. Foi elle publicado no "Correio da Manhã", ao qual o eminente homem de letras empresta o fulgor de seu talento. E tanto o nome do autor, quanto o da brilhante folha carioca procam que vão impressionando os proprios orgãos da imprensa masculina com a campanha que de nossas columnas, com Anna Rita Malheiros á frente, se tem levantado contra os assassinos de mulheres... Esqueceu-se o denodado paladino das justas reivindicações de dizer que por estatística por nós publicada apurou-se que no Brasil de quatro em quatro horas um homem mata a mulher!... É espantoso esse indice de criminalidade que nos cataloga como paiz de assassinos natos!...

Quero ver só se aquelle individuo, que, na sexta-feira passada, após haver morto uma mulher a punhaladas, declarou na policia, textualmente, estar tranquillo com a sua consciencia, vai merecer as boas graças do nosso jury, com que têm contado todos os seus collegas de crime, matadores de mulheres. Pela voz de um de seus orgãos mais legitimos, o jury, a sociedade brasileira, pôde-se dizer sem exaggero, consagrou o principio hediondo do direito de matar mulheres, toda vez que qualquer desses representantes do sexo affectivo, como lhes chamam os positivistas, tem a desgraça de despertar no coração, nos bófes ou onde mais seja do homem, sentimentos de ternura, de despeito, de amor ou de colera. Ai daquella que não consegue passar despercebida e que pela força de seus encantos attrae a attenção de algum mortal filho de Adão!... porque desde esse dia começa a pairar sobre a sua cabeça a ameaça de uma sentença de morte. Agradou? deleitou? empolgou algum marmanjo? pôde contar que nunca mais a abandonará a sombra sinistra de um punhal ou de um revólver. Um homem que ama ou que faz semblante de amar é, no Brasil, perante a justiça brasileira, o legitimo possuidor do triste objecto de seu lyrismo, delle dispõe com a autoridade soberana que só os reis absolutos têm sobre os seus escravos. O amor é, entre nós, uma fórmula de escravatura, e como não ha escravatura sem senhor, e como esta, do amor, foi inventada pelos homens, não haveriam elles de escolher para si o logar de servos e galardoados-se, pois, com o de donos, reservando-se o direito de todas as posses, inclusive a da vida de seus prisioneiros.

Deante de repetidos casos de assassinios de mulheres, somos forçados a admitir que de facto, se ainda não está firmada em lei a doutrina do direito de matar mulheres, ella existe realmente e vive onde melhor fóra asyilar-se, no animo dos juizes que, na emergencia de um crime, medem a culpa ou a innocencia de quem o praticou. Não é preciso que o Código Penal estabeleça a nullidade de applicação do seu artigo 194 quando fóra a victima uma mulher, porque, embora não especificada no código, a impunidad dos matadores de mulher constitue um direito de facto, garantido pela jurisprudencia dos nossos tribunales, que toda vez que têm deante de si, para julgar, um réo que matou a sua ou a alheia esposa, este pôde contar com a absolvição do jury.

Não creio que os cidadãos circumspectos que, pela boca dos juizes, proferem a sentença do tribunal popular sejam assim tão grandes inimigos da mulher, que não possam olhar uma desaparecer, a força, dentre as vivas, sem que consigam reír o seu deshumano jubilo, traido na absolvição do réo. Se não é, pois, um odio irreprimivel que os impelle a abrir as portas do carcere a todos os matadores de mulher, outra causa deve existir, que, por muito poderosa e reputada de grande valor pelos homens, os leva a essa attitude systematica de acquiescencia, applauso e quasi solidariedade nos crimes de morte, quando

delles resulta a destruição de pessoa do sexo feminino. Trazendo os assassinos de mulher, como a um irmão, para o seio da sua sociedade, uma vez que nelles não querem premiar o heroe de qualquer facanha meritória, comparavel áquella de Hercules quando matou a Hydra de Lerna ou á de Bellerophonte destruindo a Chiméra, só podem fazel-o arrastados pela convicção de que esses individuos contribuem, de certo modo, para a segurança do sexo forte, mostrando ás mulheres, de quem os juizes de direito e de facto também têm os seus receios, que ellas, por muito que hajam caminhado no terreno das conquistas liberas, ainda têm, no Brasil, para conter-lhes a marcha, esse digue ferrenho representado pelos punhaes de todos os homens. A magnanimidade da justiça brasileira para com os assassinos de mulher constitue uma especie de paz armada, que os homens temerosos julgam oppór á livre expansão feminina. Os assassinos de mulheres voltam á sociedade, para que ellas todas vejam que no seio da consciencia dos brasileiros ainda reina essa estranha e barbara noção de que o homem tem direito á vida da mulher a que o prendam liames de affecto, ainda quando ella não os deseje e nem seja obrigada a os desejar.

É esta a unica doutrina que pôde decorrer da attitude da justiça brasileira, em relação aos matadores de mulheres, e, como se vê, de consequencias muito sérias e reclamando medidas de defesa da parte do bello sexo. Por isso, eu que vejo, com jubilo, as minhas patricias reivindicando uma porção de direitos para si, ouso aconselhar-lhes que, antes de qualquer passo maior, tentem uma campanha, cruzada ou coisa que melhor nome tenha, em favor, tão simplesmente, do sagrado direito de viver. Emquanto as mulheres brasileiras continuarem a ver, em cada bofem, um assassino embuçado á espera do menor abalo nervoso para engatilhar a sua arma de fogo ou sacar do seu punhal, não ha campanhas emancipadoras que as tirem da mesquinha condição de escravas. Algum resultado poderão colher, é verdade, da admissão nos diferentes generos de actividade até hoje defenidos pelos homens como presas que houvessem conquistado para si. As portas das fabricas e das repartições publicas, das profissões liberas estão-se-lhes abrindo a pouco a pouco. A custa de muita tenacidade, têm as mulheres convencido os outros viventes de que lhes assiste a extraordinaria regalia de ganhar o pão que lhes mate a fome. Por isso, nós as vemos entrar, hoje em dia, nas repartições publicas, innumeradas vezes por meio do concurso, demonstrando assim que a presumida inferioridade feminina só se justifica com a fraqueza physica da mulher. As brasileiras, porém, não se devem contentar com essa especie de emancipação burocratica, que lhes permita um logarzinho dos escriptorios do governo. Devem congregar as suas forças para enfrentar, com coragem, esses seus inimigos, os homens, que, quando não se julgam no direito de mata-las, se creem no dever de libertar os seus assassinos, o que vem a ser, mais ou menos, a mesma coisa.

Todos os processos de liquidação summaria têm usado aqui os homens para acabar com essa creatura que Deus lhe deu para companhia da vida. Os mais impetuosos operam á luz do dia, sem nenhuma cerimonia, expõem ao sol as entranhas de sua victima, com a mesma natural bruta de quem usam os magarefes quando esfolam as rezes nos matadouros; outros, mais cheios de ardil do que coragem, preferem confiar suas esperanças ao poder deleterio e subrepticio dos venenos. Ambos os generos, porém, resolvem, com a mesma segurança, o futuro das que delles lançam mão. Morreu a mulher, de um golpe, por conta de um pontazo? Definiu a pouco e pouco, foi-se-lhe apagando, sem alarde, a lampada da vida, por força dos toxicos? Pouco importa, porque a jurisprudencia brasileira já firmou, nas sentenças de seus tribunales, tantas vezes repetidas, a doutrina hedionda de que ao homem é licito matar a mulher. Quantos foram os crimes dessa natureza, commettidos no ultimo decennio? Quantas as absolvições? É fazer a conta, e teremos uma estatística lugubre, que pôde á mostra esta verdade disforme e repulsiva: no Brasil quem mata uma mulher pôde contar com a impunidad

e até com a sympathia dos homens. Nos ultimos tempos, só sei de um matador de mulher condemnado pela justiça da minha terra. Foi aquelle pobre louco que atirou contra a sra. Indio do Brasil, em uma crise de desvairamento tão evidente, que motivo algum, de nenhuma especie poderia sequer explicar-a; um crime de morte assim perpetrado sem móvil e nem objectivo, é o attestado mais flagrante e pavoroso que um homem pôde dar de sua loucura. Este, porém, foi o caso singular para quem achar justo o castigo do carcere. Todos os demais tiveram suas portas abertas e com maior fragor quando ao sangue se emprestou o papel de tirar nodas, função confiada, em condições normaes, á benzina. Os braços da sociedade brasileira tanto se abrem, para receber, em um amplexo de affectuosa

sympathia, os matadores de mulheres, que até de outras terras elles nos vêm procurar, certos, porque a noticia já lhes chegou, de aqui encontrarem um ambiente favoravel.

Verdade seja dita que ultimamente as mulheres tambem vão aprendendo o caminho das casas de armas prohibidas. Melhor fóra, porém, que ellas — e tomo muito interesse neste conselho — ao invés de recorrer á pena de talião, que não pôde, certamente, merecer a sympathia da sociedade, trata-rem tambem de conseguir sua entrada para o tribunal popular, julgando então e condemnando os assassinos de suas companheiras de sexo, para servir-lhes de lição, tal qual fazem os homens que os absolvem para exemplo e espantallo das mulheres.

PELA MULHER

O absolutismo de certos principios na sociedade, ainda quando estes se apoiem em tradições seculares, acaba por caçar o espirito collectivo e por desviar-o a pouco e pouco do seu interesse, até que a onda da reacção se levanta, vaga em começo, mais perceptivel depois e, finalmente, volumosa e formidavel, prompta a enfrentar a rotina, a combatel-a, a destruir seus vellos moldes.

Nova doutrina então surge, novos apóstolos se apressam a propagar o seu culto nos arraiaes da consciencia humana, e o numero dos proselytos augmenta á proporção que uma conquista nova vem abrir fecundas perspectivas de novas conquistas.

Tem sido assim em todas as formulas politicas, philosophicas e religiosas que o passado nos legou, e, a transição decorrente do paganismo á religião de Christo, do imperio á republica, da aristocracia á democracia, evidentemente demonstra esse libello que os seculos vão fazendo uns aos outros, na investigação perquirente dos seus factos, na critica dos seus erros, com o louvavel proposito de melhorar, de progredir.

A incondicional submissão ao passado, o rigoroso respeito ás tradições não possideram nunca figurar como um credo permanente nas successivas phases da humanidade. Ao que foi hontem elemento principal de uma civilização, hoje, nessa moderna orientação da vida, a lei da evolução já não consente senão um lugar secundario que cada vez mais se estreita e diminui.

Assim, é a lei das castas vencida pelo conceito da igualdade humana, é a guerra de conquista ollhada como aberração ante os protocolos da diplomacia, é a sciencia sobrepujando a arte — impotente para acompanhar-lhe os voos —, são os problemas de utilidade geral e pratica substituindo o sentimentalismo medieval, é a humanização dos sentimentos sociaes arredando para bem longe o caracter escravagista e dominador das civilizações antigas.

E, se é logico e racional que tudo se aperfeiçõe e progrida, fuggindo de apertadas concepções para mais ampla expansão no tempo e no espaço, como se explica e justifica o systematico atrazo das leis relativas ás condições juridicas e sociaes da mulher?

Como conciliar essa limitação absurda traçada pelos codigos no dominio das conquistas liberas, com as curvas e sinuosidades da fronteira onde a abandonam, não mais guardada hoje pelo espirito cavalheresco e sentimental que distinguia os homens da idade média?

No pé em que se encontra a questão feminista sob o ponto de vista economico é uma crueldade, uma anomalia aberrativa a situação em que permanece no terreno juridico ou legal, sob argumentos, já por demais rebatidos, da preconcebida idéa de inferioridades biologicas. Ha todo um acervo de provas, victoriosamente accumulado dia a dia, demonstrando a sociedade o grio de aptidão e de coragem da mulher na luta pela vida.

Não obstante, as leis não avançam na proporção desta luta e se já não mantêm o circulo de ferro que lhe tolhia os movimentos, mantêm-na, ainda assim, acorrentada a mil prejuizos, a mil absurdos que, lhe cercando o exercicio de facultades as mais nobres, mutila os melhores ideaes de independencia e dignidade.

E isto quando a vida mudou, e o homem ou evita as responsabilidades de um lar ou já não o preza como fóra mistér; e isto quando a mulher sente cada vez mais fugir-

lhe a protecção do homem, solicitado por todos os multiplos aspectos da vida exterior!

É a impressão de que vai resvalando o esteio do seu natural apoio, corresponde a convicção dolorosa de que sómente em si propria, no seu esforço individual, reside no futuro a salvação possivel.

Mas as leis restringem tanto o campo da acção feminista que é preciso uma energia titanica para que se possa afirmar o seu direito de viver.

E nada justifica essa impiedade das leis!
— "São impoedentes todas as razões invocadas pela dialectica do egoismo masculino" — diz Clovis Bevilacqua; — "o que mantem a condição juridica inferior da mulher é o peso esmagador da tradição, que nos tolhe os movimentos e nos tira a lucidez da visão..."

Então, é forçoso romper com a rotina, uma vez que esta se ampara em bases tão pouco ponderantes! Já não prevalece para a sociologia a vencida questão da inferioridade biologica; e o principio barbaro da desigualdade legal dos sexos tem sido valentemente combatido por sociologos innumeros e insuspeitos professores de psiquiatria.

A conservação de leis e costumes caducos não tem mais razão de ser. O movimento feminista é só por si sufficiente para uma medida exacta da capacidade juridica e social da mulher.

De longe ella vem, com a tenacidade e a constancia que a todos não é dado ter, firmando o seu valor atravez das etapas dolorosas de um progresso que tanta má vontade busca interceptar ou coagir.

Do que foi ao que é — a differença é enorme!

Da mulher — besta de carga dos antigos tempos; capricho de aventureiros ousados; delicada flor de estufa; mera figura de ornamento, leve, fragil, ignorante e nulla; da mulher intelligente e activa de 89, agitada pelo choque brutal da mais violenta revolução social registrada nos annaes da historia moderna; da mulher elevada pelo culto de Maria Virgem, pela aristocracia repellido e por Napoleão deprimida e desdenhada, — até á mulher dos nossos dias, que eu não sei como deva ser descrita para melhor analyse nem como deva ser analysada para mais justo julgamento, vai um marco tão fortemente assignalado que só não o sabe errar quem delle foge para melhor abroquelar-se nas concepções do passado.

D'ahi esse constante aspirar das reivindicaciones femininas, visando uma situação social mais concorde com a evolução geral e mais consentanea com o espirito do seculo. Ante a incoherencia das leis que lhe concedem tão pouco, quando a sociedade tanto exige della, a mulher protesta e reclama por mais largos direitos, num choque de necessidades prementes, cada vez mais exigentes e inconciliaveis.

Demais, o direito não é uma concepção intangivel, "é um principio que se transforma, segundo as necessidades da sociedade".

E a sociedade actual não comportará, sem flagrante contraste, dentro dos seus moldes largos, liberas, eminentemente humanos, o desenvolvimento exclusivo da metade de suas forças, multando-se na outra metade.

Modifiquem-se, pois, todos os codigos de accordo com os principios desse espirito de humanidade, no qual se inspira o senso pratico dos sociologos modernos.

Recife.

EDWIGES DE SA' PEREIRA.

TRABALHOS FEMININOS

BORDADO BRANCO

CAPAS PARA CADEIRAS

O bordado branco, seja como for, é ainda o preferível sob todos os pontos de vista que se queira encaral-o: pela sua beleza ou pela sua facil combinação com as demais peças de um aposento; pela facillima confecção ou porque está sempre em moda. Sempre é o preferido.

E agora mais do que nunca, desde que a ornamentação da casa que era quasi, arte exclusiva do tapeceiro, se viu modificada pela introdução do linho, de um momento para o outro.

O linho, chamado, de mobiliario occupa talvez o mais importante lugar para a decoração de um aposento; assim nós vemos as poltronas estufadas, estores, guarda-roupas, toalhas, abat-jours, cobertas para piano, para mesa, cortinas, finalmente, quasi que tudo que só era confiada a uma tapeçaria, substituído pelo linho branco bordado.

Os modelos que ora oferecemos são os mais

bonitos dos que chegaram e tornam-se notáveis pela sua originalidade, como os dois primeiros que são proprios para encostos de poltronas ou então para

a cobertura das mesmas, desde que não se queira, bordar na propria poltrona, o que é muito pratico.

O primeiro, representa o Outunno, isto é, o adeus aos passaros que demandam de zonas mais quentes e o segundo o Inverno, onde dois amores fazem os primeiros preparativos contra o frio que já se faz sentir.

Estes dois modelos, não apresentam difficuldades, somente exigem uma paciencia muito cuidadosa, por que dada a sua composição qualquer negligencia poderá acarretar si não a perda total do trabalho, por é m vicial-o com imperfeições que fatalmente se tornarão salientes.

Como se vê as suas linhas são precisamente regulares e ahí está a razão da nossa recommendação acima feita.

Decorado em Richelieu, sobre um fundo de bridas festonadas

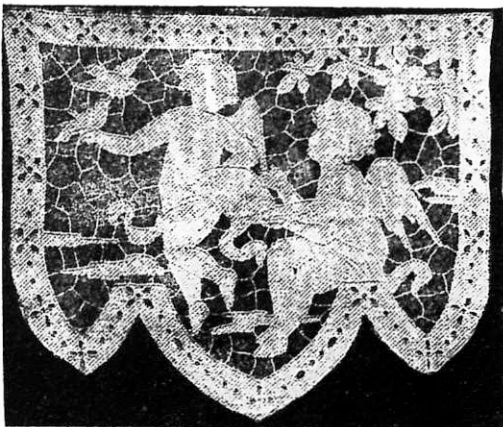


FIG. 1 — Artística capa para cadeira (O Outunno) — Tamanho natural preço 355/90

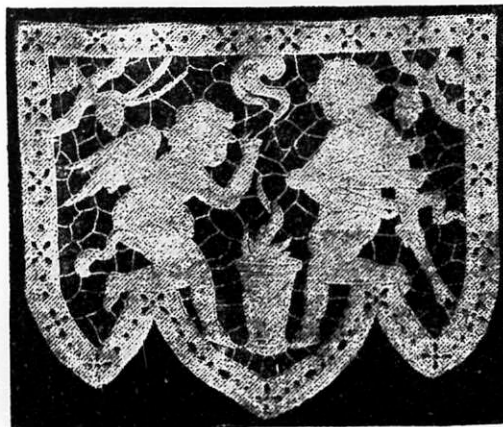


FIG. 2 — A mesma capa symbolizando o Inverno

emoldurado á inglesa e os detalhes interiores algumas vezes feitos em ponto de festão fino e outros em ponto de cordonet.

Com as capas bordadas desse modo, podemos cobrir as poltronas e mesmo as cadeiras, durante todo o anno, sem necessidade de outros modelos para inverno ou verão.

SERVIÇO DE CHÁ

A fôrma e a decoração que se tem dado ao serviço de chá, não é muito original, pois ainda predominam as fôrmas geometricas não só sobre o panno como também sobre os motivos.

É verdade entretanto que até bem pouco tempo as flores, folhagens e outros assumptos foram banidos no bordado branco para a confecção de serviços completos, sendo substituídos pelas figuras geometricas que ainda continuam a constituir a nota distinctiva.

Assim, nos modelos que se vêm nesta secção, nota-se a preocupação dos desenhos quadrados e linhas regulares.

A serie de pequenos quadrados como se verificam nas figuras 3 e 4, emoldurados ainda á inglesa, picotados e dispostos em um quadrado maior representa um verdadeiro achado.

Fez-se incluir nas proprias toalhas elementos até então extranhos: quatro quadrados de rendas "princeza", com um fundo de bridas festonadas, folhas cheias de uma variante do filô para realçar

o seu encanto. A phantasia dos bicos ingleses completam esta obra de gosto. Nos cantos feixes de ilhós ampliados e fios de cordonet. Uma fileira de bridas contornadas isola o grande quadrado central.

Esse lindo modelo da fig. 3, para mais destacar o seu effeito deverá ter no minimo 1 metro e 15 centímetros, sem o fim picotado que o limita.

Presta-se admiravelmente para as mesas quadradas hoje tão em voga.

O pequeno guardanapo, da figura 4 é uma agradável repetição do motivo central da toalha, com 31 centímetros de lado; como a toalha deve ser tambem do mesmo formato, com os quadradinhos que os tornam mais atrahentes e que são feitos da seguinte maneira: começando-se em um angulo do quadrado, e contornando o bordo no ponto de cordonet, até ao meio de um dos lados; depois faz-se tres pontos de argola, em um e outro, como se faz para as bridas picotadas; continúa-se a trabalhar no ponto de cordonet ao longo do bordo restante.

Feito um lado do quadrado, da mesma maneira se faz o resto.

Nos quadrados de rendas temos um unico ponto de phantasia que é o de filô simples. Este ponto como já dissemos não offerece difficuldades.

O volante, hoje tão em voga, assim bordado além

de ser um ornamento para vestidos de muito realce tem outras applicações, caso se queira dar.

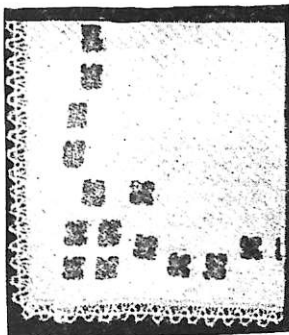


FIG. 3 — Guardanapo para chá
Risco em tamanho natural, 165 x 165 cm

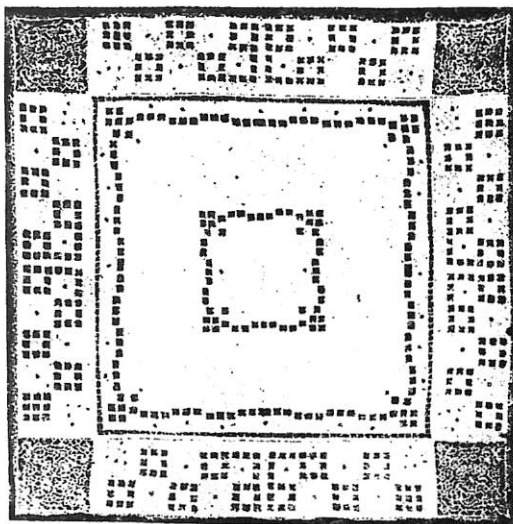


FIG. 4 — Distinta e finíssima toalha para mesa (serviço de chá)
Risco em tamanho natural, 48000

GRANDE MOTIVO DE FILET "A CAÇA"

É simplesmente bello o motivo do filet da gravura 5. Buscado na tradição do século XVIII, é uma peça que tem algo de grave e de delicado que vem substituir com vantagem as antigas tapeçarias. Com uma altura de 70 centímetros por 50 de largura, contando 207 malhas sobre 154 é particularmente adequado para uma sala de jantar, como estore.

O bordado sobre o filet, cuja technica às vezes é de um classicismo raro, atinge neste modelo o maximo de seu effeito. Assim as dobras do manto parecem flexiveis, nobre a attitude do caçador e espontaneo o entusiasmo dos cães.

Neste trabalho precisa não haver negligencia: bons olhos, muito cuidado, uma sabia paciencia, eis o que são precisos, e está tudo feito.

VOLANTE
EM
BORDADO
BRETÃO

Desde que trata-mos de bordado branco, não nos parece fóra de proposito o volante em bordado bretão muito proprio para tunicas, vestidos e roupas de creanças.

Tal como mostra a gravura 6, o volante mede 65 centímetros de altura mas precisa ficar entendido, que a sua decoração é propria para um tecido, filó, bem mais alto para que o motivo não fique muito proximo da extremidade superior.

A technica do bordado sobre o filó não apresenta difficuldades: é collocar o desenho sobre o panno e alinhavar pelos seus contornos.

É preciso que esta operação seja feita com todo

o cuidado; della depende todo o successo do trabalho.

O desenho visto em transparencia, guiará a agulha de quem trabalha, sem riscar ou puchar outros pontos do filó, por sua natureza muito delicado.

Todo o trabalho, como esse, executado em ponto de cerzir é de um feito muito rapido.

As diferentes grossuras da linha darão mais ou menos o necessario relevo.

O motivo principal engastado por linha grossa, duas vezes em pontos que se contrariam é cheio de pontos de cerzir.

Alguns bicos ingleses ampliados em relevo enriquecem e terminam o trabalho.

CENTRO DE
MESA

No mobiliario moderno, o classico atalhado foi substituido pelo centro comprido e estreito, de modo que as partes lateraes da mesa fiquem totalmente descobertas.

O motivo da figura 7, bem trabalhado é de um effeito encantador, não só pela sua cor de seda crua como tambem pela decoração variada e caprichosa, harmonizando-se a riqueza com a distincão.

O quadro central e os dois medalhões que o compõe, repetidos em cada extremidade são em ponto de rendas princeza sobre fundo de bridas festonadas em picot e as flores e folhas cheias em pontos de Hollanda.

Estes pontos se obtem enlaçando o fio de um bordo ao outro dos contornos, a se encher, a principio no comprimento e depois na largura, de modo que os pontos se contrariam formando, quando o trabalho terminar uma especie de cerzadura.

Este centro deve ser confeccionado para as mes-



FIG. 5 — Grande motivo de filet "A caça", para estores de sala de jantar

quadradas, de modo que tome toda a sua extensão; isto porém não quer dizer que não sobresaia nas mesas rectangulares, porque o modelo que ora offerecemos tem 1 metro e 45 centímetros de comprimento por 58 de largo.

Os riscos dos modelos descriptos e que temos presentemente na redacção, cedemos por um preço mais que razoavel, como se vê nas legendas junto aos clichés, e o pagamento por nós pedido destina-se ás despesas de papel apropriado, porte do correio e o restante constitue uma gratificação dada a uma senhora encarregada desse serviço.

De ha muito que assim fazemos, visando unicamente facilitar as nossas amigas e assignantes, pois além de exigir um tempo mais ou menos longo, principalmente em se tratando de pessoas que não têm pratica para ampliação é ainda, podemos dizer maçante, pois requer uma paciencia chinesa.

Ha trabalhos que um minimo detalhe olvidado desmancha todo o seu effeito, enquanto que outros, ás vezes parecendo mais difficeis, custosos ou com-

plicados, a falta de um ou mais detalhes não prejudicam o motivo. No linho branco, são communs

esses factos, de modo que, quando se propuzer fazer uma ampliação deve se ter o maximo cuidado na verificação do motivo, afim de que seja tudo proporcionalmente feito, principalmente quando encontramos applicações de filet.

Outros ha que não exigem esse cuidado em demasia, de modo que uma ou outra falla pouco alterará o conjuncto, porém por via das duvidas, não convem desprezar todo e qualquer detalhe.

Os modelos que illustram esta secção foram tirados uns dos ultimos figurinos chegados e outros adaptados de modo que acompanhando o novo estylo da epoca, apresentem um conjuncto harmonico. E

d'ahi a difficuldade de se organizar uma secção desta ordem, para não cahirmos na banalidade da copia continua de motivos que nos trazem os figurinos e pranchas francezas ou norte-americanas, que as leitoras da Revista conhecem e que estão expostas nas livrarias e casas de armarinho.

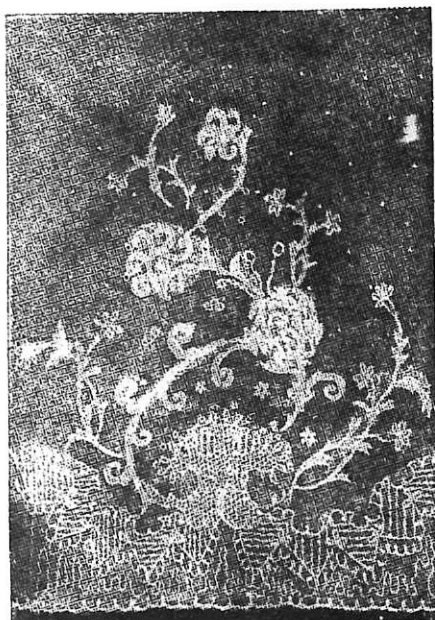


FIG. 6 — Lindo volante em bordado bretão, para tunicas, roupas de creança, etc. — Risco, 65 cms., preço pelo correio, 4\$000

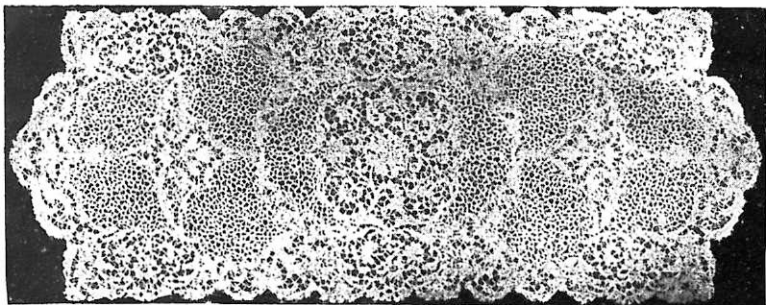


FIG. 7 — Rico e caprichoso centro de mesa em rendas Princesa e Milão

O julgamento de uma mulher!

Devem estar lembriadas nossas leitoras do acto de desvario de d. America de Araujo Penque, que, abandonada e ultrajada pelo marido, assassinou-o. Esta senhora acaba de ser levada a jury por seu crime, e o jury absolveu-a. Sem alegrarmos-nos com este resultado, pois que nunca apoiarmos a violencia, e menos ainda o crime, não podemos deixar de confessar que o jury do Rio de Janeiro mostrou-se coerente, pois absolvendo como absolve todos os assassinos de mulher, com a excusa da paixão passional de sentidos, não poderia deixar de aceitar a mesma excusa tratando-se de crime mais fraco, como a masculinidade sua classifica, e mais susceptivel da influencia dos elementos de desequilibrio passional.

A defesa esteve a cargo do jovem advogado dr. Merolino Corrêa, cuja oração a falta de espaço nos prohibe de transcrever, o que lamentamos, e do dr. João da Costa Pinto, cuja formosa oração damos abaixo:

Falla o advogado João da Costa Pinto:

Quando o juiz presidente do Tribunal do Jury concedeu a palavra ao advogado de defesa de America Penque, um fremito de ansiedade perpassou pela numerosa assistencia, composta em sua maioria de senhoras. A ré chorava copiosamente. O advogado Costa Pinto, principiou o seu discurso dizendo ser grato á ré por tel-o accetito como o patrono de sua causa e assim o distinguindo entre os innumeros collegas que para o mesmo fim se offerceram. Diz que se isso não tivesse acontecido não se sentiria bem, em ficar ausente dos debates de uma causa, onde mais do que um crime de homicidio, vai se julgar a honra e a dignidade da mulher brasileira.

Declara que a sinceridade com que irá cumprir o seu dever, tranquillisa a sua consciencia e avizora a sua energia. Estuda primeiramente a mulher como filha e diz que, em nenhuma outra raça é encontrado mais completo exemplo de obediencia e de carinho. Esperança que se desabrocha para o futuro da familia, a mulher, como filha, diz o orador, é a suprema ventura de seus pais, e de seus irmãos; aos primeiros proporciona a par de confortadora caricia e respeito absoluto pela sua honra e pela sua virtude; aos segundos cumula com os seus carinhos de segunda mãe, ajudando-os a criar, com todos os desvelos de sua alma pura e cheia de esperanças no futuro. E assim educada na lar, onde a harmonia é solidificada por uma amizade que não encontra paralelo no confronto effectivo com as outras raças, a mulher brasileira sente pulsar pela primeira vez o seu coração virgem, no momento em que este, obedecendo á attracção natural, elige em segredo, o seu anado, aquelle que em um futuro proximo, vai dispor do seu destino, que tanto pôde ser um paraizo, como um inferno.

A vaidade natural do sexo, o ambiente simples e cariñoso da sociedade em que vive, a distincção augmentada no proprio lar paterno pelo seu novo estado de noiva, as caricias dos conselhos maternos e a ignorancia acerca da hypocrisia social directa e deseajavel typo da mãe de familia, da companheira, cmfm.

Estuda a mulher como esposa e como mãe e nessa phase bellissima da vida feminina, é que se perpetua e consagra o valor de nossas patrias. Possuindo sempre um amor excessivamente arraigado, uma dedicação esmerada e desigualavel desvelo, a esposa é a companheira das nossas alegrias e desventuras, do riso e do pranto, do goso ou da dôr, e sempre com a sinceridade inconfundivel que as glorifica e exhorta. Na dôr, na miseria ou nas ancias da fome, a esposa, olhos negros, faces encovadas, corpo emmagrecido e sem adornos, jámais deixa o homem surpreheida-lacrimosa e triste, porque ao divisal-o, a mulher esposa sorri para elle, exteriorisando uma ventura de que é orphã, alegria que não sente e que não pôde conhecer nestes momentos de necessidade. E este sorriso como o

desabrochar de uma manhã radiante de sol e claridade, substituta de uma noite de tempestade e tristeza, infiltra no homem esposos novas energias e novas esperanças para a conquista de um ideal, ás vezes só concebivel no animo e no cerebro dos que soffrem e dos infelizes.

Mãe — é desnecessario descrevel-a — na saude dos filhos, é a carinhosa educadora do corpo e a formadora da alma; na enfermidade é a enfermeira solícita e cuja sciencia intuitiva lhe é ditada pelo coração alanceado de dôr e desespero; não tem somno e na sua vigília junto ao leito do enfermo querido com o semblante emsacado, demonstra, embora sem o querer o esforço sobrehumano feito, no desejo ardente de ver o filho salvo; não tem fome, recusa os alimentos, e mais descorada ainda, sente todavia e cada vez mais a energia estupefacta do affecto que a sustenta, como a guardiã de um thesouro immenso representado naquelle anjo cujo soffimento é tambem o seu. E é aos representantes deste sexo que se quer diminuir, negando-se-lhe o direito perfeitamente compativel com o adiantamento da sociedade moderna. Louzamente o orador disserta sobre as qualidades femininas para concluir pela equaldade de ambos os sexos nos direitos matrimoniaes. A seguir o orador passa ao processo, pedindo ao Jury para abandonar as provas de accusação, todas ellas tendentes, apenas, a confirmarem a autoria e a materialidade do crime, o que aliás não é negado pela deteza nem tão pouco o foi pela ré. Mas, para que alguém possa ser punido por um crime, e de accordo com o Codigo Penal, não basta a certeza da existencia do crime ou de quem seja o seu autor, é imprescindivel que este tenha agido com raciocinio completo, afim de que surja o terceiro elemento, o concurso da vontade, tambem conhecido, por concurso moral, e assim fique perfeitamente definida a responsabilidade penal.

Neste terceiro elemento é que deve residir toda a discussão deste lamentavel caso.

Historiando os antecedentes do crime, salienta que a ré unio-se á victima, quando ainda era uma criança de 16 annos, e somente prima de seu marido maior era a confiança nelle depositada. Desereve os primeiros annos de casada em que a ré procurava com o seu esforço, auxiliar a organização de um peculio para a familia. Relata o progresso de Isaac Penque, já agora estabelecido com a industria de sabão, á rua Visconde de Duprat, e neste ponto começa o orador a descrever como foi admittida no casal a criada Emilia, e segundo informa ao Jury, isto foi feito por intermedio de America Penque, condoída do estado de penuria em que vivia aquella mulher. Descreve a primeira suspeita, a differença de trato do esposo e o caminhar dos acontecimentos até a surpresa do brutal espancamento soffrido pela ré. Refere-se á queixa levada por America á policia, cujas providencias não foram levadas a cabo, devido á terminante excusa dos douts adulteros.

Lendo os documentos, prova que Isaac Penque conseguiu fazer com que a ré assignasse escriptura de venda de douts terrenos, feita ao Dr. Alves de Carvalho, por seis contos de réis; e sua precipitada transacção, vendendo a fabrica e a sua fuga imediata para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em companhia da criada Emilia e do abandono da ré e dos filhos do casal. Prova que a victima trocára de nome e, dizendo enamar-se José de Oliveira, fez um deposito de 6:000\$ no Banco Nacional do Commercio, de Porto Alegre. Refere-se ao seguro de vida feito por Isaac, em favor de sua esposa, na Companhia Equitativa, e do atrazo e consequente perda do mesmo seguro por falta do pagamento, coincidindo este facto com a data do adulterio; compara este procedimento da victima com o seu acto prodigo para com a amante, que recebeu 20 contos de um seguro feito por elle.

Confronta ainda o procedimento da victima com o da ré, depois de abandonada, e cuja conducta prova ter sido inatacavel, lendo cartas abonadoras de pessoas conceituadas, entre as quaes cita as seguintes: José Mendes Leal, cirurgião-dentista; Pedro Mariano de Campos, guarda-civil; Olympio José de Alvarenga, negociante; Guilherme Szabra, proprietario do Palace-Hotel, de S. Paulo; Oscar

Floux & C., negociantes e capitalistas; Dr. A. de Souza Cunha, medico, e, finalmente, dos Srs. Mendel & C., ex-patrões da ré, e com estes documentos prova a honestidade de America e que esta sempre trabalhou para manter os filhos. Relata o regresso da victima e de sua amante a esta Capital e as noticias que chegavam ao conhecimento da ré, que de taes noticias fazia um archivo no seu espirito já enraquecido pelo continuo soffrer.

Cita, após, o soffrimento da menor Waldyra, e o seu recolhimento como indigente na Santa Casa de Misericordia de S. Paulo, que isso attesta: descreve os padecimentos da ré, e como esta procurou o marido para supplicar-lhe recursos para a filha de ambos e que morria como miseravel; e frisa a resposta deste: *E's moça, procura um protector e deixa-me em paz.*

Esta phrase emociona a grande assistencia e o Jury, e o orador, baseando-se em Ribot, Evaristo de Moraes e em outros autores, sustenta ter a ré agido sob o dominio absoluto de uma idéa fixa. A ultima affronta, cheia de brutalidade, fez passar no espirito da ré, como se fóra uma fita cinematographica, todo o seu passado e todo o seu presente tão cheio de amarguras, originando os actos preparatórios e o consequente crime pelo qual responde agora.

O procedimento da ré, comprando a arma em S. Paulo, a sua vinda daquelle Estado a esta Capital e o seu gesto tragicico, são actos que reflectem a morbidez do seu espirito e o transbordamento das dóres accumuladas na sua alma que não podia soffrer mais.

Sustentando a privação de sentidos e de intelligencia pelo que pede a absolvição da ré, o orador entra a perorar da seguinte fórma: Como hei de terminar, senhores jurados, como hei de finalizar esta defesa que me empolga e arrebatá? Naquelle banco, por onde têm passado tantos criminosos, como igualmente tantas victimas da fatalidade, senta-se neste momento uma mulher.

Os grandes compendios de direito criminal, cuja organização é um attestado vivo de uma pujante pleiade de pensadores e praticos, não puderam ainda transportar para suas paginas, soffrimento igual, desgraça parecida.

Escapou á perspectiva dos mestres, o martyrio de que nos dá noticia estes autos e a ré, curvada ao peso do seu calvario, bem pôde dizer commigo: olhae jurados, pela estrada da vida e vede se ha dor igual á minha. Fui criança e não senti a vida, tive mãe, pai e irmãos e eu me lar honesto nunca senti frio nem fome; fui feliz e ainda hoje me recordo com carinho, das esperanças que meus pais depositavam no meu futuro que o destino torceu e fez desgraçado.

Tendes filha jurados, ella é feliz? Velai por ella — eu tambem o fui. Fui moça, e amei e como vossa patricia cujo coração não mente, digo-vos para mim a vida era amor e amor era elle, o homem que depois matei, após ter-lhe seguido os passos e ter acreditado nos seus protestos e juras de amor infundavel. Tendes filha, jurados? Velai por ella, porque a desgraça pôde espirital-a como a mim. Fui esposa e entrei no meu lar com a virgindade plena de minha alma e de meu corpo, e foi elle quem, na embriaguez de uma esperança fomentada, roubou-me a honra maculou-me o corpo e varias vezes me fez mãe. O futuro foi a negridão da maldade desse homem exercida com a superioridade de um bruto e essa misera realidade só a percebi quando elle mostrou-se tal qual era.

Tendes filha, jurados? Velai por ella, porque a dor pôde encontrar-a.

Substituindo-me, elle o fez por uma criada de servir a quem eu havia acolhido, penalizada com a sua miseria e o desfecho foi o seu acto perverso e deshumano. O desprezo foi o premio das noites de vigilia que passei pensando nelle.

Fugio e com elle levou a alma da mulher que elle conheceu virgem e que tão levemente esquecera como se fóra um cão leproso, cuja enfermidade asquerosa repugna e afasta. Tendes filha, jurados, e por isso olhai para mim e velai por ella. Aqui fiquei, só e ao desamparo. Sem elle o mundo era o deserto, era a angustia, era o martyrio. Sem elle o céu era menos azul, o ar era menos insufficiente para manter-me a vida; já não ouvia mais o gorgoejo dos passaros, cuja linguagem fóra elle quem me ensinára a comprehender e as propria flores já não tinham o encanto e o mesmo perfume das noites de outr'ora, escuras e tepidas, quando elle em supplicas de amor e sonhos de felicidade era a miragem de minha alma.

Os soluços de meus filhos pareciam mais sentidos do que dantes, e os seus sorrisos duravam minutos para se transformarem em ancias, quando, muito acobalhados a mim, entristecidos e tremulos indagavam a medo: "e papai? pai?" E eu nada podia responder-lhes, por que as grandes e terriveis dóres rugem na alma, mas, não se exteriorisam, não chegam ao mundo.

Tendes filha, jurados, velai por ella, que o soffrimento mata. E um dia, Waldyra, a mais velha, na meiguete ingenua dos seus 6 annos e a quem elle esquecera commigo, adoeceu e adoeceu gravemente — e quem sabe se no mysterio insondavel da alma dessa criança, se houvesse dado o toque violento de uma saudade filial? E apenas pude heijal-a, ardente de febre, e humida das lagrimas que eu derramava sobre ella como um manto protector contra aquella solidão e abandono; e lá se foi a pobrezinha como misera indigente, procurar na caridade estranha os medicamentos que na minha miseria eu não podia proporcionar-lhe. Tendes filha, jurados — velai por ella — não a deixeis soffrer.

Vim ao Rio e procurei-o, contei-lhe o facto; chorei e o meu pranto humideceu as suas mãos; pedi-lhe, não o auxilio de esposa, mas apenas a esmola de pai. Negou-me no fazel-o, proferio a mais cruel injuria, o insulto supremo dizendo: "E's moça, arranja um protector e deixa-me em paz."

Não sei como resisti, não sei por onde andei, e só lei accôrdo de mim em S. Paulo, junto aos meus filhinhos. Mais tarde, ainda uma vez tentei vencel-o em favor dos filhos innocentes. Voltei ao Rio e novas supplicas lhe foram feitas, tendo como resposta a mesma repulsa, a mesma violencia de sempre. Matei-o, mas a sua vida era a minha vida e aqui me tendes para me julgardes. Tendes filha, eu tambem a tenho. Tendes esposa, eu tambem o fui; tendes mãe eu tambem o sou. Criminosa, porque elle assim o quiz; mas meu, não o secrei se o Jury quizer perdoar o crime, não me, não da mulher brasileira, que sabe amar, sabe crer e ser honesta e assim pensando em Deus e em tres crianças que de joelhos e de mãos postas vos dizem: perdoai, jurados, ella é nossa mãe e é muito e muito desgraçada.

Findo os debates os jurados recolheram-se á sala secreta, tendo de lá voltado depois de uma hora, trazendo a absolvição da accusada por 7 votos, isto é, unanimemente.

O promotor appellou da sentença por julgal-a contraria á prova dos autos.

Nova Seiva

Para a leitura das creanças e principalmente para lhes desenvolver o gosto pela leitura, não ha em nossa lingua nenhuma obra que se compare a esta. E' uma obra-prima no genero. Pode ser lida tambem pelas pessoas adultas, porque as suas novellas e narrações são instructivas e encantadoras. A edição é toda em finissimo papel glacé e ornada de numerosas e nitidas gravuras. Preço \$5000. — Pedidos nesta redacção.

COMEDIA DA VIDA ELEGANTE

POR GREGORIO MARTINEZ SIERRA

Gabinete elegante, adornado com riqueza e bom gosto. Pianos, flores, livros sobre todas as mesas. Pelas paredes, lindos quadros com ricas molduras. Cortinas de musselina branca nas janelas. Uma almofada de renda sobre uma cadeira. E' á tarde.

MARIA, de trinta annos, está vestida com uma simplicidade elegante. Vestido côr de cinza, saia curta de viagem. Arranja sobre uma mesa os frascos e outros objectos de viagem. JOANNA, de cincoenta annos, de joelhos no soalho, acaba de apertar as correias de uma pequena mala de couro.

JOANNA. — Prompto.
MARIA. — Já está tudo?

JOANNA. — Tudo.
MARIA. — André já voltou da estação?

JOANNA. — Sim, senhora. As malas todas já foram despachadas. Ahi estão na bolsinha os conhecimentos, juntamente com os bilhetes. Não os vá perder a senhora.

MARIA. — Não, ponho-os a qui dentro da carteira. *(Fecha a carteira)* Ah! as chaves?

JOANNA. — Sim senhora. — *(Levanta-se e entrega a Maria umas chaves pequeninas)*. Esta é da maleta, e estas quatro são das malas grandes. *(Maria en-gancha as chaves a uma argola presa em uma corrente que leva pendente do cinto)*.

ANDRÉ *(assomando á porta)* — Senhora...
MARIA. — Que ha?

ANDRÉ. — A nova empregada.
MARIA. — Que entre.

JOANNA. — A senhora não quer levar a medalhinha de Nossa Senhora? E' uma boa protecção contra os perigos das viagens...

MARIA. — Sim, vá buscal-a. *(Joanna dá-lhe a medalhinha)*.

INGLEZA *(dá porta)*. — A senhora me dá licença?

MARIA. — Entre.
(Entra a moça ingleza acompanhada de André. Traz saia curta e chapéu canotier).

INGLEZA. — Madam...

MARIA. — Você já sabe que embarcamos ás seis e meia?

INGLEZA. — Sim, madam.

MARIA. — Aqui estão a carteira e a maleta. Joanninha entregará outra maleta. Tome conta de tudo. Esteja prompta para qualquer chamado.

INGLEZA. — Póde ficar descansada, madam. Tenho



— E a verdade é que por causa de um bonequinho destes a gente aguenta muita coisa...

o habito de viajar. A pessoa que me recomendou á senhora, ter-lhe-á dito que corri meio mundo. Conheço terras e mares.

MARIA. — Você é ingleza?

INGLEZA. — Irlandeza, madam e catholica.

MARIA. — Ah! como se chama você?

INGLEZA. — Aoh, madam, Maria.

MARIA. — Como eu.

INGLEZA. — Aoh, madam, se a senhora quizer póde chamar-me por outro nome. Já tenho o costume de accèitar todos os nomes. Numa casa chamavam-me Doll, noutra Tolly... Como neste paiz ha muitas Marias... Para não confundir...

REVISTA FEMININA

MARIA. — Não, não. Conserve o seu nome. Quanto a mim...

INGLEZA. — Como a senhora quizer.
 MARIA. — Leve isto. *(A inglesa pega da carteira e da malinha e sac).* *(Para Joanna)* Vá servir o lanch, que d'aquí a pouco entram as meninas.

JOANNA. — Sim, senhora.
 MARIA. — Que aconteceu? Você está triste...

E' porque vou ausentar-me, como sempre?
 JOANNA. — Como sempre, não, senhora. Agora a senhora vai só. Enfim, se a senhora vai contente...

MARIA. — Sim, Joanna, muito contente, muito contente.

JOANNA. — Isso é que se quer.

MARIA. — Quanto a ir só, não lhe dê isso cuidado. Levo Nossa Senhora, que é boa companhia.

JOANNA *(muito convencida)*. — Sim, senhora!

MARIA. — E levaria a você também se você soubesse pedir um copo d'agua em outra lingua que não fosse a sua. Olhe, se aprender a dizer bons dias em francez, em inglez e em italiano, prometto-lhe que no anno que vem a levarei pelo mundo. Mas não sei o que diria o André se o deixássemos vivr...

ANDRÉ. — Oh! senhora...

MARIA *(á Joanna)*. — Ande, ande. *(Joanna sac)*. André, confio-lhe a minha casa.

ANDRÉ. — Sim, senhora.

MARIA. — Traga sempre as contas em dia.

ANDRÉ. — Sim, senhora.

MARIA. — Não se esqueça de dar as esmolas todos os mezes aos meus pobres.

ANDRÉ. — Sim, senhora.

MARIA. — Que se digam as missas pelo senhor todos os dias 15.

ANDRÉ. — Sim, senhora. Não faltará nada.

MARIA. — Não me escreva, não me mande cartas. Faça de conta que não haverá nada em minha ausencia. Não quero saber de nada. Eu mandarei um postal de vez em quando para que saibam onde estou, mas não me escrevam.

ANDRÉ. — Póde ficar descaçada.

MARIA. — Isto é... a não ser que venha alguém... Mas quem poderá vir? Não virá ninguém. Enfim, se vier alguém... Bem, se vier alguém que não seja das visitas habituaes, então escreva-me, mas escreva logo.

ANDRÉ. — Sim, senhora, escreverei logo.

JOANNA *(da porta)*. — D. Carmen e d. Ignez. *(Entra Carmen, vinte e oito annos, vestida com apurado chic, mas*

com simplicidade, e Ignez, menina de dez annos, graciosa e elegante, muito vivaz e intelligente, mas muito ingenua).

MARIA. — Pensei que não viessem mais.

IGNEZ. — São cinco horas.

CARMEN. — Parece-me que essa hora era para ti de muita importancia...

MARIA. — Sim, ás cinco em ponto.

CARMEN. — Mas que aconteceu? Para que nos chamaste? Qual é o mysterio?

IGNEZ. — Isso, isso. Qual é o mysterio?

MARIA. — Advinha.

CARMEN. — Em primeiro lugar, eu noto aqui alguma coisa nova... Na casa ou em ti? Que é? Ah! é que tiraste o luto!

IGNEZ. — E' verdade. Estás lindissima.

CARMEN. — E mais moça. Parecez ter dez annos mehos.

MARIA *(alegremente)*. — Deverás?

IGNEZ. — Deverás.

CARMEN. — Palavra d' honra.

IGNEZ. — Parecees outra.

CARMEN. — E' verdade. Teus olhos brilham, tens uma cor melhor. Ah! meu Deus! ha mouros na costa. Acertei?

MARIA. — Não, não é isso.

CARMEN. — Palavrinha?

MARIA. — Estou a dizer que não.

CARMEN. — Pois então explica-te.

JOANNA *(da porta)*. — A senhorita Clara.

MARIA. — Que entre, que entre.

(Entra Clara, vinte e cinco annos. Traz um vestido de passio. Muito sympathica, linda. Tem movimentos e gestos decididos, enérgicos, mas sem exagero. Traz uma carteira com papéis que deixa sobre uma cadeira ao entrar).

CLARA. — Sou a ultima a chegar?

MARIA *(carinhosamente)*. — Não, mas chegas tarde, como sempre.

CLARA. — Filhas, a culpa não é minha, mas do feminismo. Já fizeram o lanch? Não? *(Vendo entrar Joanna com uma grande bandeja com serçico de chá, chocolate, pasteis e sandviches).* Respiro! Teria graça que vocês estivessem aqui a comer coisas gostosas enquanto eu ficava a matar-me para defender os seus direitos!

MARIA. — Tu?

CLARA. — Sim, eu. Uff!

Permittam-me que tire o meu chapéo. *(Tira o chapéo e senta-se numa poltrona).*

CARMEN. — De onde vens?

CLARA. — Da sessão inaugural do Congresso Feminista. O Congresso Feminista! Como os tempos mudam! *(A Maria, que serve um sandviche de foie gras).* Delicioso! *(Comendo)* Dás-me a receita disto?



124. - Passio entredada com o menino...

REVISTA FEMININA

MARIA. — Para que? para a levares ao Congresso?

CLARA. — Porque não? A cozinha é um dos grandes problemas do feminismo, quasi tão importante como o amor. (*As outras riem*) Riam-se, riam-se. Quasi tão importante... e demais, (*em tom oratorio, mas traçando*) ligado com elle por uma porção de vinculos... subtils. O regimen alimenticio influe poderosamente na felicidade domestica. Ora, o amor baseia-se nessa felicidade. Fiquem vocês sabendo que os homens se tornam muito mais amantes de suas esposas quando as vêm na cozinha a preparar os quitutes.

TODAS. — Oh! tem graça!

CLARA. — Palavra! Li isso num livro muito serio, influz por signal. Sim, senhoras, sim, senhoras, é o que lhes digo.

IGNEZ (*com innocencia*). — Será verdade?

CLARA. — Por experiencia não o sei, porque apozar dos meus vinte e cinco annos sou tão solteira como tu, mas estas senhoras, respectivamente casada e viuva, poderão responder com segurança.

CARMEN. — Podemos.

MARIA (*rindo*). — Bah!

JOANNA (*da porta*). — D. Adelia.

(*Entra Adelia. Trinta e tres annos. Aspecto de excessiva bondade. Vestida com aprurada correção, mas sem vaidade. E' a mais innocente de todas.*)

ADELIA (*adecantando-se, sem grande cerimonia de cumprimentos, mas com sincero carinho, como se entrasse em sua casa*). Desde a escada estava ouvindo o riso de vocês. Pensei que não pudesse vir. Meus filhos são uns tyrannos e não me deixam sahir. Trago apenas o pequeno.

MARIA. — Onde está?

ADELIA. — Na cozinha, com a ama.

MARIA. — Ah! que o tragam aqui.

ADELIA. — Não, não. Deixa-me descansar nem que seja um quarto de hora. A vida é feita para vocês, que não têm filhos. (*Para Igznez e Clara*) Não se casem nunca, meninas. Mirem-se a este espelho. Trinta e tres annos e sete filhos. De que é que vocês estavam rindo?

MARIA. — Tu és boa cozinheira?

ADELIA. — Porque me perguntas isso?

MARIA. — Dize sempre.

ADELIA. — Sou boa cozinheira e, ás vezes, cozinho quando meu marido exige pratos mais finos.

CLARA. — E' porisso que tu és feliz no casamento. (*Todas riem*).

ADELIA. — Estão brincando commigo.

CARMEN. — Não é brinquelle. Trata-se de uma observação psychologica.

MARIA. — Tomas uma chavena de chá?

ADELIA (*com um espanto comico*). — Não, por Deus!

MARIA. — Não gostas?

ADELIA. — Ih! lambu os beiços por isso. E' que me dá nos nervos e provoca-me insomnia. (*Riem-se*).

ADELIA. — Vocês podem rir, porque dormem a somno solto. Mas eu... Ainda me lembra o tempo de solteira. Quando, por acaso, me acordava á meia noite e ouvia bater as tres ou quatro horas, pensava: Que bom! ainda me resta muito tempo para dormir. E gostava de ficar acordada para experimentar a prazer de assistir á chegada do somno. Mas, agora...

Oiçam vocês bater as tres, as quatro e as cinco e durmam como as lebres, com um

olho aberto e as duas ore-

lhas em pé. São assim

doze annos

de casamento rep-

partidos com

sete creanças.

Dá-me choco-

late.

Maria serve-te-lhe o chocolate.

IGNEZ. — Porque não arranja amas para as creanças?

CLARA. — Isso, não.

Os filhos devem ser

creados pela mãe. Com

seu sangue lhes deu a vida,

com seu sangue deve conserval-as,

para que sejam seus, só seus, pedaços do seu coração, carne de sua carne, feita vida, só por ella, só para ella...

MARIA (*com enthusiasmo*). — Isso é verdade.

ADELIA. — Claro. Dá-me outro pastelzinho. De que são feitos?

MARIA (*dando-lhe o pastel e comendo outro*). — De carne e folhados. Riquissimos, pois não?

CLARA. — Ouvi dizer que o creme engorda e dá rugas ao rosto.

MARIA. — Ah! sim? (*Deixa o pastel precipidamente*).

CLARA. — Oh! Nem que tivesse uma cobra ahí dentro.

IGNEZ. — Tens muito medo das rugas?

MARIA. — Medo? é pouco. Terror, terror, pânico! Sim, filhas, porque não ha nada mais irremediavel do que a ruga. Fiz trinta annos na semana passada. Trinta annos, sim? que horror! Pensar em envelhecer! e somente no rosto e entretanto sou jovem, com toda a for-



Sozinha vou correr mundo...

ça, toda a ansia de vida, de loucura, como nos quinze annos... Como nos quinze? Oh!! não! Aos trinta ha mais mocidade que aos quinze. (*Ignéz ri-se*) Ha dias, por entretenimento, estive colleccionando todos os meus retratos. Aqui estão elles. (*Pega de um album. Todas a rodéiam para ver os retratos*) De anno e meio...

Quando me olhei ao espelho, de véo e corôa, achei-me linda, mas no retrato achei-me horrenda! Aos quinze... que seriedade! Vêem este livro que tenho na mão? Pois é uma grammatica latina. Estudava então o latim e tinha horror ao *hora, horuc*. Aos vinte annos... Fecha! fecha! que penteado horrível e que roupas exquisitas! Que coisa desagradavel que é o passado!

TODAS. — Ah! ah! ah!

MARIA. — E' o que lhe digo. Nestas diversas epochas da minha vida eu era muito mais velha que agora, mais serena, mais equilibrada, mais convencida das minhas responsabilidades. Eu pensava que o cumprimento dos deveres era a melhor coisa que havia, que a virtude leva em si mesma a sua propria recompensa, que o sacrificio tem doçuras escondidas, que a abnegação é uma corôa de glorias, que vencer os instinctos é fortaleza. Acreditem vocês que, aos quatorze annos, se tinha immenso appetite, deixava de comer para ter dominio sobre mim, e que, aos dezoto annos, dormi sete mezes seguidos no chão porque gostava muito de dormir na cama...

IGNEZ (*com grandíssimo interesse*). — E agora?

MARIA. — Agora... não sei, mas, á medida que iam passando os annos, foram acordando em mim novas coisas, desejos, ambições, ancias... e, sobretudo, querem vocês saber? uma infinita necessidade da alegria... ou da dôr, não estou bem certa, de viver... Nós, as mulheres, não vivemos!

CARMEN. — Tu não te podes queixar da vida. Casaste aos vinte annos com um homem riquíssimo, que te adorava. Correste meio mundo, toas tudo o que desejaste e viste tudo o que é digno de ver-se.

MARIA. — Sim, é verdade. Vi tudo, viajei muito, tenho tudo, mas isso não é viver, é ver a vida como uma funcção de theatro, da platêa.

CARMEN. — Antes isso. Ha os que vêm a vida do fundo do "gallinheiro".

MARIA. — E' a mesma coisa.

CARMEN. — Isso é que não é! Querer a eu dar-te um marido com trezentos mil réis de ordenado, sem esperanza de accesso, ver-te compor os teus proprios chapéus, os

teus vestidos para o anno inteiro e correr ás lojas á cata de fazendas baratinhas e passar o verão aqui mesmo...

ADELIA. — Queixas-te porque não tens filhos.

CLARA. — Ah! ah! ah!

CARMEN. — De que te ris?

CLARA. — Se tu te lamentas porque os tens, que direi eu que nem tenho marido?

MARIA. — E's a mais feliz de nós todas.

CLARA. — E' possível.

MARIA. — Porque pensas, porque te mexes, porque trabalhas.

CLARA. — A's vezes, mais do que queria. Que remedio?

IGNEZ. — Olha, e tu te casarias?

CLARA. — Porque não? se amasse alguém...

IGNEZ. — E se não?

CARMEN. — E se fosse com um homem muito rico, que te poupasse de trabalhar?

CLARA. — Não, não!

IGNEZ. — Ou com um que te amasse muitíssimo, muitíssimo?

CLARA. — Menos ainda. Figu-ro-me o horror de ter ao lado um homem carinhoso ao qual não pudesse corresponder e a quem tinha de agradecer... Eu, que sou tão nervosa... Não gosto de mimos, tenho horror a carinhos. Minha avó, que me quer como uma tonta, a pobre senhora, todas as noites, quando me vou deitar, vem ao meu quarto afanjar-me as cobertas, e beija-me os cabellos...

CARMEN. — Filha, mas um marido não é uma avó.

CLARA. — Disso sei eu...

TODAS. — Ah! ah! ah!

CLARA. — Ter um marido ao lado, todas as horas, sempre, sempre e sempre!

MARIA. — Quanto a isso, não. Eu, que sou mais nervosa que tu, em oito annos de casada não me senti mal na companhia de meu marido. E' um prazer tratar o marido como se trata um filho. Quando o via dormir, tinha vontade de chorar, tal era a ternura que elle me despertava.

JOANNA (*Da porta*). — Com licença... D. Adelia, a ama diz que o pequeno está muito impertinente e que não quer calar-se. Quer que o traga?

ADELIA. — Não disse? Que o traga. (*Joanna sac*) Isto não é vida.

Espero romper com a v. da passada...

(*Entra a ama com o menino nos braços. Ama de casa burgueza, com avental branco e tonca de renda*).

ADELIA. — Traga-o cá. Que manha, meu Deus! (*Dispõe-se a dar-lhe de mamar*).

AMA. — Não é manha, não, senhora. O pequeno, quando chega a chorar, não ha nada que o entretinha, nem passeios, nem cantos.



ADELIA. — Bem, pôde ir-se embora. Depois a chamarei.

AMA. — Sim, senhora. (Sae).

ADELIA. — Sim, filho, sim, não desminta a raça. E' sbebedor como teu pae.

(*Enquanto amamenta o pequeno, as outras a rodeiam, olhando-a com um carinho e com um certo respeito.*)

IGNEZ. — Porque quer viver, não é verdade? Ah! como mama! que belleza! Não deixa uma gotta de leite. (*Sentase no chão e absorve-se na contemplação do pequeno.*)

CLARA. — A verdade é que por causa de um bonequinho destes, a gente aguenta com paciência muita coisa...

CARMEN (*com certa aspereza*). — Tenho pena das creanças.

ADELIA. — Pena de que?

CARMEN. — Não sei, por nada... porque sim.

MARIA. — Tens razão. Uma creança é uma coisa tão pequena, tão fragil, tão desprotegida... Pôde-se fazer com ella o que se quer, e tem de soffrer tudo sem defesa e em silencio...

ADELIA. — Em silencio? Está-se vendo que não tens sete diabretes em tua casa. Eu, toma (*dá a menina á Ignez, que se levanta com elle e começa a passeal-o, enlevada*) para que vás aprendendo.

CLARA (*á Maria*). — Tu nunca desejava ter um filho?

MARIA (*um pouco confusa*). — Não.

IGNEZ. — Não gostas de creanças?

MARIA. — Demais! Não posso passar perto de um pequeno sem lhe fazer uma festinha, nem que seja feio, nem que seja o mais sujo que veja pela rua. Parece-me que um filho é uma coisa estranha, sobrenatural, que tem que vir ao mundo por milagre, por loucura de amor, no momento em que o pae e a mãe sentem que vão eternizar a vida... Mas como eu sou incapaz dessa loucura, nunca me atrevi a desejar-o.

ADELIA. — Tu és um pouco romantica; tens muito tempo para ler novellas.

MARIA. — Não são novellas.

CARMEN. — Não são novellas. Eu tambem senti essaancia mysteriosa, essa qualquer coisa que não sei o que é, e pedi a Deus um filho. Mas Deus, felizmente, não m'o deu, porque a vida está carissima. Ter filhos lindos e bem tratados, vá, mas tel-os rotos, maltrapilhos, não! Eu invejo a ti.

MARIA. — A mim? porque?

CARMEN. — Mas não te assustes. Não quero tirar-te nada. Minha inveja é de outra natureza. Tu, ha muitos annos, sahiste dessa angustia constante da classe media, e porisso nem dás valor á riqueza. Esses vinte mil réis que sempre faltam, de modo que ha sempre um deficit no orçamento... Quando entro em tua casa é como se entrasse num oasis. Esqueço-me de tudo. Aqui não ha apuros de dividas, aqui ha gulodices tão caras, aqui ha tudo. Ah! filha, lembraste do nosso tempo de collegio? Líamos só novellas da alta sociedade, onde só havia personagem da aristocracia. Pois quando estou em tua casa sinto o mesmo effeito: uma novella de gente rica, de onde eu quizera ser personagem.

MARIA (*abrçando-a*). — Como és boasinha!

IGNEZ (*que continúa a passear com a creança ao collo*). — Dormiu. (*Á Adelia*) Levo-o para dentro?

ADELIA. — Sim, sim, que o deixem por ahi em qualquer parte.

CLARA. — Pois a verdade é que neste salãozinho a gente está muito bem, mas sou obrigada a deixal-as. O homem é um tyranno. E eu, para pagar o jardineiro, tenho de ter-

minar hoje a traducção de uma novella. (*Á Maria*) De modo que, se tens alguma coisa a recommendar-me...

MARIA. — E' verdade, sim. Mas onde está Ignez?

IGNEZ (*entrando a correr*). — Aqui, aqui...

MARIA. — Pedi a vocês que se reunissem aqui para lhes dizer da minha resolução. Deixei o luto e com elle me despeço da vida, isto é, desta vida que levo. Abaixo preconceitos! D'aqui a meia hora tomo o trem, e vou correr o mundo, livremente.

ADELIA. — Aonde vaes?

MARIA. — Não sei, vou ao mundo. Quero viver por minha conta, como entendo e como quero, sem ter ao lado ninguém que tome conta dos meus actos. Os homens são felizes porque são egoistas, vão para onde querem. E eu quero ser um homem.

CARMEN. — Fazes bem.

CLARA. — Invejo-te.

IGNEZ. — E não levas ninguém contigo?

MARIA. — Uma moça ingleza, que viajou muito. Não me occuparei de nada.

ADELIA. — Que aborrecimento para ti não ires já casada com o Lourenço Penha!

CARMEN. — Ah! ah! é verdade!

MARIA. — Porque?

CARMEN. — Porque seria um magnifico companheiro de viagem...

MARIA. — Ora!...

CARMEN. — Onde está elle?

IGNEZ. — Ouví meu pae dizer que elle se casou na America do Norte.

MARIA. — Talvez. Não sabia disso.

CARMEN. — Aqui entre nós, já que estamos em maré de confidencias, que é que se passou entre vocês?

MARIA. — Nada. Tratei-o demasiado bem, e elle, tomando a nuvem por Juno, não foi cavalheiro. Mandei-o passear. E elle, de facto, embarcou e nunca mais voltou. Bem, até á volta, queridinhas, que já se está fazendo tarde. (*Sahindo*) Adeus! adeus! Fiquem aqui, venham aqui sempre ver a casa. Escreverei de vez em quando. Adeus! (*Sae*).

CARMEN. — Foi o modelo das esposas.

CLARA. — E o modelo das amigas.

ADELIA. — O defeito della é excesso de imaginação. Via-via como um passaro preso, que ancia para fugir.

(*Ouve-se dentro uma voz de homem que fala com Joanna*).

LOURENÇO. — De viagem?

JOANNA. — De viagem, sim, senhor.

LOURENÇO. — Mas voltará logo?

JOANNA. — Não, senhor, isto é, não sei. Ahi estão na saleta as amigas della, que poderão dizer. (*Á porta*) Aqui está um senhor, que quer falar com as senhoras. Posso fazel-o entrar?

LOURENÇO (*apparecendo*). — Boas tardes, minhas senhoras.

ADELIA (*numa surpresa*). — Lourenço Penha!

IGNEZ. — O Lourenço Penha!

CARMEN. — Jesus! Nem que fosse de proposito!

CLARA. — Isto é o que se chama chegar a tempo.

ADELIA. — Mas de onde vem você, homem de Deus!

CARMEN. — Se chegasse cinco minutos antes...

LOURENÇO (*assombrado ante a attitude de todas*). — Mas... de que se trata? que ha? Não comprehendo.

TODAS (*cada qual sentando-se regaladamente em sua cadeira, ri, ri, sem lhe responder*). Ah! ah! ah!

CAE O PANNON.

OS PRATOS DELICADOS

As pessoas que se habituam a comer as mesmas variedades, tres ou quatro pratos abundantes e inestheticos, acabam por perder de todo o prazer da mesa, que é um dos maiores prazeres de que deve gozar o homem. A mesa deve estimular o appetite não apenas pelo aroma que se desprende das terrinas fumegantes, mas tambem pela graça com que os pratos são preparados. A boa refeição é aquella que fala ao paladar tanto como aos olhos e ao espirito.

O individuo inappetente, que recusa com tedio o pratarão de feijoadá, aceitará com prazer um ovo recheado, tal como esse cuja receita revelamos.

Recheiem-se tres ovos com suas gemas, presunto picado bem miudinho, manteiga, sal, pimentão picado; tape-se e ponham-se tres rodellas de tomate sobre as quaes se espalhou salsa cortada miudinha; unte-se em manteiga derretida e cubra-se com farinha de rosca, e sirva re com talhadinhas de gelca salgada.



Ovos recheiados.

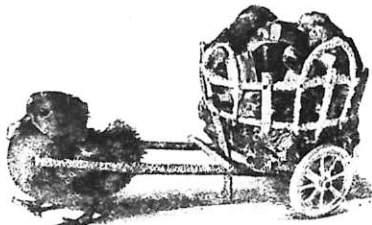
Não ha nada que fatigue tanto o paladar como os bonbons industriaes, a despeito do luxo com que se apresentam e do capricho da sua fórmula.

Este caramelo é delicioso e acceto de todos os paladares.

DELICIAS DE QUEIJO

Molhem-se tres rodellas grossas de pão em manteiga derretida; ponha-se por cima uma fritada de sal bem espalhada, pimenta em pó, pimentão picado bem miudo e algumas gotas de limão; rale-se um pouco de queijo, parmesão, romano, ou o queijo nacional proprio para ralar; juntem-se duas colheradas de manteiga bem batida, quatro de leite ou de creme, sal e pimenta a gosto; recheie-se o pão com esta mistura, enfarinhe-se

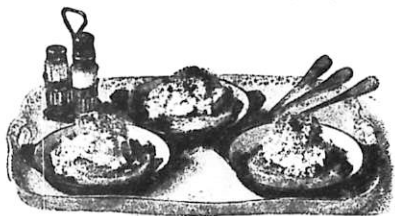
com queijo ralado, aqueça-se e sirva-se.



Caramelos de passas.

CARAMELOS DE PASSAS

Derreta-se um quarto de chavena de manteiga, juntem-se-lhe dois quartos de chavena de assucar, meia de leite e quatro colheradas de melaoço; ferva-se por oito minutos, mexendo sempre; juntem-se-

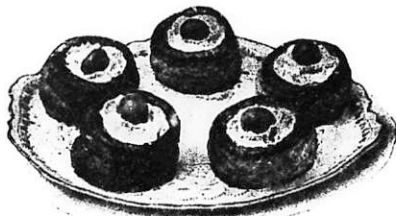


Delicias de queijo.

lhe duas pastilhas de chocolate, mexendo-as até que se derreta; coza-se por oito minutos mais e bata-se a mistura até que fique como creme; colloque-se numa vasilha unctada e corte-se em quadrados quando estiver frio. Este caramelo tem um sabor muito es-

PASTEIS DE CEREJAS

Dissolva-se pouco a pouco uma e meia colher de gelatina e seis de assucar em meio copo de leite; deixe-se esfriar; depois de frio, junte-se meia colheradinha de essencia de baunilha, meio copo de cerejas



Pasteis de cerejas.

em conserva cortadas pela metade, uma chicara de creme bem batido e duas claras de ovos igualmente bem batidas; mexa-se de quando em quando, e quando começar a assentar façam-se pasteisinhos. Enfeite-se com creme e cerejas.

Rebatendo uma chronica sobre o voto feminino

Só o humorismo mordicante de um chronista, avido de assumptos sensacionaes, poderia capitular de "má e ostensiva" a mui legitima e natural aspiração da mulher ao direito e á liberdade que lhe tem sido sempre vedados.

Escreveu um illustre cientista, em um dos nossos jornaes vespertinos, que ha precocidade em livrar-se um ser que raciocina, capaz de todos os sacrificios e empreendimentos humanos (facto demasiadamente comprovado, durante a barbara conflagração que por tanto tempo nos atormentou), do dominio que o esmaga e invadida ha tantos seculos! *Retardatario e emperrado*, sim, é que é o sexo do espirituoso opinante porque, mesmo depois de instituido pelos centros mais cultos do universo o direito pleno do suffragio feminino, atropellado por um espectro imaginario, recalca e recusa conceder á genetriz da humanidade, á auxiliar abnegada de todas as nobres aspirações masculinas, o direito que lhe cabe — de defender e gerir a sua individualidade — "O direito do voto — disse um chronista estrangeiro — "era uma decorrente e como *jus et obligatio sunt correlata*, já tendo a mulher cumprido o seu dever era justo que entrasse no góso do direito".

Foi realmente "do berco", como muito bem disse o auctor da chronica que nos estimulou, "que nos veio a triste condemnação, pela muita phantasia e pouco senso masculino á custa da qual vamos arrastando, sabe Deus como, o fardo pesadissimo da vida!!!"

E bem mais pesado é o *fardo*, para nós mulheres, que devemos perduravelmente carregar-o aos hombros, perseguidas e humilhadas sempre pelo rigorismo de uma legislação absurda e vexatoria, que só o direito do voto poderá corrigir e normalisar.

Regosijo-me com o habil chronista quando confessa que "só mesmo a incansavel perversidade do homem para com a sua inquieta companheira" (e razão lhe sobra para o ser) "se pode attribuir este desejo sedento da mulher brasileira, que pela cultura de sua educação actual, sente a carencia dessa conquista politica que tudo permite a um sexo e tudo sonega ao outro".

Como pensou e escreveu, não se *masculinizará* jamais a mulher, pois que sentir-se-ia mal em galgar o cume das vaidades e do egolatrismo masculino e muito peor em descer ao abysmo da sua intolerancia e "perversidade" no proprio dizer do articulista.

Revolta-se o paiz contra o voto feminino, talvez por sentir-se apoucado e deprimido com a oportunidade de imitar o bem, a justiça, o direito. Entretanto, penso eu, que imitar o que é bom não amesquinha ninguém; imitar o que é justo eleva e dignifica; imitar o que é direito confora e glorifica!

Porque então esta birra incisiva em se negar á mulher brasileira os direitos eleitoraes já concedidos ás mulheres de outros paizes? "*La cause de l'émancipation de la femme ne pourra être définitivement gagnée que le jour où sa voix pesera dans la balance nationale et internationale*". (Finot).

Diante do resultado aviltante e insidioso das eleições hodiernas, transformadas tão naturalmente em mercancia indigna de votos estipulados, é de surprender que haja quem ouse julgar tão mal do voto feminino, cujos efeitos ninguém ainda experimentou! Que optimo juiz é esse que condemna sem previa justificação do accusado!...



As mulheres britannicas votando em uma das secções de Londres.

A conferencia feminina de Baltimore



Mrs. Richards Edwards, 1.ª vice-presidente da Liga Nacional das Mulheres Eleitoras.

tões previamente estabelecidas, correndo os debates animadíssimos, tendo todos um só fim, um unico escopo: a união da mulher americana e por meio desta, directa ou indirectamente, a manutenção da paz no continente.

Emquanto que na conferencia de Genova, as nações europeas, com uma sem cerimonia incrível tratavam com os pregoeiros do roubo, do furto, da pillagem e da deshonra, os *soviet*s sem nada conseguirem apesar de inacreditaveis concessões feitas, em Baltimore,



Mrs. Maud Wood Park, presidente da Liga Nacional das Mulheres Eleitoras

A Conferencia de Baltimore foi o attestado mais eloquente da alta capacidade intellectual da mulher americana. Sem o alarde, e sem os reclamos que precedem ás conferencias masculinas, reuniram-se naquella cidade norte-americana, as representantes de vinte e quatro nações americanas. Discutiram-se todas as ques-

resultados obtidos. Examina-se somente a reunião em si e as consequências dos problemas tratados; si uma cuidava da reconstituição economica da Europa, outra visava a paz americana, ambas reunidas quasi que no mesmo tempo e como de costume a conferencia masculina foi um fracasso.

Como de costume,



Mrs. Carrie Chapman Catt, presidente da Associação Internacional para o Sufrágio Feminino.

mulheres, filhas de povos livres, civilizados, discutiam e propunham manter inalteravel uma paz, que só beneficios pode trazer.

Em Genova, o fracasso foi total; em Baltimore o successo foi completo.

Não se diga porém que a conferencia europeia era mais importante que a americana, e aqui tambem não se trata da sua importancia e sim dos

Muitos estadistas europeus e americanos felizmente disso já estão scientes e a conferencia feminina pan-americana vem confirmar mais uma vez a affirmação daquella patricia, dando ao mundo um bello exemplo de concordia e de herencia.

O Brasil fez-se representar pela senhorita Bertha Lutz, que pronunciou um longo e bem fun-



Dra. Valéria Parker, secretaria da Junta de Hygiene Social dos Estados Unidos.

sim, pois ninguem se lembra de uma só conferencia internacional depois da guerra onde os homens alli reunidos attingissem fins collimados.

Muita razão tinha Anna Rita Malheiros, quando disse "que a sociedade masculina mais que nunca, está necessitando de dedicadas enfermeiras que lhe prestem assistencia no estado de delirio manso à que passou depois do seu ataque furioso da guerra mundial, contra a qual foi impotente a camisa de força de vinte seculos de civilização..."



Miss Mary Andersen, directora da Secção de Mulheres do D. do Trabalho.

REVISTA FEMININA

damentado discurso expondo os progressos do feminismo brasileiro, referindo-se particularmente aos esforços das nossas patriotas, envidados em pró do bem estar das creanças e na obra de educar as novas gerações. Forneceu amplos detalhes sobre as actividades das brasileiras no sentido de solverem os problemas sociais e moraes que affectam o feminismo.

Perorando, brilhantemente, depois de largas considerações, assim disse aquella delegada brasileira e nossa collaboradora: "As mulheres no Brasil, empenham-se pela consecução de medidas legislativas, tendentes a beneficiar a infancia, semelhantes as já sancionadas nos Estados Unidos. Tencionamos, este anno, por occasião da commemoração do centenário da nossa independência, realizar uma grande conferencia para tratar exclusivamente desse assumpto."

Sra. D. Julia Moreno, presidente do Conselho Nacional de Mulheres da Republica Argentina.



Quasi todas as representantes dos países americanos desenvolveram theses, que discutidas, foram em grande numero approvadas.

E dias depois terminava aquella importante reunião, com uma moção de agradecimento ao governo e ao povo norte americano pela generosa e cordial hospitalidade concedida ás delegadas, enquanto que na conferencia europeia, ella terminava, como o ultimo acto de um drama, sem enredo, do qual os espectadores se retiram sem saber do que se representava e os actores ainda menos.

Assim terminam sempre as conferencias onde o egoismo é a nota predominante dos delegados, a ambição é a característica e o medo de ver-se ludibriado a idéa fixa de cada um.

Em Baltimore,

Mr. Leo S. Rowe, presidente da União Pan-Americana, que presidiu ao certamen feminista, ao abrir a sessão inaugural observou que aquella coincidência de que aquella conferencia se realizava justamente quando em Genova as nações da Europa se convocam para soffrear o antagonismo. que as separa e accrescentou:

"Felizmente no Novo Mundo, não conhecemos os odios que dividem a Europa. Estas aqui reunidas exclusivamente para solver os problemas de interesses communs ás progressistas democracias das duas Americas. Graças a Deus, as Republicas do Novo Mundo têm consciencia da

sua unidade, propositos e ideaes, dispostos como a presença das suas enviadas o indica, a resolver, mediante intercambio intensivo de seus esforços empregados, os problemas sociais e economicos que reclamarem a acção de seus governos".

Fazendo depois uma succinta apreciação sobre o desenvolvimento espirital pan-americano, appella para as mulheres allí presentes para que todas collaborem em prol da paz americana, terminando com as seguintes palavras:

"Ainda resta muito a fazer para a realização da grande obra em que se acha empenhado o Novo Mundo".

De facto, muito falta mesmo, porém temos fé em Deus que dentro de muito pouco tempo as americanas, consciencias dos seus deveres e direito terão contribuido de uma maneira efficaz e eloquente para a realização dessa grande obra.



Mrs. William H. Hubert, secretaria da Conferencia Pan-Americana.



Mrs. Grace Abbott, directora da Secção de Creanças do D. do Trabalho.



Mrs. Mabel Walker Willebrand, sub-procuradora geral dos Estados Unidos.

cordial hospitalidade concedida ás delegadas, enquanto que na conferencia europeia, ella terminava, como o ultimo acto de um drama, sem enredo, do qual os espectadores se retiram sem saber do que se representava e os actores ainda menos.



Sra. D. Maria Pereyra de le Breton, delegada do Conselho Nacional de Mulheres da Republica Argentina.

A M O D A



Este anno da graça de 1922, anno do Centenario e da Conferencia de Genova, tem pregado boas partidas.

Agora mais uma, para gaudio nosso, como chronista de modas e martyrio dos costureiros: pelo modo que corre o tempo, não temos outonno e já estamos em pleno inverno. O mercurio desce dia a dia na escala, o frio torna-se intenso, as manhans neblinadas, as tardes garoentas... e os costureiros ás pressas substituem os vestidos de meia estação, nas vitrines, pelos pesados "tailleurs" de inverno.

Dissemos, para gaudio nosso e com muita razão, pois assim ao menos uma vez estamos vingadas desses impiedosos arbitros da moda que zelosamente fecham a sete chaves as suas creações, para apresental-as em momento opportuno, pouco ligando ás atribulações de quem faz as secções de modas, em revistas como a nossa, que tem empenho em exhibir os modelos antes de estarem expostos.

O "tailleur" está representando neste inverno um papel saliente, si bem que muito modificado. Aberto na frente como uma blusa em estylo russo, provido de golas e mangas largas de canhão, apertado ligeiramente na cintura por um cinto collado á fazenda, de amarrar na frente.

Este genero de modelo se presta tambem ás toilettes de seda, de cores berrantes, dando um "que" de vivacidade ás senhoritas, muito caracteristico, como as dactylographas londrinas.

E' muito gracioso e de aspecto juvenil. A simplicidade ainda é a nota predominan-



te na confecção das toilettes, não só para os vestidos de lan, gabardine, etc., como para os de seda, jersey e outros que apezar da estação ainda são usados em certas occasiões.

O que importa, e muito, é a novidade do corte e a originalidade da guarnição.

E' muy elegante e está em moda as guarnições de pelles para as mangas, formando canhões, para os hombros e colos, como se fossem golas, porém pelles de macaco ou lobo, porque as renards estão carissimas.

Deve-se entretanto ter em conta que essas pelles são hoje confeccionadas nos tintureiros, que lhes dão todas as cores e assim sendo é sempre conveniente se adquirir as pelles que não destoem da cor dos vestidos.

Geralmente as cores escuras assentam bem com toda e qualquer toilette.

Outros ainda levam a phantasia de fazer os canhões das mangas de pelles cor de ouro fosco, ou chocolate, e a guarnição do colo de velludo pardo e golas de pelles de cores variadas.

Talvez pareça um tanto carnavalesca esta variedade, enquanto que outros modelos mais bonitos e mais simples assentam melhor e condizem com o nosso clima e com o nosso meio.

Os costumes de drap beige, saia plissada nos



REVISTA FEMININA

lados, ligeiramente cinta-da, abas compridas com botões e o de tecido diagonal, pardo-claro, com pespontos na cintura e enfeitado como "homespun" na saia em baixo, são além de discretos muito em moda e elegantes, como se pode avaliar pelo cliché que oferecemos.

ciado, golas amplas e compridas e mangas com galões; o que logo se segue em drap claro, cintura bem folgada, de seda, formato simples e finalmente o ultimo em sarja marinha de mangas amplas, bordado a seda multicolor e gola dobrada.



Lindas toilettes em cazemira, sarja e drap, de bellissimo effeito.

Não menos interessante é o agradável conjunto de quatro bellos modelos em sarja, cazemira, drap e sarja marinha; o primeiro,

Francamente não podemos manifestar a nossa opinião sobre nenhum desses modelos; todos são elegantísimos e em uma palavra,

à esquerda levemente blusado, decote em V curto, mangas compridas; o segundo confeccionado em cazemira clara, com um blusado mais pronun-

encantadores. Não fosse o curto espaço concedido para uma chronica de modas, nos alongariamos ainda mais em fazer considerações sobre esses mes-

REVISTA FEMININA

mos modelos. Com a entrada precipitada do inverno soffreram grandes transformações os chapéus e assim expomos ás leitoras as ultimas creações que vimos.

O "toque" de palha guarnecida de velludo, o bicornio enfeitado com pennas de gallo, a forma caprichosa e mui linda em tagal com rosetas grandes na copa e o chapéu em crepe georgette, taes são os modelos que illustram esta secção.

A gabardine, como de costume, não sahiu da moda; no verão, para as noites chuvosas e no inverno é muito original o costume "trotteur", azul marinho, fita tailleur de seda preta e pequenos botões em forma de bola. Saia curta, um pouco ampla para poder formar aos lados uma prega que deve cahir em coquilha e como a saia é ampla, a prega é preferivel fazer-se depois dos lados unidos para evitar não levantar e não se ver o tecido. Jaqueta larga, fórmula de sacco, começando a amplidão a partir do meio das costas. Já se vê, em gabardine azul marinho, decotada em V até á cintura onde une; terminando no seu comprimento que deverá ser "domi-longue".

Um pouco mais adiante dos lados é guarnecida

por uma abertura que na extremidade da parte inferior é applicada uma fita tailleur de seda preta, com a largura de seis centímetros e a seguir com

um espaço de dez, é collocada uma outra com uma pequena borla na extremidade da jaqueta. As fitas são encimadas por dois pequeninos botões pretos. Esta guarnição é feita de ambos os lados, ficando "vis a vis" para não fazer mau effeito. Manga um pouco estreita na parte superior e "choche" na inferior, guarnecida por duas fitas "tailleur", separadas por um pequeno espaço. Gola direita um pouco "evasée" sobre o queixo, apertando ao lado esquerdo com tres pequenos botões, deixando o peito a descoberto, visto a jaqueta abrir, podendo apparecer um plastron ou blusa differente.

Meia de seda preta. Sapatinhos de camurça preta.

Desta vez, gentil leitora, não tivemos grandes difficuldades para organisarmos esta secção, com a entrada precipitada do inverno, que obrigou os costureiros a exhibirem as suas creações bem mais antes que esperavam.

MARINETTE.



Originães e encantadores modelos para a estação.

AVIADORAS BRASILEIRAS

Após brilhantes provas alcançaram o seu brevet de aviadoras as arrojadas patricias senhoritas Thereza de Marzo e Anesia Pinheiro Machado.

Pelo nocturno de luxo, chegou no dia 5 de Abril a esta capital o sr. Luiz Ferreira Guimarães, director do Aero Club Brasileiro, que veio a São Paulo especialmente para assistir ás provas de aviação das senhoritas Thereza de Marzo e Anesia Pinheiro Machado.

Com o sr. Luiz Ferreira Guimarães, veio tambem o aviador Orton Hoover, que se achava no Rio.

Às 16 horas e meia daquelle dia, o director do Aero Club, em companhia de alguns jornalistas dirigiu-se ao Aerodromo Brasil, de propriedade dos irmãos Robba, situado no Jardim America, afim de assistir ao exame da senhorita Thereza de Marzo.

O campo de aviação do Jardim America, a essa hora já se achava repleto de familias e cavalheiros que desejavam assistir ás provas da primeira mulher brasileira que conquistava o "brevet" internacional de aviação. Entre outras pessoas, alli se achavam os srs. Antonio Prado Junior, tenente Fritz Roesler, o instructor da nova aviadora, aviadores Manuel Lacerda Franco, Amadeu Saraiva, João Robba, Henrique Robba, A. Caliera e Steckmann.

Apesar do forte vento reinante e de se acharem as nuvens excessivamente baixas, a senhorita De Marzo levantou vôo, fazendo uma bellissima decollagem, atingindo logo depois a uma altura de trezentos metros, de onde iniciou a execução das provas exigidas pelo regulamento do Aero Club.

Mau grado as nuvens que mais se tinham baixado e o vento que augmentara a aviadora paulista executou cinco "oitos", cujos centros sempre foram localizados no meio do campo. Depois de permanecer no espaço por 30 minutos, a senhorita De Marzo aterrou no mesmo local em que sahira, tendo o aparelho percorrido no solo somente uma distancia de 30 metros.

A nova aviadora foi recebida por intensas palmas, recebendo depois os cumprimentos da comissão examinadora, cujos membros declararam ser essa uma das melhores provas até agora realisadas por aviadores brasileiros, pois

apesar da situação actual do campo, reduzido a uma pequena area devido a abertura de algumas ruas e ás ultimas chuvas que o alargaram em parte, tanto a decollagem como a aterrisagem foram executadas com grande pericia.

A comissão examinadora que concedeu o brevet á aviadora patricia, matriculada com o n.º 96 no livro de registos do Aero Club Brasileiro, foi composta dos srs. Luiz Ferreira Guimarães, presidente, e aviadores João Robba, Manuel de Lacerda Franco e Amadeu Saraiva.

A altura maxima atingida pela senhorita Thereza de Marzo, que executou as provas em um aparelho *Caudron* de 120 cavallos, foi de 400 metros.

Devido ao adiantado da hora e do mau tempo, ficaram adiadas para o dia seguinte as provas da senhorita Anesia Pinheiro Machado, que vem a ser a segunda aviadora brasileira.

Nesse dia então realizaram-se no aerodromo "Curtiss" essas provas, tambem na presença do director do Aerodromo Brasileiro, sr. Luiz Ferreira Guimarães, presidente da comissão julgadora composta pelos aviadores srs. Domingos Lacerda Franco e Amadeu Saraiva.

A esse acto compareceram numerosas familias e cavalheiros, entre os quaes os srs. dr. Domicio Pacheco e Silva e aviadores tenente Reynaldo Gonçalves, o instructor da nova aviadora paulista: Fritz Roesler, Thereza de Marzo, A. Calier e representantes da imprensa.

Às 9 horas, a comissão examinadora e alguns representantes da imprensa dirigiram-se ao campo de Indianapolis, que se achava repleto de gente,

curiosa por assistir ao exame daquelle nossa patricia. A joven aviadora levantou vôo pilotando o seu *Caudron* de 120 cavallos, fez uma bellissima decollagem, atingindo logo a uma altura de 250 metros, afim de executar os "oitos" exigidos pelo regulamento do Aero Club Brasileiro. Apesar do forte vento que então fazia, essa parte das provas foi executada admiravelmente. A aterragem do aparelho, após 25 minutos de vôo, foi realizada tambem em excellentes condições. Em seguida a senhorita Anesia P. Machado registou o seu nome no livro do Aero Club.



Senhorita Thereza De Marzo.



Reservamos a nossa palestra artistica deste numero para os pequenos objectos: accessorios de toilette, uma serie de caixinhas, pingentes e espelhos.

As primeiras caixinhas que apparecerem ou eram de porcellana decorada ou então de lacca, mas para se adquirir um utensilio desse tinha de se recorrer ao commerciante, que sob a allegação de ser de *finissima* porcellana de Sévres ou então manufacturada no Japão, exigiam preços exorbitantes, quando a verdade é que sahiam das nossas fabricas para os armazens onde foram crimosamente rotuladas com pomposos nomes francezes ou incomprehensíveis heroglyphos japonezes.

Como porta-joias, bombonieres, porta-frascos, essas pequenas caixas tiveram no seculo XVIII a sua epoca. Hoje voltam novamente bem mais simplificadas, attingindo tambem os espelhos, pingentes, etc.

UM ESPELHO DE MÃO

Este espelho que mostramos tem as suas faces de *sycomoro* cuidada da mente pyrogravadas.

Logo que a pyrogravura esteja terminada, passa-se sobre todos os traços queimados uma pintura assás espessa, de tom verde cinza, porém bem igual, esfregando-se em seguida fortemente com um pedaço de trapo.

Desta maneira o tom verde se generalisa, dando a homogeneidade desejada.

Para não se errar, convem que pre-

viamente se faça sobre o *sycomoro* todos os desenhos, ramos, folhas ou flores, porque assim se torna mais facil que se pretender já de uma só vez pyrogravar.

Pinta-se, depois com aquarella as folhas com um tom alco-nado e a flor bem mais clara ou então com um tom malva, as folhas, enquanto que a flor seria agora de purpura.

Feito isso, depois de tudo bem secco, passa-se em seguida verniz branco, como se passasse aquarella, isto é, com um pincel, umas doze vezes successivas, tendo entretanto o cuidado de deixar secar pelo menos um quarto de hora cada vez.

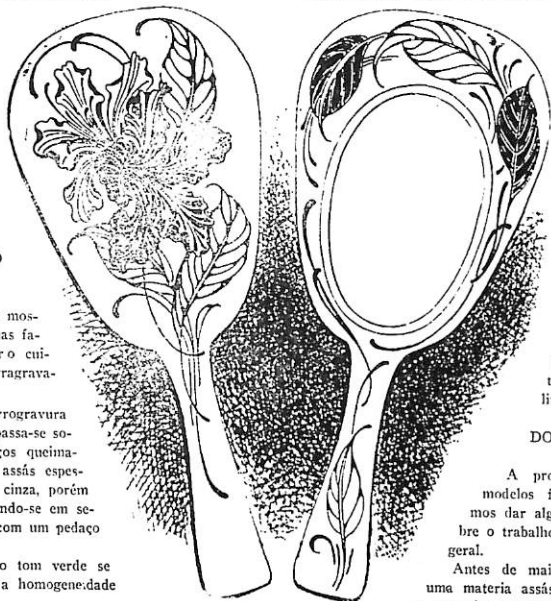
Desta maneira se obterá um verniz bem limpo, brilhante e de um effeito mais vivo e agradavel que o proprio verniz de boneca.

Em se tratando de uma operação simples não ha necessidade de se tirar o espelho enquanto se trabalha. Um desses espelhos de mão, tão comuns nas casas de negocio e mesmo tão baratos que qualquer pessoa o poderia adquirir e transformal-o em um lindo objecto artistic.

DOIS PINGENTES

A proposito destes dois modelos feitos em osso, vamos dar algumas indicações sobre o trabalho e sobre o osso em geral.

Antes de mais nada trata-se de uma materia assás dura, na qual são empregadas ferramentas como serrrote, buril, cinzel e por essa razão torna-se ne-



Aristocratico espelho bellamente pyrogravado em *sycomoro*.



Pingente de osso gravado.

cessaria uma instalação estavel; não se quer dizer com isso que se faça uma officina adequada, porém uma simples meza, dessas que se usam na cozinha, bem fixa sobre a extremidade desta mesa se adaptará, com dois parafusos, uma prancheta. Uma pequena taboa talhada em anel e presa em um encaixe.

Serve para manter o objecto bem firme e a uma distancia sufficiente para que as ferramentas, que se servirã e principalmente o serrrote, se movam livremente sem ser obstados na sua acção pela taboa da mesa.

O serrrote que se emprega é feito de uma lamina muito fina e de tempera rija, presa na sua parte superior em um engaste bem solido e que se desmonte facilmente todas as vezes que se vae iniciar ou repetir o trabalho. Esta operação que forma a parte mais importante da confecção do pingente, cujo modelo nos damos representando 2 folhas superpostas, é de longa execução, porque é preciso começar por fazer um huraco com a broca; esta broca é montada sobre um cabo, que gira loucamente do lado esquerdo e quando accionado de mo-

do que gire sobre a direita impulsione uma espiral de meta' que fará o furo.

Uma verruma faz o mesmo effeito, porém é um trabalho muito mais demorado e mais exhaustivo e nesse caso é preferivel a pua muito usada pelos carpinteiros.

A abertura dos orificios e a serragem são as operações mais demoradas, isso devido a dureza do chifre ou do osso. Convem trabalhar de

uma maneira normal, com a mão bem firme, de modo a se evitar accidentes e ter sempre facil uma quantidade regular de laminas, de serrotes e verrumas de reserva.

A serie de outras ferramentas a se empregar depois destas e que são em summa destinadas a preparar o trabalho como o buril e o cinzel são tambem chamadas ferramentas de esculptores e de gravadores.

O buril serve para desenhlar em relevo. O cinzel para desbastar a materia, com pequenos golpes tirando-se lascas mais ou menos largas, conforme a potencia da ferramenta e finalmente é de muita conveniencia a lixa grossa antes e fina depois, ou então a groza ainda melhor para unificar todas as superficies, tirando as rugosidades que

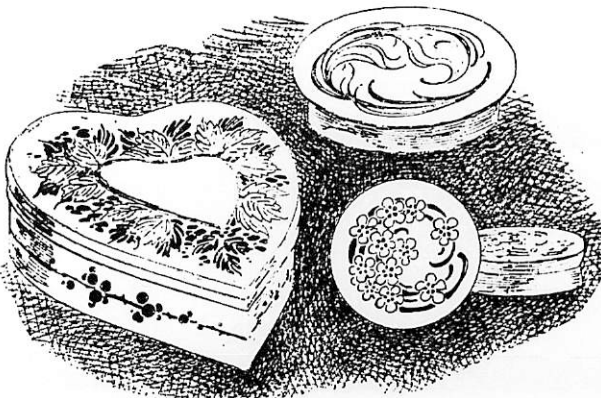
darão um aspecto mui desagradavel ao trabalho.

As limas, mais delicadas que a groza, de diferentes formas e talhes, tambem prestam bons serviços nesse caso.

E' em summa e experiencia que nos deverã dizer que: são as melhores ferramentas a se empregar em um ou em outro caso.



Pingente de chifre cortado.



Artisticas e minusculas caixinhas para toilette.

Resta agora somente fazer o polimento do objecto. Dilue-se em agua, pedra-pome em pó e passa-se com uma brocha durante bastante tempo; uma hora depois lava-se cuidadosamente e esfrega-se com camurça. Uma observação aqui deve ser feita: depois que se começar o polimento, que pode comportar lavagens successivas, se notar que certos detalhes estão insufficientemente acabados, pode se retomar o buril, cinzel ou a groza e retocar o trabalho, que para se completar depois, não se lançará mais mão da brocha, que além de ser muito grande, espalha muita agua com pó de pedra-pome; nesse caso então é mais prudente se fazer uso do pincel, de fios delicados, muito usados pelos pintores a oleo.

Finalmente, si pretender fazer algumas curvaturas, leve-se o trabalho para a agua fervendo, onde se deixa por al-

cios, o fusain para as sobrancelhas e outros recursos mais que as senhoras guardam em um canto do toucador, fora das vistas indiscretas.

A segunda mais alta, não tão bonita quanto a primeira, porém mais distincta, tem outras serventias que uma mulher elegante melhor que nós saberá dar.

Esses ornamentos de toilettes que desde a idade media eram considerados indispensaveis, chegou a ter o seu apogeo no seculo XVIII, desaparecendo depois para resurgir agora sob todas as formas e aspectos e com as mais variadas applicações.

Em uma marcenaria encommandam-se as caixas, de madeira espessa; ha quem prefira a imbuia, outros a canella e outros ainda o pio marfim, mas todas estas apresentam inconvenientes assim como a extrema dureza de uma, a



Outro modelo de caixinhas, porém mais discretas.

gum tempo, até amolecer o chifre ou o osso.

Antes de se iniciar as operações convem riscar o desenho que se vae fazer, para se ter uma idéa segura e firme e saber quaes as ferramentas mais apropriadas para esta ou aquella occasião.

CAIXAS DECORADAS SOBRE MADEIRA

Duas pequenas caixas decoradas sobre madeira, vistas de perfil e de frente para se ter uma idéa nitida dos desenhos e do formato de ambas nos mostra o cliché acima.

A primeira, mais baixa, com um tampo que se adapte perfeitamente bem, serve para porta-joias ou melhor ainda, porta-ninharias, como dizem os francezes em se referindo ao rouge para labios, para o rosto, ao lapis para os

tecitura das fibras de outra, etc. Tem-se visto modelos feitos em jacarandá e alguns em peroba, que pela sua natural cor vermelha tem um effeito simplesmente admiravel e principalmente se as decorações forem pretas.

Bem lixadas e sem rugosidades, faz-se o desenho com um lapis Faber n.º 1, passa-se o verniz branco com bastante cuidado e as folhas, flores e ramos pintados a quente, tendo sempre em mira que as folhas se forem verdes, os ramos serão verde-cinzentos tocados a havana e as flores mais claras que estes; si a decoração escolhida fór preta, o verniz será melhor, então tanto as flores como ramos e folhas todas terão uma só cor.

Para se dar uma cor brilhante ás caixas, convem passar o verniz branco seguramente umas dez vezes, e passa-se como acquarella, isto é com um pincel.

Mãe

O sol cahia a pino sobre a ampla estrada, um desses caminhos tão communs na Castilla, onde o viajante busca inutilmente um abrigo, uma arvore desejada ou um veio d'agua onde mitigar a sede.

Nesses campos aridos, nesses planicies inculdas, nesses montes desseguros baifejados pela intensa luz do céu, não reinava a alegria. A natureza odienta, amodorrada, avára de ar e de frescura, é engolphada por um silencio absoluto, apenas quebrado por bandos de perdizes, que passam rapidamente, com gritos selvagens e caprichosos vôos, levantando nuvens de pó, que se transformam em chuvas de ouro ao cair feridas pelos raios do sol.

Tarde quente de agosto que convertia em inhospitaleiro deserto esses caminhos e os campos que o circundavam, era aquella.

Perdida por esse deserto, soffrendo os horrores que abrazavam a atmosphera, asphyxiada pela poeira por ella mesmo levantada na sua marcha, via-se uma pequena e miseravel caravana que impressionava e inspirava piedade a quem a deparasse por ver em seu interior seres humanos, que só tinham por amparo a assistencia de Deus.

Constituiam a caravana uma mulher, tres creanças e um jumento. A mulher, a pé, já adeante descalça e coberta de andrajos e pó, movendo-se com lentição, respirando a custo. Em seus braços sustinha uma creança de poucos mezes envolta em pannos emmendados e sujos. A creança apertava com as suas pequeninas mãos o peito de sua mãe, chupando-o com soffreguidão para extrahir o leite que generosamente lhe era oferecido.

A mulher era joven e seria formosa a julgar pelos seus olhos negros e brilhantes, os seus labios roseos, a sua dentadura alva, sem falhas e pela harmonia do seu corpo, se a miseria, ao se apoderar della, não a houvesse deformado e envelhecido, enrugando-a prematuramente, enfraquecendo as suas carnes e enchendo de fios da cor da neve, a sua cabelleira outr'ora ennegrecida e ondulosa. Assim mesmo era bella, porque ainda conservava as suas pupillas expressivas e negras, quasadas com tocante expressão de amor, no rosto moreno de seu filhinho.

Atraz della, marchava o burro, sujo, fraco, de pello falhado, com as orelhas cahidas, e as patas desferradas, conduzindo por carga unica dois amplos alforges que cahiam a um e outro lado da albarda. Dentro delles, sobre um montão de trapos e papeis, estavam duas creanças que se equilibravam mutuamente, offerecendo doloroso contraste, pois enquanto o mais joven dormia, com a face tranqüilla, tendo nos labios o sorriso dos anjos a enfeitar a sua bocca mimosa e a saúde estampada nas maçãs do rosto, o maior, de cinco annos, retorcendo-se sobre o incommodo repouso, fixava na immensidade os olhos muito abertos, desviado pela febre, contrahia os labios impul-

sionados por dores internas e agonizava naquella athmosphera de chumbo.

Quem eram? De onde vinham? Por que atravessavam o estéril caminho como um inferno e um sol implacavel no céu, os individuos daquela caravana? Quem eram? Uma familia de zingaros orphã do chefe, que corria terras, implorando a carida publica.

De onde vinham? Da localidade vizinha, daquella em que não se tinham podido deter, nem sequer um instante para a mulher encher o seu cantaro vazio, porque os aldeães a teriam espancado, a ella, a miseravel, a bruxa, a cigana, se não tivesse partido immediatamente dalli, sem alimento, sem agua, sem descanso, com o seu filho febril, com os seus pés feridos, com o seu peito exausto, perseguida dos homens... E a infeliz mulher, amedrontada, só, sem ponto algum de apoio e de ajuda, abandonou o povoadado e proseguiu a sua rota, entre o pó e o calor,volvendo de quando em quando os olhos para contemplar o filho enfermo e cravando-os depois com expressão amarga e rancorosa, no distante logarejo, do qual sómente distinguia a torre da igreja destacando no espaço, o seu contorno cinzento.

O menino enfermo, levantando-se com esforço sobre a alforja que lhe servia de leito, estendeu os seus braços em direcção á joven e disse-lhe com voz febril:

— Mãe!

A cigana não tardou em attender ao chamado.

— Que queres, meu filho? — murmurou deitando a creança de peito junto ao seu irmão que continuava a dormir e envolvendo carinhosamente em seus braços o doente.

— Agua — respondeu este.
— Dá-me agua...
Tenho sede...
Queima-me e aqui...

E indicava com um dedo o peito arquejante e desnudado.

— Agua! — proferiu a mãe com espanto.

— Agua! onde encontral-a, meu filho?

— Agua! — respondeu-lhe a creança. — Morro de sede!...

E entreabriu os seus labios abrazados pela febre, fitando a sua progenitora, em fórma tão supplicante, tão cheia de amargura, que esta empallidecendo rompeu em soluços.

Era o seu filho, a carne de sua carne, o que reclamava um lenitivo, de que talvez dependesse a sua existencia e ella, sua mãe, não podia socorrer-o! Em vão examinou, com ansia, o interior da cantarinha. Estava vasia, sem uma gotta d'agua, sequer, em seu fundo! Olhou para o céu e no céu não havia uma nuvem! Prescuto o caminho solitario, os campos de trigo, as planicies e os montes ao longe, o horizonte inteiro. Não encontrou nada. Aquella terra sedenta parecia dizer á zingara, mostrando as faces



contrahidas e secas: "Água para o teu filho? Aqui não ha agua para nada. Que morra de sede como eu". E a cigana abraçando o corpo do menino, repetia com attitude de fêra e gestos de louca:

— Não ha nada! Não posso dar-te nada!! Onde vou encontrar agua agora meu filho?...

Pobre mulher!... Alli não brotava mais que um manancial, o de seu pranto...

Repentinamente a cigana sorriu, com um sorriso de esperança: a quatro passos deparava-se a casinholá de um treballador do campo. A porta e as janellas cerradas indicavam a ausencia do dono, porém, certamente, estaria em seu interior alguém que poderia attender ás suas supplicas.

Na porta bateu inutilmente. Ninguem respondeu aos seus chamados insistentes. Cansou-se de bater. Insensivelmente entrou a rodear o muro. Aos fundos deparou, com prazer e assombro, protegido pela sombra da habitação, um poço cheio de agua. A surpresa e o jubilo cegaram-na a tal extremo que não viu que ao mesmo tempo que ella, movido por eguaes desejos se dirigiu para o poço, um cachorro enorme, com o pelo iriçado, a bocca aberta, a baba escorrendo e os olhos brilhantes.

Ao distinguir a mulher, o cão latiu. A cigana levantando a cabeça comprehendeu as intenções do animal e apressou o passo. Um e outro chegaram juntos á cisterna e se detiveram um instante, contemplando-se em gesto de desafio. A cigana estendeu o braço e o seu inimigo, ao advertir o movimento, poz-se em attitude hostil, com as pupilas incendiadas, dentes á mostra. Não pensava em peirar-se; mostrava-se disposto a defender aquelle deposito do precioso liquido.

— Ah! tu tambem — gritou a zingara, olhando o seu adversario com raiva. — Pois não o terás!

E com um vigoroso socco o focinho do cachorro foi attingido.

Este deu um salto, cahindo com as patas deanteiras sobre a joven, jogando-a ao sólo, mordendo-a em um dos seus hombros. A miserá teve uma exclamação de dor e de furia.

Sem acobardar-se, nervosa, desesperada, segurando com ambas as mãos a garganta do inimigo, apertou-a com raiva, com ira, fóra de si, em heroico e brutal esforço, enquanto o molosso dilacerava as suas carnes com as afiadas presas.

A luta proseguiu durante breves instantes, disputada quanto silenciosa e terrível. Os dois combatentes rolavam pelo sólo, dispostos a vencer a qualquer custo e para isso o cão ferrava os seus dentes no hombro da mulher e esta apertava cada vez mais, em seus dedos, a musculosa garganta do mastim...

Finalmente a fêra deixou ouvir um gemido doloroso, abriu a bocca e caliu de costas. Os dedos da gitana o haviam estrangulado.

A vencedora levantou-se do sólo, cambaleante, pallida. O corpinho roto em pedaços, deixava ver o peito e os hombros, no qual appareciam feridas profundas, brotando muito sangue.

Porém, a cigana, não fez disso caso. Afastou um pé do inimigo. Correu ao poço, objecto da luta. Encheu soffregamente a vasilha e foi pressurosa ao encontro do seu filho e sem cuidar sequer de suas feridas, nem do sangue que corria pelos seus hombros, illuminada pelos raios do sol, poz o cantarinho nos labios do enfermo, e lhe disse a sorrir carinhosamente:

— Aqui tens agua! Bebe, meu filho! !

JOAQUIM DICENTA.

"Carnet Mundial"

Quem comprar um "CARNET MUNDIAL", que contém 200\$000 de coupons e que só custa 13\$500, ganhará, positivamente, 186\$500, visto que com os coupons do "CARNET" se podem pagar dez por cento das compras feitas, independente dos abatimentos que o freguez obtiver antes da apresentação do "CARNET MUNDIAL", nas mais acreditadas casas de S. Paulo, Santos e Campinas, associadas a nossa Empresa.

NOTA — A cada comprador do "CARNET MUNDIAL" fornecemos uma lista das casas de Santos, S. Paulo e Campinas, onde se póde comprar com o "CARNET". — Informações: CABRAL ESTEVES & C.^{IA} L.^{DA} — RUA SÃO BENTO N. 7-A — SÃO PAULO.

Federação Internacional Feminina

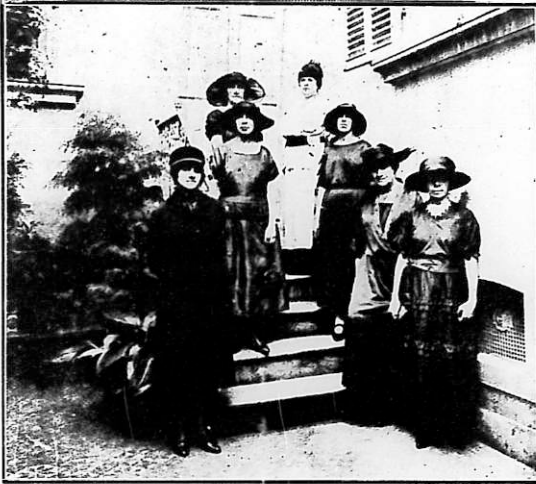
Com o fim de incrementar e desenvolver no Brasil, a educação artística e intelectual da mulher, a Federação Internacional Feminina, fundada nesta capital há muito pouco tempo, vem dando cumprimento, de uma maneira altamente inteligente e eficaz, ao seu bem elaborado programma, promovendo reuniões, palestras, e creando cursos especiaes de aperfeiçoamento.

Esses cursos que funcionam á rua Santa Theresza n. 11, são de portuguez, francez, dactylographia, trabalhos de applicação, pedagogia, inglez, hygiene, esperanto, declamação, jardim da infancia, estáo atrahindo distinctos e elementos da sociedade naustiana.

Em uma das ultimas reuniões da directoria ficou resolvido convidar-se todas as moças que trabalham: costureiras, telephonistas, empregadas de bancos e das casas commerciaes para procurarem a sede da Federação, afim de se marcar uma reunião e deliberar-se sobre assumptos de interesse das classes, cooperativas, etc. O plano dessas cooperativas vaee ser realizado sob os moldes do que se faz em diversos paizes da Europa. E' das instituições femininas fundadas nestes ultimos tempos uma das mais uteis e que maior somma de beneficios pode trazer á mulher em geral.

Sob as vistas e direcção de um distincto grupo de senhoras, a Federação Internacional Feminina se propõe a fins nobilissimos: canalisar todas as energias femininas actualmente dispersas, reivindicar os direitos da mulher e da creança, fundar bibliotecas contendo obras que concorram para a boa educação da mulher, promover a solidariedade feminina, diffundir os conhecimentos scientificos, princ-

palmente os referentes á hygiene e educação, protecção aos animaes e outros mais. Digna de applausos é a attitude dos seus membros, que com uma largueza de vistas, vêm em auxilio dos poderes constituídos, quando encara o problema da assistencia á juventude. Assim é que a Federação, no art. 12 do seu programma cuidando desse magno problema, diz: "Esse problema, aliás muito complexo e muito vasto, limitar-se-á no nosso programma a procurar afastar das proximidades das escolas as casas suspeitas, casas de bebidas, etc.; consistirá em propaganda te-naz: nos lares, pela imprensa e pela palavra contra os vicios: alcool, morfina, cocaina, etc.; prohibição de molestias e propaganda eugénica; distribuição de impressos educativos e preceitos higienicos; propaganda de esportes nada violentos e tendentes a desenvolver a energia e o espirito de solidariedade; coeducação; assistencia ás menores e protestos consistentes contra os attentados ao pudor, etc. etc."



Directoras da Federação Internacional Feminina.

Para nós mulhe-ros ser nos programas femininas esse cuidado pela infancia, problema arduo e difficil, porém não irrealizavel se o encarmos ao o mesmo potno de vista que a Federação. Fundada não há muito tempo, dissemos, já conta essa benemerita associação dois grandes grupos, S. Paulo e Santos e com um numero elevado de membros. As suas reuniões são concorridissimas e ella está se aparelhando de modo a poder executar amplamente o seu programma e dentre alguns dias teremos os postos de assistencia medico-dentaria sob a competente direcção de habéis profissionais. E' a Federação Internacional Feminina um dos expoentes maximos da cultura da mulher.

A SAUDE DAS SENHORAS

Em o nosso numero de Abril ultimo recommendamos ás senhoras enfermas o uso de um novo medicamento denominado "Soro Hormogony", o qual offrece a immensa vantagem de produzir um effeito seguro e de não conter nenhum agente chímico que é sempre nocivo ao organismo. Hoje, para corroborar o nosso affirmativa limitamos a transcrever para nossas columnas a seguinte observação registada recentemente por um clinico de grande reputação no Rio de Janeiro, sr. Dr. Thomaz Pereira Caldas. Pedimos para a mesma attenção de nossas estimadas leitoras.

L. da V., branca, 31 annos, brasileira, casada, 3 filhas, 2 abortos.

"Apresenta-se a exame, queixando-se de grande irritabilidade, não estar, heio de calor, somolença ás vezes invencivel, varias vezes isonomia atroz; tem desejos inexprimiveis, sente, quer algo, porém, não consegue objectivar-o. Durante o dia, tem horas de verdatleira inercia, de absoluta indolencia, succedem-se ondas de febril actividade. Suas regras se apresentam sob a fórma, ora de hemorragia por 8, 10 e ás vezes mais dias, ora escassas, surgindo e desaparecendo por dias ou horas alternadas; mezes ha vindo duas ou tres vezes, outros, primando pela ausencia. Tem crises de hypochondria. Nessa senhora já havia feito uma curetagem digital no ultimo aborto e á assistido no ultimo parto em que houve choque obstétrico, após tirada manual da placenta devida á hemorragia post-parto. Em tal occasião, havia rapidamente entrevisto uma anexite e perla e suspeição de uma fibroma no corpo do utero. O exame feito agora em boas condições, confirmou este diagnóstico. Verifiquei ainda que estava bastante suggestivel, com exaltação de seus reflexos e excessivamente nervosa. Pensei em uma deficiencia ovariana que impedia por momentos pensar-se em opera-la. Acuseihei tratamento, o que não fez. Ouvindo a outro collega, que propoz operação imediata; não quiz, valendo a mim 20 dias depois, com pcora de seu estado nervoso, apresentando como agitado, pesadellos e deliquos consequentes a qualquer contrariedade e até mesmo após vir-se devido a uma graça. Era seu riso um garalhar nervoso e indesejavel, que durava ás vezes horas a fio, vindo depois o deliquio; tinha então um facies de idiota. Sente-se aborrecida do marido, dos filhos, de tudo, tendo desejos de se embrenhar por uma mata a dentro, onde ninguém a visse. Inicial o tratamento pelo soro Hormogony e banhos de mar; seu estado se modificou por tal forma, que agora, já se tendo dispensado o tratamento ha 15 dias, está passando bem, que julgo já se ter dado a compensação funcional das outras glandulas crínicas e penso então em opera-la, caso sobreenha á hemorragia devido ao fibroma."

A liga do coração

Mercê de Deus, uma vez por outra, sente-se a rajada de bom senso a agitar a floresta humana, que toda se arpeia num fremito de curiosidade e admiração. E, neste instante, quem dá mostra de tamanha virtude é uma senhora.

Si bem que raramente tal succeda, não será exagero dizer que poderemos contar dentro no recinto da cidade maravilhosa para mais de duzentas mulheres assim de juízo... Fio mesmo que possuímos numero mais alto, embora não faite quem, por isto, me chame pejorativamente sonhador...

Está claro que juízo aqui não deve ser tomado rigorosamente como antonymo de quêda, pois, não me custa confessar, existem milhares e milhares dellas, que nunca perderam o apurmo ou escorregaram, desmanchando a compostura, mais resvaladio que fosse o caminho palmilhado.

Nem insultar a quem quer que seja é acção dignificante, nem consegui ainda descobrir em mim vocação para isto. Quereria antes dizer equilíbrio; gravidade nas attitudes; alegria sã, sem desmandos; pureza nos folguedos, dignidade que se contraponha ao desrespeito; zelo pelo nome que ha de legar aos filhos; criterio e segurança no governo do lar. E' isso que vai escasseando, por mal da família brasileira, porque cada diversão inventada é um pretexto para novas licenciosidades e novos abusos.

E quem o diz não sou eu, hoje tido e havido por diabo que se fez eremita, apesar de não saber o motivo que justifique tal renome.

Quem o proclama é a creadora da **Liga do Coração**, sociedade de resistencia contra as modas e os modos de agora, sociedade que, segundo entendi, tem por fim o restabelecimento do lar, desmantelado pela imitação dos costumes que nos trazem as profissionaes dos cinemas e as gentes dos palcos vaudevillesc.

São, pois, desta nobre mulher as seguintes palavras: — "Quando queremos competir com os homens, afastamo-nos do nosso nobilitante papel.

E' dellas a lucta exterior; é nossa a interna, a obscura.

No labutar da casa, preparamos as armas com que elles combatem na vida. Boas ou más, de tempera ou não, partiram de nós, que as forjamos. Não nos comparemos aos homens. O espirito rejeita o confronto entre sêres e cousas heterogeneas e moralmente falando, sensível differença entre os dois sexos."

Engana-se apenas a excellentesenhora quando affirma ser obscura essa obra domestica de formação do caracter do filho e até do proprio marido.

Nem o facto de se apparelar a menina para viver sobre si mesma, si acaso permanecer no celibato, si se tornar viuva ou ficar sósinha pela infelicidade de um mau casamento, pôde justifi ar este entono masculino, este desembaraço e falta de recato, ora notados na moça operaria ou caixaera, dactylographa ou funcionaria.

Chega, não ha duvida, em hora opportuna a prédica como dique opposto ao desbragamento da communhão e a tantos despropósitos.

Não frequentando estas altas esferas do requinte, poder-se-ia pensar que era a minha malicia quem ia carregando desmadiadamente as côres do quadro. Mas, não; os meus timidos reparos são feitos sobre narrativas fidedignas. E, si não, seja-me permitido transcrever um trecho apenas de chronica mundana, em que se allude a certo grupo de pessoas, cujos nomes de vez em quando apparecem escritos por extenso, e são espelhos, não direi de

boas maneiras, mas das novas maneiras...

Vejamos o que diz a secção elegante, textualmente:

Aquelle bloco dos **sete-folgos** tem visto agora uma de suas mais illustres componentes a pas-



O travesso Socrates, filho do sr. Rosário Gouveia e exma. sra. d. Isaura P. Gouveia, residente em Jaboticabal

ESCOLA REMINGTON

CURSOS PRATICOS E RAPIDOS DE
DACTYLOGRAPHIA

Portuguez, Correspondencia portugueza e Ingleza, Tachygraphia, Calculo Commercial, Calligraphia, Contabilidade, Inglez e Francez.

— Aulas diurnas e nocturnas para ambos os sexos —

MATRICULA SEMPRE ABERTA

RUA S. BENTO, 59 — S. PAULO

TEL. CENT. 4100

sear num bello automovel do director de um banco estrangeiro... Pudéra não! E' elle quem paga... a gazolina!

Pois, ha dias, foram todas no vehiculo bancario para o Country-Club.

Lá, foram taes as proezas que fizeram, que Madame! (ponho junto a este nome, por minha conta, uma grande, fulgurante admiração), ia perecendo afogada na piscina.

Salvou-a a solicitude gentil de um joven sportsman, director de um club e conquistador de corações...

Ao fim, para disfarçar o susto, ficaram todos assistindo aos exercicios do conhecido cirurgião, que tem um bello corpo de athleta.

Entre um banqueiro automobilista, um millionario sportman e um medico gymnasta, anda oscillando o coração de Madamé...

A immoralidade campeia, não a immoralidade timida de portas a dentro, mas a outra, a que abre as portas e sae a exhibir-se pelas ruas, e o que mais é, nos sitios onde ha mais espectadores. Estes são sempre ávidos de escandalos. Ha gente, como essa, que se não contenta de ser immoral: necessita publico, publico vasto, que lhes acompanhe os gestos e passe adiante o que viu e sobretudo inveja para a estimular á pratica de outros desmandos.

Tudo quanto para aqui trasladei veiu a publico no dia 26 deste luminoso abril, e até a hora em que escrevo não consta que alguem tenha ido pedir contas ao reporter desabusado, que continuará a registar as occurrencias com pachorra e riqueza de minucias. Não será mesmo para admirar que proponha apostas aos espectadores desta singularissima corrida de banqueiros, sportmen e gymnastas, corrida em que, parece, é favorito um lindo cirurgião.

Cá por mim confesso que sómente arriscarei a minha poule depois que assistir ao treino, que é diario, regular e animadissimo. Não vá a policia desmanchar prazeres, prohibindo o innocente joguinho.

Eis porque julgo oportuna e necessaria esta Liga do Coração recentemente creada. E' que precisamos de laços que prendam a tresloucada mocidade em torno á mesa nas grandes datas familiares, para que sinta o doce ambiente do lar, para que se não banalize e se corrompa nas reuniões mercenarias dos hoteis,

fóra das vistas das cuidosas avósinhas. E' por isto que applaudo o programma da nova comunidade, cujo fim não é outro que o de reatar, sómente reatar, a tradição do respeito, da pureza e da simplicidade das casas brasileiras.

E não será mistér grande esforço; não, porque affectação é o que ora se vê: a cigarrilha nos labios da mulher, o desalngamento das danças; a semi-nudez pelas ruas; a phrase do ganhão e do arriero nas communicações dos dois sexos; porque a verdade verdadeira é que somos timidos por indole, delicados pelo exemplo dos nossos maiores, possuindo o coração generoso, o caracter altivo e um lindo espirito de sacrificio e de devoção.

GOULART DE ANDRADE.

A MULHER

Em postura meditativa, a mulher dá invariavelmente a impressão de recordar. Ao contrario do homem, que, quando reflecte, visa necessariamente o futuro, querendo adivinhar o que lhe vai acontecer, combinando e discutindo consigo o que lhe cumpre ou lhe convém fazer amanhã ou annos depois — a mulher parece reviver as horas inesqueciveis da sua vida, regosar os jubilos e repadecer as maguas do passado — apenas aquelles menos alvorçantes, estas menos profundas e tudo attenuado, amaciado pela reflexão e a resignação. A mulher recorda, amenizando, alindando, poeticando. Por isso, saudade é palavra feminina. A saudade é uma mulher.

Se a meditação não proporcionasse á figura feminina uma graça tão atrahente, não seria para tantas actrizes uma tentação, um ideal representarem o "Hamlet". Sarah Bernhardt realizou, nessa obra estupenda de pensamento, uma obra de mirifica, purissima belleza. Interpretado por um actor, o Principe da Dinamarca é um monstro de reflexão; e a sua duvida, por mais que o genio tragico do poeta se esmerasse em a definir, elevando-a, nobilitando-a, tem sempre alguma cousa de asperamente humano, de pesado e brutal. Uma artista, com as linhas harmoniosas do seu "traveist", a musica da sua voz e sobretudo a delicadeza da sua alma, converte a personagem amarga e torva numa visão, infiel decerto aos intuitos shakespeareanos, lirreal, puramente fastasista, mas quão formosa e enlevadora.

JOÃO LUSO.



A linda Anna Maria, sobrinha da nossa representante em Pirangy, exma. sra. d. Jupira C. Pinheiro Ramos



O gracioso João, filhinho do dr. João M. Sette Camara e exm. sra. d. Regina Sette Camara, residentes em Saude, Estado de Minas.

Da mulher e seu defeito na sociedade

Está-se falando muito da independência feminina.

Uns batem-lhe as palmas do entusiasmo, outros repulsam-n'a como se della dimanasse o maior e mais desolador dos cataclismas.

Admira, minhas companheiras, como sendo o nosso, o seculo maximo dos grandes desenvolvimentos intellectuaes, das maiores campanhas sociaes, seja ao mesmo tempo testemunha desse entrave que, em grande parte ainda, os homens ante-põem ao desenvolvimento intellectual a independência moral da mulher. E vem dahi o grande mal das sociedades modernas: a dissolução dos costumes. E os homens estudam, rebuscam na sciencia remediar o mal e elle continúa. Porque? Eis a questão: — A sociedade é como se fosse uma enorme machina de difficilissima engrenagem em cujo estudo os mechanicos se vêm atrapalhados com o defeito de uma pequena mola a qual, por pequena, julgam-n'a de menor importancia. Para todas que lhe ficam ao redor, volvem-lhes os cuidados. E o defeito continúa... Continuará sempre enquanto não cessarem os seus infundados caprichos.

Na engrenagem social, essa mola é a mu-

lher e o defeito a ignorancia do seu valor no aperfeiçoamento moral das sociedades. E ahi está como até hoje, entre nós principalmente, é descurada a educação intellectual da mulher para armal-a somente desse defeito sobre todos nocivo que é a vaidade futil das encenações mundanas.

Defeito que lhe torna impossivel o cumprimento das obrigações; e mais: longe de tornal-a operosa companheira do homem, transforma-a no mais pesado fardo com que elle tem de arcar, em sendo dada a exigencia dos seus caprichos frivolos, sopitando-lhe as energias para a lucha do trabalho até atiral-o ao grupo dos vencidos.

Mas, cabe ao homem a responsabilidade desse mal?

Não; á mulher cabe um papel mais elevado.

A sua educação precisa assentar em bases mais solidas e sensatamente delineadas, fazendo-a comprehender a nullidade das suas vaidades mundanas e, pelo dever de justiça, o valor da sua collaboração no aperfeiçoamento moral-social dos povos, ao lado do homem.

Manáos, 4 - 4 - 922.

DULCE DOLORES.



A graciosa e intelligente escriptora e actriz, Alra Alranches, autora da peça "Macedônia arrependida", que obteve um dos mais ruidosos successos até então conhecidos.

PALAVRAS DO EMINENTE PROFESSOR DR. RUBIÃO MEIRA

Attesto que tenho empregado com resultados satisfactorios o preparado "REY-REUM", especifico destinado á cura das diversas manifestações do Rheumatismo e Arthritismo, principalmente nos casos agudos. Por ser a expressão da verdade, firmo o presente.

(Assignado) Dr. Rubião Meira.

Firma reconhecida pelo 11.º Tabellião interino Dr. Tristão Grellet.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias

DEPOSITARIOS GERAES:

DROGARIA MORSE

S. PAULO

Unicos concessionarios para todo o Brasil:

H. G. DOS SANTOS & CIA.

CAIXA POSTAL 1638

S. PAULO

DESTINOS

Aos domingos o arrial era despertado pelo bimbalar festivo dos sinos da igreja colada no cimo de um pequeno outeiro.

A capelinha de torres e de paredes muito brancas — ora ao sol, ora á chuva — sorria sempre. E era um espectáculo verdadeiramente pittoresco a chegada, aos bandos, de homens, mulheres e crianças ao arrial nos dias de festa; vinham risinhos e felizes.

As mulheres vestidas de chitas de cores berrantes, uma flor enfada no "coque", descalças, quando não se animavam ao martyrio do "botim".

Algumas mais rudes deixavam ver atraz da orelha, ou mal occulto no cabelo, um cigarro.

Os meninos e meninas vestidos com roupas compridas como os adultos, mastigando sempre "rapadura", "pé-de-moque", "brevidades", coussas estas que compravam aos doceiros, profundamente espolhados por toda parte.

Alguns homens não podiam quasi andar, torturados pelo calçado; outros, porém, mais praticos ou menos católicos, tiravam-n'os e esfiavam ou amarravam aos "paus" ou bordões. No cós das calças, a impressionável garrucha ou então as facas afiadíssimas "para o que der e vier".

São os roceiros homens de uma simplicidade paradoxalmente maliciosa á menor causa e qualquer reunião na "freguezia" é para elles um "festão".

Não pertenciam propriamente á classe dos roceiros, o Antonio Paulo.

Seu pai, um fazendeiro muito rico, mandara-o a um collegio e o rapaz aproveitara bem o seu tempo, porque falava regularmente a sua lingua materna. Alto, louro, á tez alvi-rosada como a de uma criança, á voz meiga, o gesto letrado e impressionava a todos, á doçura do seu profundo olhar. Aos domingos Antonio Paulo vinha tambem ao arrial e o tropel do seu cavallo negrissimo e lúcido, era já conhecido de todos; chegavam moços e moças das janelas para verem passar aquella cavalleiro cuja cabeça de gigante era como que uma cupula dourada ao monumento do seu corpo de athleta.

No ni mero dos humildes havia o Silvino. Era ajudante de pedreiro e o fabricante de fornos, fogões e muros das redondezas; muito servical, ia ganhando silenciosamente o pão para si e para sua velha mãe, de quem era o unico arrimo. O Silvino era feio, pobre e pequenino, mas tinha um grande coração e neste coração um grande affecto — sua mãe. O dever era na vida o seu pharol. Doçel, retrahido, silencioso, não dansava nos "lataques", evitava contentas e não se alcoolisava. Aos domingos vinha, como toda gente, á missa, trazendo em si o fado de "ver a Deus", lavado e servido pelas velhurnias de sua mãe. Depois de cumprido o dever religioso, deixava-se ficar ainda, vendo subir e descer a onda humana que falava, gesticulava, ria... De repente, porém, estreguia um tiro!... debandavam mulheres e crianças e o povo todo interrogava ansioso:

— Que é?

— É o Antonio que já está na "agua"!... dizia alguém. Fechavam-se então todas as janelas, os commerciantes recolhiam as suas portas e fugiam todos apavorados. Era o Antonio que já estava na "agua"... Não! já não era mais o Antonio Paulo... era uma fera com a loira busta revolta, as faces afogueadas, os olhos que despiam chispas tinham um brilho mau, a bocca escancarava-se em rugidos selvagens e o seu husto oscilava mal sustentado pelas pernas tropeças que se negavam a manter aquelle colosso humano. A sua roupa de casimira fina que, horas antes havia despertado a inveja dos outros rapazes, estava suja e imunda. Quando o Antonio se alcoolisava, ficava como um louco. Montado no seu cavallo, fazia-o entrar nos "negocios" e com o cabo de prata do seu chicote ia mortelando nas gradeiras das praças, nos corpos de baldes e nos vidros dos mostradores, quebrando tudo e... ah! do dono da casa se tentasse valer-se dos seus direitos... ai delle!

Naquelle linda manhã de Maio, o Silvino despedia-se de sua velha mãezinha e satisfeito com todos e principalmente comigo, pois tinha a consciencia pura, gabava-se de sua facieirice e beijando e abraçando a velhinha, dizia-lhe: — Adeus, mãe! até logo. Se encontrar por lá uns doces bons, he-de trazer. E apalpando-se, já na soleira da porta, disse: — Tu te esqueste, mãe, do meu lenço.

— Ah! sim, esquece-me, está alli... lavei-o hontem e o passei bem passadinho a ferro... e olha, Silvino, que é o ultimo... o ultimo...

— Sim, mãe, Deus te pague!... E foi-se. Depois da missa daquele risonho domingo de festa, procedia-se ao leilão de prendas e o povo se espraia pelo adro da igreja. Antonio Paulo se dirigira para o "negocio" do Baptista e começara lá as suas fequinhias... A linha de garrafas vestias de cerveja se ia alongando sobre o baldio e a todos que alli appareciam, Antonio ia obrigando a beber. O alcool ia, cada vez mais, excitando deploravelmente; e quebrando copos, garrafas e vidros já havia provocado a diversas populares, quando, empunhando um grande copo de "aguardente", o seu olhar feroz, em busca de mais uma victima, cahi sobre a figurinha apagada do Silvino... Encaminhou-se para elle, cambaleando, mas com o olhar firme como um raio da fadade e bradou: — Bebe rapaz! — Não Antonio me desculpe, mas eu não posso beber... — Bebe... já disse, não tens vontade, bebe já! — Perdõe, nhô Antonio, pelo amor de Deus, me deixei! E o rapazinho, que estava sentado, ergueu-se talvez para fugir.

O Antonio levantou então num gesto brusco o seu braço de Hercules e nas faces pallidas do Silvino vibrou o insulto de uma bofetada brutal... O rapazinho rolou por terra e, rapido ergueu-se com a physionomia transtornada, tremulo e desvariado, sacou do bolso uma velha garrucha, que parecia de todo imprestavel, puxou do gatilho, ouviu-se então um tiro... e um grito!... O busto apollino de Antonio Paulo vacillou e... tombou sobre a ventera da terra, tendo lentamente tirou do bolso o seu lenço... o seu ultimo lenço branco, e curvou-se e o enosou no sangue ainda quente da sua victima, passando assim gotejando, diversas vezes pela face offendida, num gesto de quem lavava... lavava!... Estendeu então os braços aos céus numa supplica de infinita dor e, enxugando uma lagrima, partiu...

Ninguém o prendeu, nem uma voz se ouviu; nunca mais os viram a elle e nem á velha mãe. Desappareceram como folhas secas levadas pelo vendaval...

Villa Virginia, 10 de Abril de 1922.

RICARDINA MENDES DE O. PACHECO.

O REMEDIO DAS SENHORAS



REGULADOR FONTOURA

CURA
DOENÇAS DO UTERO

REGULARISA
A MENSTRUAÇÃO

SUPPRIME
AS DORES UTERINAS

CURA OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMININOS

O REGULADOR FONTOURA
É FABRICADO NOS
GRANDES LABORATORIOS DO



INSTITUTO MEDICAMENTA

O homem que vem do céu

Bougerol, a seiscentos metros, parou o motor. Em baixo, moviam-se grupos de atridores, fazendo-lhe signaes, e se tentassem que elle não parasse.

O grande passaro, balançando brandamente seus topos tricoiores, cessou de ronronnar no céu chamejante, e desceu em espiraes auzadas para o mesquinho pamaral escondido numa dobra de terreno, na margem dessecada do Gharbi. Algumas construcções brancas, cercadas de paissadas e tendo em cima um mirante com a sua bandeira immovel, pareciam dormir, agachadas sob um sol assassino, como pobres animaes prostados de calor... Um delgado filete d'agua espelhava no flanco desta cidadeida perdida nas areias do Tidihelt, e os seres que a habitavam não viviam senão pela unica virtude deste fiosinho d'agua que um golpe de simoun podia secçar...

Deante desta paisagem torrida, Bougerol, sempre manobrando o seu apparelho, evocou com delicias os limões-doceos e os vermouths que elle, na vespera, saboreara em Laghouat, num café verdadeiro, onde havia agua de seitz e gelo á vontade... Soltou um suspiro nostalgico e por irritação fez estalar a lingua resequida.

Emim, sempre era melhor estar alli do que na frente da Champagne, ou no Chemin des Dames!

O avião tocou o solo, de onde subia um halito de rosnalha.

Depois Bougerol, parado a alguns metros das "casbahs" saltou da sua carlinga. Os atridores acorreram emocionados para esse viajante prestigioso.

— Bom dia! gritou-lhes elle.

— E' aqui o forte Gallien?

— Sim, sim, respondeu um sargento francez, apresentando-lhe com um bonito gesto biblico, um cantaro cheio de licor de cevada... Ah! pôde-se dizer que o senhor nos cahiu do céu E' demais, era tempo porque levanta-se acólá uma tempestade de areia, e vós iréis lançar-vos em cheio dentro della...

Elle mostrou o horizonte que um nevoeiro cõr de cobre aiogava, depois continuou:

— Então, o que o traz a este doce paiz?

— Oh! pouca cousa, disse Bougerol depondo o cantaro quasi vasio. Eu desempenho as funcções de carteiro rural: trago um sacco de cartas, uma caixa de drogas para o "toubib" e papelladas da brigada para o capitão Leão. E' tudo.

— E' tudo? Senhuma provisão?

— Vocês recebel-a-ão dentro de cinco dias, vem uma caravana em caminho.

— Nem mesmo algumas latas de leite condensado?

— Não se encontra isso em parte nenhuma, nesse momento.

Os Boches torpedearam-nos tres cargueiros na semana passada, entre Marselha e Alger...

Vai tudo bem aqui?

— Hum! fez o sargento com tom evasivo, o capitão lhe responderá sobre isso... Venha, eu vou conduzi-lo a sua casa, elle vos espera.

De uma pernaida, transpuzeram o ned Gharbi sem molhar os sapatos e penetraram no interior do forte ate um edificio sobre o qual estava escripto a palavra: Secretaria. Era ahi que morava o capitão Leão, um rude caçador do Tuarsg, reputado em todo o Sahara pela severa vigilancia com que guardava, havia quinze annos, as estradas do Sudan.

— Meu capitão, annunciou o sargento levantando a cortina que servia de porte, aqui está o ajudante aviador Bougerol. Elle tem papeis para vos entregar.

— Que entre, disse uma voz breve.

Bougerol, cego pela intensa claridade de fóra, não distinguia nada a principio, nesse cubiculo escuro e fresco. Mas, desde a entrada uma musica estranha intrigou-o e elle parou attonito, para escutar. Era uma especie de vagido, ou antes de rangido muito fraco, que vinha do fundo do aposento, e que semelha a

gemido rasgado de um animalzinho ferido de morte... Uma outra voz dominava esse supplicante grito de sofrimento com um "chut! chut!" terno e imperioso, como tentando socegal-o.

"O que será isso" — interrogou a si proprio o aviador, com os olhos arregalados.

Elle via na sombra uma branca silhueta que se movia, porém não adivinhava o fim, dos seus movimentos. Foi-lhe preciso algum tempo para se habituar a vista. Quando pôde emim enxergar nitidamente o capitão Leão, feriu-o um verdadeiro estupor...

Este homem de ferro, este domador de piratas, de punho inflexivel, que reinava sobre a hamada como um burgrave, estava nesse momento occupado em embalar desageitadamente nos braços uma creança recém-nascida!

Bougerol teve vontade de rir á vista do quadro paradoxal que offerencia esse rustico soldado fazendo do papel de ama de leite. Mas havia um tal amor e uma tal tristeza no olhar que elle baixava sobre a creança, que a cousa comeca se transformava em uma cousa tocante. E quando o capitão falou, então foi uma cousa pungente.

— Desculpe-me, disse elle com uma ironia sombria, deitando docemente a creança no seu cesto de vime. Esta recepção nada tem de militar, não é? e o senhor tem muito direito de admirar-se por surpreender em tão ridicula posição um velho encosorado como eu... Ah! quando ha pouco o senhor era assignalado, quando eu vi apontar lá em cima o seu apparelho, tive um curto minuto de alegria e de louca esperanza... Sim, eu acreditei que o senhor poderia salvar-nos... e agora, reflecti, não o creio mais...

— Salvai-os? fez Bougerol profundamente perturbado. De que?

O capitão girava em redor da sala, como uma féra engaiolada. Sua mão num gesto maquina, parecia querer arrancar da frente a obsessão, a vespa que o atormentava... No fim de um instante de silencio, respondeu:

— Como exprimir-lhe o horror desse pesadelo sem sahida, no qual em vão me debato ha tantos dias?... Sabe, o pobre menino que está ali meu filho...

Elle nasceu segunda-feira á noite, e não tem mais mãe...

Elle morreu na noite de ante-hontem... Nós enterramol-a esta manhã ao alvorecer.

Interrompeu-se. Um repentino turbilhão de vento passou ao longo da casa, sacudindo a cortina da entrada. Approximava-se a tempestade.

— Sim, continuou elle, eu me aborrecia muito aqui, então mandei buscar minha mulher, de Blida, em abril ultimo; isso não é muito regular, mas tolera-se; sabe-se em que inferno deprimente vivem os officiaes saharianos e por essa causa releva-se... Sómente, acontece, que o inferno não é bom para a saude das mulheres, e o meu egoismo matou essa desgraçada: Não se constrõe impunemente o lar nas dunas do ned de Gharbi; eu devia prevê-lo... e o meu castigo ainda não terminou... agora é o meu filho, quem vai morrer...

— Oh! o que o faz acreditar nisso? exclamou Bougerol, debruçando-se sobre o berço... Elle parece forte, ao contrario, este pequenol

— Elle está condemnado, digo-lhe elle affirmou o capitão com sombrio desespero... Antes de quarenta e oito horas, terá morrido de fome.

— De fome? balbucio o aviador, não ousando ainda admitir a horrorosa verdade que lhe revelavam... Porque de fome?

— Porque nós não temos nada para lhe dar... Nada!... Comprehende?

Um silencio terrivel pesou sobre os dois homens... Só se ouvia o gemido agonisante do pequenino... O capitão soltou um bramido de revolta:

REVISTA FEMININA

— E' muito bonito o dever, hein! Ficamos preso como naufragos em pleno mar... Uma creança tem necessidade de leite para viver: não ha uma gotta aqui. Nem fresco, nem conservado. Tinhamos uma cabra, os chacaes devoraram-na na semana passada...

E a leiteria mais proxima está a cento e cincoenta kilometros! Para encontrar uma mamadeira de leite é preciso viajar seis dias através do areal; e o leite quando chegar, estará transformado em queixo; elle não gosta do sol... E então? que hei de fazer? Não o tem o senhor?

— Si eu tivesse uma lata delle, disse Bougerol, ella já estaria aqui.

— Pode ir buscal-o não importa onde, seja por que prepo fór, antes de amanhã cedo?

Bougerol só poudo responder o que já havia dito do sargento. Talvez que em Alger ou Oran se encontrasse, mas nas cidade do sul, não havia em parte nenhuma desde quinze dias... Além disso, não se cria um recém-nascido com leite condensado.

— Achar-se-ia mais facilmente leite fresco, accrescentou elle. Em El-Goléa, por exemplo, não faltam rebanhos, e eu estou certo de que lá haverá. Sômente elle coahará em caminho... E depois, eu penso no meu reservatorio: para fazer esse trajecto supplementar, de ida e volta, não terei essencia bastante... Os stocks estão em Ghardaia, é preciso primeiro que eu volte lá.

— Então, é muito simples, não é? murmurou o capitão com os dentes cerrados: cruzo os braços e deixo morrer o pequeno. Eu bem sabia que não haveria outra cousa a fazer... Não falemos mais nisso!

Sua austera physionomia tornou-se impassivel, porém sua voz quebrou-se e elle torceu as mãos convulsivamente.

— Pobre pequena creatural disse Bougerol, com o coração invadido por uma immensa piedade... Eu tenho tambem um, e sei o que isso é...

Elle contemplou durante um momento este rostinho enrugado, que já reflectia toda a miseria, todo o sofrimento humano... Não lo inclinara-se deante do "nada a fazer" teria sido monstruoso... Era preciso lutar por essa existencia, era preciso arrancar, custasse o que custasse, á imbecil crueldade do destino esta cousa sagrada, tão pequena e tão grande em quem palpitavam o futuro...

De novo a cortina poz-se a bater ao sopro da ventania que varria o acampamento. Bougerol reflectia...

— Escute, ha ainda um meio, propoz elle: quer que o leve comigo?

— Mas para onde?
— Existe uma chéche em Ghardaia, eu alli o deporei. Dentro de quatro horas, se tudo correr bem, elle podrá mamar á vontade... Confie-me o pequeno e eu salvá-o-ei...

O capitão abanou a cabeça:
— Ail elle está muito fraco, não pôde mais sahir d'aqui... O calor é suffocante, o ar está irrespiravel, e nós estamos prisioneiros do furacão... Elle não chegará lá vivo... Nem o senhor tão pouco.

— Ora!... julga isso?

— Cego, queimado, asphyxiado pela tromba de areia, o seu aparelho desgovernado, depois lançado ao chão como uma palha, o senhor não iria longe, asseguro. Não se enfrenta a colera do Sahara, meu filho!

— Ah! disse Bougerol num tom calmo. Pois bem, é o que vamos vêr!

E caminhou deliberadamente para a porta. O capitão segrou-o pelo hombro, fê-lo voltar, com um gesto imperioso, quasi brutal; e seu olhar agudo prescutou-o.

— Aonde vae? interrogou elle anhelante de febre e de angustia. Aonde vae? O senhor não vae partir agora, supponho?

— Sim. Porque não? replicou friamente o aviador. Atravéz desta tormenta? E' uma loucura.

— Elevar-me-ei acima della.

— E' arriscar-se a morte...

— Pouco me importa... E' preciso que eu vá... e já!... sem perder um minuto!...

— Seja. Mas o que vae fazer?

— Não sei ainda. Pensarei nisso lá em cima... Eu me desembaraçarei, porque não? Vou fazer por esse menino, o que eu faria si fôsse o meu, não me pergunte mais nada...

Uma lagrima deslisou lentamente pela face do capitão. Incapaz de articular uma palavra, apertou nervosamente a mão de Bougerol. Adeus, vá!!!... E foi tudo; elle deixou-o partir.

O sol estava encoberto. Ondas de areia corriam no deserto escuro. Uma vaga arrepiada revolvía as dunas. Por momentos, a terra e o céu pareciam confundir-se, e nada se via a vinte metros... Bougerol não recuou. Chamou os homens do posto para ajudal-o a remover o apparelho e a tomar o vôo.

— Ah! na Verdade, exclamou o pequeno sargento estupefacto, para affrontar uma tal borrasca, é preciso estar desesperado!

— E eu estou! respondeu Bougerol, sorrindo sem basofia.

— Mas o senhor nem poderia respirar. Ficaria suffocado.

— Eu tenho uma mascara de gaz, vou usal-a.

— Emfim, isso é com o senhor. Deus o proteja.

— Obrigado, meu velho, e até logo.

Você vêr-me-á, eu o espero, esta noite ou amanhã de manhã... Agora, se eu não voltar...

— O que é preciso fazer?

— Simplesmente, uma pequena oração.

O barulho do motor, posto em movimento, finalizou este colloquio supremo. Depois o piloto, uma vez installado, deu o signal de "largar tudo", e o grande avião, impellido pelo vento, tomou o vôo na tormenta.

O crepusculo de uma noite calma desceu sobre o acampamento pacificado. O simoun havia cessado. As primeiras estrellas scintillaram em um céu de opala, que o capitão Leão observava com uma angustia desanimada.

— Voltará elle?... Onde estará?... Terá realizado o seu plano?

A creança continuava a viver.

Não era ainda muito tarde para salvá-a.

— Mas que elle se apresse, meu Deus, que elle se apresse!... Amanhã, está ainda muito longe... e a morte afoita, ronda a noite como uma hyena... e esta noite de espera vai durar um seculo...

Bougerol!... Bougerol!... Depressa! um pouco de leite por piedade! E o capitão estendia as mãos crispadas para as estrellas. A escuridão tornava-se espessa.

No alto do mirante um projector a acetylene abriu bruscamente um grande olho claro, e accenderam-se fogueiras de cada lado do forte para guiar o viajante que se esperava.

E de repente, elle chegou.

Uma sombra gigantesca, descendo para o chão, passou em vôo planado a alguns metros acima das "casbahs". Ninguém tinha-a visto nem ouvido approximar, não se sabia de onde ella sahia com seu modo de fantasma, e talvez mesmo não tivesse sido notada, se no momento em que ella chegava ao forte, não tivesse assinalado a sua presença pela mais extraordinaria e a mais diabolica das "yociferações".

A este grito de nesta apocalypticca que atravessou a noite, todas as cabeças se levantaram inquietas.

O capitão teve um calafrio... O aviador, tendo escapado do inferno sahariano, teria enlouquecido?

A aterragem foi, no entanto, a de um "az" de posse de toda a sua razão e maestria. Viu-se confusamente o grande passaro negro, inclinado sobre a aza, descrever uma curva sábia, e escolhar com circumspecção uma área propicia, onde pousou ligeiramente sem um solavanco. Não, o aviador não estava louco.

Porém o capitão esteve a ponto de endoidecer de alegria quando, chegando em primeiro logar dante do salvador, ouviu que este gritava alegremente:

— Olá, camaradas!... tragam luzes, e venham ajudar-me a descer a ama que eu lhes trago! Uma ama!!!

Palavra ineffavel, palavra divina! O pobre pae sentiu o coração fundir-se...

— Uma ama!... Encontrou uma ama?

— E bem famosa, então! O pequenino terá o que jantar!

— Oh! estarei sonhando?... Onde está ella? quero vê-la! Onde está ella?

Bougerol occupado num trabalho, que ninguém distinguia, movia-se activamente, mettido até o pescoço na sua carlinga.

— Esperei, disse elle, ella está amarrada, estou tratando de desatal-a.

No escuro, no mesmo instante, ouviu-se um longo mugido lastimoso, como o que, ainda ha pouco, havia assustado a pequena guarnição. Era a queixosa "ama" que manifestava o seu desgosto pelas viagens aereas.

— Mas é uma vacca! exclamou o capitão, rindo e chorando ao mesmo tempo. Elle trouxe uma vacca!

A voz de Bougerol respondeu tranquillamente.

— Uma vacca. Nem mais nem menos.

Depois, em poucas palavras, elle narrou a sua terrível, num tom jovial que moifava agora da tragédia:

— Eu quiz primeiro embarcar uma opulenta rapariga de Ghardaia que desempenharia muito bem a obrigação, mas não houve meio de decidil-a. Então decidime por este animal; e como não possuia bastante dinheiro para compral-a, e como, demais o seu dono não estava presente, furtel-a. Ora! não devia hesitar, hein?... e a vida de uma criança vale bem uma vacca! Tanto peor para o bezerro. Não o conheço! Então, com alguns camaradas postos ao par da historia, içamol-a para o "cuco", por meio de uma polé; e, uma

vez em cima, upa, a vapor! parti a toda velocidade, e eis-me aqui.

— Sim, sim, tudo vai bem, agradecerme-á em outro dia... Olhe, pápá, enquanto esperamos que o hom animal recobre o seu aposento natural, leve sempre isso da minha parte ao petiz, que tem muita necessidade...

E, debruçando-se por cima da borda, elle apresentou ao capitão uma gamella de leite espumoso que acabava de mugir, enquanto conversava. Depois, batendo amigavelmente no pescoço desta insolita companhia de viagem, acrescentou:

— Pobre velha, ella é um pouco estúpida!... Eu estava tão contente, que a fiz fazer o looping, mas vejo com prazer que isso não lhe alterou o leite.

O preço da vacca foi reembolsado ao proprietario, desde, o dia seguinte. Mas sobre a queixa formal do "caid" de Ghardaia que exigia o castigo do culpado, o commandante da região foi obrigado a dar uma sanção, afim de satisfazer a opinião indigena muito excitada pelo incidente. Bougerol, glorificado como um heróe, ao mesmo tempo e pela mesma acção, punido com oito dias de prisão, com este motivo bem "especificado", que orná para todo e sempre a sua fé de officio: Apesar da interdição feita aos aviadores de levarem a bordo passageiros civis, serviu-se do seu aparelho para transportar uma pessoa estranha ao serviço.

ROBERT FRANCHEVILLE

(Versão de Corina Cunha)

Hygiene da infancia

VESTUARIO, ESPARTILHO

O vestuario das crianças deve ser sempre simples e folgado; tudo quanto é ornato, luxo e arrebiques lhes prejudica a saude.

Os folhos bordados, as guarnições de rendas só servem de as apoquentar porque não as deixam correr pelo campo nem saltar á sua vontade; e as mães recommendando-lhes continuamente cautelas, e fazendo-lhes pregaçãoes e ameaças de castigos se estragarem os vestidos, fazem com que seus filhos antes não queiram brincar. O luxo com que por ahí se estão vestindo as crianças é, além de desperdício, grave prejuizo para a saude. É melhor gastar dinheiro com passeios ao campo e com objectos, que convidem as crianças a fazer muito exercicio e a andar alegres, do que despendir grandes sommas com folhos e rendas e outros atavios, que só servem de as atormentar, obrigando-as a estar quietas e sentadas ao pé das mães, todas direitas e embonecadas como se fossem já umas senhoras.

As crianças não devem usar nada apertado. Não se consinta que usem ligas nem por cima nem por baixo do joelho; estragam o fletido da perna, e mais ou menos interrompem a circulação do sangue; as meias podem ser atadas a qualquer parte do vestuario, por exemplo, á cintura com fitas elasticas.

O calçado apertado produz callos, que causam muitas dores ás crianças, e não as deixam andar, e muito menos correr e saltar, e além disso pode fazer-lhes tomar movimentos desengraçados, que é quasi impossivel corrigir.

Se taes apertos são maus, é sem duvida o espartilho ou collete de barbas; difficulta o alargamento do peito, faz que a respiração seja mais curta, e o resultado é ficarem debeis e acanhadas toda a vida.

Não é belleza ter cintura excessivamente delgada, e que o fosse, não seria comprimido por tal meio o estomago e o ventre que se conseguiria o fim desejado.

As crianças, em pequenas, têm naturalmente o ventre volumoso e cintura grossa, mas isto desaparece á medida que vão crescendo, sem necessidade de cinta; nem espartilhos. O que taes apertos podem fazer é o peito estreito e mettido para dentro, mau jeito do corpo e falta de saude. Acreditem as mães que com espartilhos não se alcançam cinturas delicadas; ha muitos exemplos de meninas a quem deixaram andar inteiramente á vontade, que depois de crescidas ficaram com a cintura muito mais delgada, e com melhor feitio de corpo do que outras a quem atormentaram na infancia com espartilhos e outros caprichos da moda.

A belleza deve ser proporcionada; e uma senhora larga de hombros não fica bem se apertar tanto a cintura que a torne fina de mais. Além disso, devemos-nos lembrar que a principal belleza consiste em ter boa saude, e que portanto nunca poderá ser bella uma senhora, por mais delgado que tenha a cintura, se para isso foi necessario usar espartilho e excessivos apertos quando era criança.

Desenganem-se as mães de que é altamente prejudicial tudo quanto possa obstar ao natural crescimento do corpo e ao movimento e livre exercicio das crianças, ao passo que nada aproveita á belleza das formas.

As pallidas cores, os nervos, as fraquezas de peito e as tísicas são originadas em grande parte de taes apertos excessivos e continuados, que só servem para estragar a saude e comprometter a belleza.

Estamos persuadidos de que, sem taes meios, teriamos mulheres mais robustas e ao mesmo tempo mais esbeltas e mais formosas, e como consequencia necessaria, prole mais alentada e vividoura.

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literarias que não excedam de 60 linhas em prosa e 14 em verso.

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto literario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções literarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas).

DIVAGAÇÕES

Ja alta a noite. A branca confidente dos poetas desliza vagarosamente no espaço, derramando ondas de luz sobre a cidade adormecida. No firmamento não se divisava sequer uma nuvemzinha branca e fugitiva. Era uma dessas noites formosas de novembro, em que a natureza parece esmerar-se em mostrar à terra toda a pujança de sua belleza infinita.

Sentindo não me ser possível passar mais tempo a contemplar a belleza daquella noite enluarada, confiando no bello astro da da noite as tristezas e desejos que tumultuavam em meu coração, recolhi-me à minha alcova.

Mas continuava insomne, cheia das idéas e castellos que se formavam instantaneamente em meu pensamento.

Afinal, quando ia cerrando as palpebras, fui despertada pelo som de um harmonium que talvez movido por mão inhabil, soltava um turbilhão de notas desafinadas.

Dir-se-ia que tudo estava combinado para afugentar de mim o somno.

Calou-se finalmente o harmonium e eis que ouço as notas plangentes de um violão acompanhando uma modinha cuja musica melancolica despertou em minha alma ternas emoções.

Recordi-me então dos ditos dias de minha vida, em que nenhuma idéa triste se abrigava em meus sonhos phantasticos. Desappareceram tambem ao longe aquellas notas harmoniosas, que se me afiguravam saudades murchas despojadas dos verdes peciolo, a rolarem para muito longe levadas pelo zephiro da noite.

Não sei porque, passou-me então pela mente uma nuvem de tristezza e de meus olhos brotaram duas lagrimas ardentes que foram cecidendo medrosas nos folhos do meu travesseiro.

Uma bella e meiga visão apresentou-se naquello momento ante os meus olhos e pousando delicadamente os seus assetinados dedos sobre as minhas palpebras, cerrou-as de leve e um doce lethargo apoderou-se de meu ser.

Estava dormindo.

Rocelra.

Santa Cruz, 17 de Novembro de 1921.

As amiguinhas do Jardim Fechado

Venho, por meio desta secção, pedir o favor de indicar-me um preparado para extinguir os cabellos do rosto.

Já pensei em usar o depilatorio, porém aconselharam-me que o não fizesse; porisso desejava tambem ouvir a opinião das amiguinhas sobre este ultimo preparado. A amiguinha que souber do remedio seguro para a extincção dos cabellos, peço tambem o favor de indicar-me onde poderei encontrar-o.

Da amiguinha dedicada

PRIMAVERA.

Querida socia Nin

Quanto à sua pergunta: "Qual o preparado ou especifico que se deve empregar para melhor dar brilho à gomma dos collarinhos e qual à maneira de empregar-o", temos a responder o seguinte:

Já não se usa dar muito brilho aos collarinhos e peitos de camisa, como se usava antes, porque hoje a moda é collarinho molle, engomado em gomma bem fraca ou collarinho de seda sem gomma. Para dar brilho, porém, usa-se a gomma propria, crua, um pouco de trinal, e o ferro de fundo arredondado com o qual se obtem o brilho que se quer.

Quanto às outras questões, já seguiu resposta por carta.

Muito querida amiguinha Nair Veiga — Saudações.

Tambem eu quero formar um album de poesias. Mas, seria um prazer enorme para mim, se na primeira pagina, posses eu por o mais bello Soneto que o fino gosto e intelligencia da querida amiga, escolhesse. Poderei contar com essa fineza?

Será com muitos beijinhos que agradecerá a

EDY

Curitiba, 3 de 11-21.

As amiguinhas

Sertaneja.

Um dia, conversando com um velho e distincto amigo, que conseguiu realizar a sonhada felicidade na terra, pedi-lhe que me desse a receita para ser feliz, e elle, com muita seriedade tomou de uma folha de papel, e escreveu algumas linhas, que curiosamente li. Dizia apenas: conformar-se com todos os trabalhos da vida... creio que realmente é o unico meio de se ser feliz...

ROCEIRA

Amiguinha Cecy

Recebemos o soneto da nossa talentosa poetisa Mariana Luz, destinado à collecção de Nair Veiga. Não podemos publical-o, infelizmente, por que o soneto, mal copiado, se nos apresentou com uns oito versos errados, inteiramente fóra da metrica. Copie-o com mais cuidado e mande-o.

NÃO E' O TRABALHO O MOTIVO E' OUTRO!



QUANDO uma pessoa chega ao seu escritorio ás primeiras horas da manhã, cansada e dolorida, não pôde responder a biliziar o trabalho por seus padecimentos. Por muito forte que seja o trabalho, até hoje não se verificou o caso de que tenha morto alguém desde que se tenha uma vida methodica. Não obstante, trabalhar irregularmente, a falta de descanso, de somno ou de distracção e exercicio, enfraquece os rins e conserva os individuos n'um estado de cansaço, de aborrecimento, de mau humor e de mau estar. A debilidade renal é de consequencias terriveis, e ás vezes fataes, não se devendo portanto retardar o tratamento deste mal.

As Píluas de Foster para os Rins, têm salvo uma infinidade de empregados, chefes de officinas e inspectores de estradas de ferro, etc., muitos dos quaes eram pessoas que se tinham visto obrigadas a abandonar seus empregos por se encontrarem impossibilitadas para o desempenho de seus cargos. Estas píluas são chimicamente puras, e não contém drogas que possam ser prejudiciaes ao organismo. Por mais de meio seculo têm sido recommendadas e usadas universalmente. Si o senhor soffre de dores nas costas, cansaço ou outros symptomas do mal renal, não espere mais, porque o atazo pôde ser-lhe fatal. Dirija-se à primeira pharmacia e obtenha um frasco de Píluas de Foster para os Rins.

A venda em todas as pharmacias. Pega nosso folheto sobre as enfermidades dos rins, e nós lho enviaremos absolutamente gratis.
FOSTER-McCLELLAN Co.
CAIXA POSTAL 1962 — RIO DE JANEIRO

TRISTE DESTINO

MISERERE DA DÓ

(Dedicado à Exma. professora
senhorita Maria D. Cunha).

Por entre as encostas brunidas de verde, serpava ruidosamente a locomotiva, deixando atrás si uma densa nuvem de vapor que aos poucos se volatilizava no ar e desaparecia. O ruído que fazia rondando sobre os trilhos era ensurdecedor e bem poucos dos viajantes se aventuravam a estabelecer conversação, posto que isso quasi sempre se resumia em phrases banaes, por mera distracção.

Entre os passageiros de primeira, havia um que, isolado dos mais, parecia maravilhado em meditação profunda. Era Mario Marques, moço bem apossado, cujo traço denotava certa abstracção. De physiognomia sympathica e um tanto grisalho, parece que prematuramente, pois em seu rosto não se distinguia a menor passagem dos annos. Maravies sciava-se: evocava as visões do passado — que fôra tão feliz ao lado de Gloria. Bem ephemera fôra aquella felicidade!

Já faziam dez annos que se separaram, mas o pobre moço gosava um prazer acridico, em rememorar, em fazer saugra a frialdade já por si insuavel!

A desilusão tornara-o triste, quasi insociavel. A dor moral fizera uma revolução naquelle alma extremamente boa, infinitamente alegre, tornando-o sombrio e desconfiado.

O trem continuava a sua marcha por entre matias e montanhas, atravessando pontes e perfurando tunicis... Para elle só existia o passado.

Revin-se nos vinte e dois annos, quando arenas fumado, desposara Gloria Camer: decaos o seu pequeno lar, não rico, mas confortavel, o sufficiente para serem felizes. A fôrta gentil da mulher era relaxada no fado axul da paz domestica, como o modelo das esposas. Tinha crido no amor della e em sua regeneração, elevando-a á familia, dando-lhe seu nome.

Iludira-se porém, pois Gloria não passava de uma actriz de café-concerto, uma hypocrisia por quem elle se aventurára desposando-a por crer em suas promessas e juras.

Um dia, porém, a mulher revelou-se tal qual era. Com ironia amargura, Marvies lembrava a tarde em que quiz fazer-lhe uma surpresa. Ao sair do seu escritorio de advogado, foi comprar uma embolida "karrette" para desor no touzalor da mulher, ás occultas. Gosava de antemão a sua alegria ao desovar tal mimo em seu assento... Mas nesse dia não viu Gloria á janella, como de costume á sua espera. Que terá acontecido? pensou. Talvez esteja doente. Sentiu como que um aperto no coração ao ter tal pensamento.

Checou a casa, procurou-a, mas em vão. De repente viu um bilhete pendurado dum fio na maçaneta da porta.

Com mão febril retirou-o e leu:

"Mario, peço-te perdão pela loucura que vou commetter. É a fatalidade que me imell. Uma paixão lottica arrastou-me, mas parto ainda d'ella do teu lar. Perdida e esquecida."

Quasi endoideceu, mas por fim resignou-se sem perdor. Não, elle nunca perdoaria...

Eis que Marvies se abruptamente arremessado ao presente: numa das estações intermediarias entrou no carro um casal com uma menina de seus oito annos; a senhora diz-se Gloria, um pouco envelhecida. Não, era ella mesma! O companheiro devia ser "elle", o ladrão de sua felicidade. O moço ficou fóra de si, não sabia o que fazer.

A senhora e a menina retiraram-se e o homem installou-se commodamente em uma poltrona e começou a ler, depois de ter arrumado a mala da senhora e da menina e os seus agasalhos.

Nisto Mario antep-se-lhe e diz-lhe com voz estragulada:

— Miserravel! Não me conheces?

— O amante de Gloria esparvidor respondeu-lhe:

— É' um equivoquo, cavalheiro, decerto não se trata de mim.

— É's tu mesmo. Eu sou Mario Marques, o marido de Gloria Camer. Ainda não me conheces? Bem sabes que as leis são inexoraveis ao seductor e a adúltera e paternas ao marido ultrajado.

Há muito tempo esperava eu este encontro e o acaso quiz hoje reunir-nos. Um de nós precisa desaparecer, é sentença por mim dictada de quem Deus será o juiz, por isso vinhos tirar a sorte.

Se eu morrer, poderás casar com ella e legitimar tua filha. Assim ditendo, tirou uma moeda do bolso e perguntou ao tenor, isto é, ao amante de Gloria:

— Cara ou corada?

— Corada.

Atirou a moeda: a sorte foi favoravel a Mario.

O tenor sahio do compartimento seguido deste e desfechoo um tiro no ouvido. Seu corpo rolou entre os carros e por um instante ouviu-se como um remoer de carnes gementes.

O drama não se completára ainda.

Quando voltaram ao carro, a menina perguntou á sua mãe:

— Onde foi o papai?

Foi Marques quem respondeu:

— A justiça divina cumpriu-se, Gloria.

Esta, esparvidora ante aquella voz, bem sua conhecida, e aquellas palavras, correu e atirou-se entre os trilhos.

Uma orpham ficou no carro, entregue ao seu destino, traçado pelo desvalramento de uma mulher.

SANTELMO.

MISERERE DA DÓ

Não sei que surgevella tristeza

A' hora crepuscular.

Me subluxa e me confrange

Fazendo-me penar.

Longo, um sino geme, um sino plange...

E presa, inteiramente presa

De tristeza.

Minha alma se suggestiona

Com a amargura que corre pelo ar...

E — que coisa singular! —

A tristeza me não abandona

E me inoecida

A nostalgia peçonha do Pesar!

Cronocicla...

Para outra vez o sino plange

E o som do sino

Levado pelo zéphiro vespertino

Smorza-se no ar!

Para triste e azidada

Para luctuoso, de tristeza aguda.

Para em que divina

No ar

O mudo horror da dor que me tortura!

E eu não sei de onde provém essa amargura.

Esta dor que me confrange,

Por toda moral!

A Natureza se transmuda

Nessa hora fatal.

De alegre, se torna nua trizica...

— Tudo solta, tudo chora, e um cantochão

Como que se eleva ao firmamento

Que, nesse momento

De estrelas se illumina

E estrea, num deslumbramento.

A scintillar, a scintillar!

Triste, eu compreendo, então.

A funda sensação

Que, segundo as leis que vêm da esthetica,

Prevalece

E me domina e abate o coração!

Do crepusculo, a sombra densa, reardescel!

E... oh! mister visionario!

No meu "solto" de solitario.

Das trevas ante o horror,

Diviso entristecido o meu Calvario.

E, então, choroso e másto,

Talizo-me funesto

E me anavoro pallido de dor!

Entretanto, a noite se condensa...

O vento ulula...

Trevas feraces invadam a Natureza...

As matias já estão choras

De viva melancolla!

Ah! Como punge a Tristeza!

Tombou-me a dor e mais o tedio

Na solidão da noite immensa!

Ah, o tedio!...

O tedio átro e medonho

Que me inoecida

Nas veias

O veneno lethal da nostalgia

Desde que nasce a noite e morre o dia!

E que mata, de amor, meu pobre sonho

Pra viver, de amor, minha agonía!

Esse mesmo tedio, tedio que provoca

A dor que me soffoco

Zombando átra de qualquer remedio!

Ah, o tedio o tedio!...

E eu, nesse tristez de solitario,

Envolto no amolho sudario

Da minha tristeza esol.

Vejo a morte prematura

Do meu sonho que fenece

Ante o Crucifixo de Sull!

E não, ante, a brisa que murmura

Uma tórtax mênla de amargura

Como si fossa commovente prece...

Longo, um recato marulha...

O céu soltilla!

— Que doce caridade!...

Então, dentro de um baxilho arrulha

A pomba soffredora da Saudade!

Bananal, Novembro, 921.

Rmna NOGUEIRA

TOLUOL

--

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E
GARGANTA.
VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

DR. B. TOLOSA

Assistente extra-num. da Clinica de Partos da Fac. Med. S. Paulo. Cons.: Rua Libero Badaró, 67, 1.º and., das 15 ás 17 horas. Tel. Cent. 2349. Resid.: Tel. Avenida, 335.

*Exmo. Sr. Presidente do Estado: O tempo no seu correr vertiginoso, na sua carreira infreza vai deixando aós si um rastro luminoso, representado pelo trabalho tenaz, perseverante da Humanidade.

Assim como na natureza admiramos a successo dos dias e das noites, a dos quatro estações, assim o homem tem feito quanto a cimentação de progresso pelo esforço da sua vontade e bom directedor.

Elle aproveitou o dia para a execução do trabalho, do que estudou durante longas noites de vigília, aproveitou a diversidade das estações para as semelhanças promissoras de fartas colheitas, para o desenvolvimento das diversas industrias que constituem a riqueza do seu esforço, etc.

Talho a felicidade do morar num bela e acolhedora moradia onde as comodidades creadas das innumeras fabricas, no seu alto forte, carregando a atmosphera com o fumo denso, nascem e crescem ao trabalho. O alto forte e demorado á um chamamento para o dever, para a consciencia pouco desobediente!

A vida nas cidades é para a actividade constante, e assim o homem precisa estar aparelhado com a devida coragem para vencela.

O tempo passa e passa sem jamais voltar. As creanças se sucedem deixando um attestado exuberante do que foram e valoram.

Os nossos heróicos nossos feitos de passadas glorias as lições preciosas para o seu exemplo de emulação.

A Humanidade trabalha com afin e assim á que ficamos extasiados diante do producto dos cerebros potentes, dos braços vigorosos numa communhão bellissima de idéas nobres em prol do progresso.

O homem sente bem a recompensa do que faz em beneficio do seu semelhante.

E, quando é que podemos festejar a emancipação, a independencia dos nossos actos? É justamente quando nos sentimos aptos para operar em beneficio próprio e agir livremente em proveito das boas causas.

Si o homem aspira contar um certo numero de annos, para libertar-se da tutela exercida sobre a sua vontade, quando sente o desejo de (devido ao caracter impulsivo) fazer o mal, é porque não tem capacidade para se dirigir e muito menos para dirigir.

O que se dá na vida das nações, é o mesmo que acontece com o individuo isolado.

E agora que o nosso Brasil está prestes a ouvir o hymno do seu 1.º Centenario, de emancipação, vejamos nós, os brasileiros, qual tem sido a nossa conduta nesse seculo de Independencia e Liberdade.

A Liberdade cria a responsabilidade, e assim sendo, toda vez que houver um desleixo, uma negligencia no cumprimento do dever, apparecerá como consequencia dessa falta, a latuna esperada.

O Brasil, esse colosso gigante, no dizer do poeta, e no sentir de todos,

saberá mostrar ao estrangeiro extaticado, que não vegetou durante um seculo, e sim que viveu uma vida cheia de seiva salutar, na pujanga do seu desenvolvimento.

O Brasil, saberá mostrar a todos a effecia da sua emancipação, na plenitude de seus feitos e glorias.

O Brasil mostrar-se-á digno da proflindade da Natureza quer na habilitação de seu villa, na fertilidade de seu vasto solo, como na riqueza occulta no seu sub-solo e quilo mal explorada.

As matias virgens, os rios piscosos, as enormes serras, são outras tantas jolas de sua coroa augusta.

Acho que assim sendo é dever sagrado de cada brasileiro, concorrer do melhor modo ao seu alleance para os ultimos preparativos de sua Patria amada, de seu Brasil querido no dia do seu 1.º Centenario de Independencia.

Os Reis Marcos guilados por uma estrella, foram até Belém em visita ao Redemptor do Mundo, levando-lhes incenso, mirra e ouro.

O presente humilde foi o repositório das reliquias santas. Nós os brasileiros offertaremos ao nosso Brasil querido as nossas idéas em prol do bem; idéas que postas em pratica perpetuário no seu vasto solo, a gratidão dos beneficiados.

Façamos do Brasil no momento actual, que é o momento para todo o amor e enthusiasmo, e presenpe santo para a nossa offerta humilde.

E, Exmo. Sr. Presidente, eu, a mais humilde das brasileiras, apresento a V. Exa. a idéa da criação de um Instituto para os cégos, na Capital do nosso Estado. E, ainda mesmo que esse edificio não possa ser inaugurado pela Independencia, o que seria importante,

DOUTORA MATARAZZO

MEDICINA E CIRURGIA EM GERAL. Senhoras e crianças

Das 14 ás 16 horas — Quinto Bocayuva, 4 (cala 6) 2.º andar — Tel. Cent. 5259 — Res: Avenida Luis Antonio, 137 — Das 12 ás 13 horas — Telephone, Avenida, 1474.

podará ter o lançamento de sua pedra fundamental, no dia 7 de Setembro proximo.

Será uma promessa agrada e como tal a ser cumprida.

Exmo. Sr. Presidente, attendendo á miseria que vai pelo mundo, o nosso coração deve pulsar sempre pelos que, na narilhã da sorte tiveram menos quinhão.

E, si ha algum com direito a justa causa, esse algum é o cégo. Todos podem sentir a independencia, menos o cégo dependente até a morte. E bem haja anelle que teve a idéa de criar o Instituto Benjamin Constant, galãla dorãõã para esses necessarios que, ironia cruel, não podem voar.

D. Pedro II com seu coração de ouro, soube sentir a immensidade da pobreza representada na ocureza de seus irmãos e assim fundou essa casa, esse Instituto para os infelizes ignorantes do extender da Natureza no palmar da vida.

O Brasil é vastissimo, e infelizmente o numero de nossos irmãos cégos deve ser grande. A Capital de São Paulo que teve a felicidade de ouvir de perto o grito de "Independencia ou Morte", a 7 de Setembro de 1822, ficará agãda com um Instituto para os cégos.

As creanças felizes tudo vêem e sentem, têm escolas que, nas Cantinas e nas cidades são verdadeiros palacios — os Grupos Escolares. Os cégos infelizes, dependentes sempre, terão tambem a sua casa de Ensino na nossa bella Capital paulista, e assim serão dois Institutos: um no Rio de Janeiro denominado Instituto Benjamin Constant e outro em São Paulo com a denominação Instituto Brasil.

Subscreevo-me de V. Exa. subalterna respeitosa. — Luiza Esther de Moura Damasco, Professora no Grupo Escolar do Belemzinho.

UMA MULHER SE CANDIDATA AO PARLAMENTO HOLLANDEZ

Depois de difficeis e apatxopadas discussões, nas associações eleitoraes cathollicas e nos jornaes cathollicos, os cathollicos resolveram candidatar-se ás eleições geraes de 1922. As listas contém uns 100 candidatos. Pela primeira vez vai-se candidatar a deputada uma mulher cathollica.

A MULHER CASADA NO EQUADOR

O congresso da Republica do Equador discute presentemente um projecto de lei que concede ás mulheres casadas a livre administração de seus bens e legalisa a candidatura a administração commercial.

CONQUISTA DE DIREITOS

A camara dos deputados belgas aprovou um projecto autorizando ás mulheres o exercicio do cargo de Burgo mestre, thesoureiro municipal e secretario communal.



ROBUSTEZ NA VELHICE

Gozar a vida nas ultimas decadas não só é logico, mas possivel.

Provae-o tomando



EMULSÃO DE SCOTT

531

KOLA SOEL

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

O FEMINISMO NA HUNGRIA

A primeira e unica mulher que tem assento no parlamento húngaro é a senhorita Margarida Slachta.

NO SENADO BELGA

Tomou posse da sua cadeira de Senador a Sra. Spaas K. do partido socialista e esposa do actual director do Theatro da Modas.

O FEMINISMO NA ITALIA

Depois de um brilhante concurso vencendo os demais candidatas, foi nomeada engenheira adida do "Genio Civill", a senhorita Toncia Galantra. É a primeira mulher que entrou naquelle departamento publico Italiano, apesar da constante e pertinaz opposição que se vinha fazendo contra a entrada de mulheres em repartições de tal ordem.

LUIZA ZIETZ

Em pleno Reichstag, quando apontava violentamente o governo fallou recentemente a senhora Luiza Zietz, deputada filiada ao partido socialista independentemente allemão. Aquella parlamentar contava 57 annos de idade e foi a primeira mulher que teve assento na camera allemã. Foi uma socialista convicta e uma ardorosa feminista e durante a guerra soffreu alguns mezes de prisão por ordem do governo allemão por ter-se manifestado francamente contra a guerra.

Anazar de se saber deente, cardiaca, nem por isso deixava de frequentar as sessões do Reichstag, tomando parte nos debates.

UMA SENHORITA CONDECORADA

O governo italiano concedeu a senhorita Luiza Zeni di Arco di Trento com a medalha de prata de valor militar. Essa patriótica jovem italiana, durante a occupação do Trento, foi de uma abnegação sem limites. Levada por um sentimento de patriotismo elevado, ardeceu por divorciar-se vezes a vida: preza pelas autori-

dades militares austriacas, condemnada a morte, conseguiu fugir, disfarçada com roupas masculinas e penetrar na Suissa, de onde seguiu para Italia, tendo servido na Cruz Vermelha nas linhas de frente.

AS CONSEQUENCIAS DO DIVORCIO

Corta revista hesanholha que vem de algum tempo sustentando a theoria de que o divorcio é o unico meio de moralisar os costumes acaba de receber do sr. H. Gil) a mais formal contestação. Dentre as ponderações que fez a publicista citamos por exemplo estas: "Telemos o teta de verdade: em Franca foi votada a lei do divorcio em 1884. Pola hein em 1885 houve 4.277 divorcios; em 1898, 5.457; em 1895, 6.751; e em 1899, 7.179. Mesmo tomando em consideração o aumento da população que em Franca é inferior em 1907 a numero de divorcios attente a 10.818; em 1909 a 12.770; em 1911 a 18.085. Segundo o annuario estatistico de 1911 a 1915 verificaram-se 15.078 divorcios em 298.760 matrimonios, dando a medida de um divorcio por cada vinte casamentos. Teto demonstra a ruina da moralidade e da população. Na Inglaterra de 1878 a 1880 houve 254 divorcios. Em 1918 essa cifra attinhu a 2.222 para 227.162 casamentos o que dá um divorcio por 129 casamentos. Na tribunal de divorcio em Londres estão a espera de julgamento 2.459 pedidos. Na Belgica ha um divorcio em cada 50 casamentos. Na Alemanha onde se verificaram em 1913, 51.282 matrimonios houve entretanto 12.835 divorcios, dando uma medida de um divorcio para 29 casamentos. Nos Estados Unidos ainda a cifra toma um caracter assombroso em 1920: casamentos, 1.040.788; divorcios, 112.026, portanto um divorcio por cada 9.23 casamentos. "N aquella penultima existem individuos divorciados cinco vezes, estando vivos as quatro esposas anteriores.

A CULTURA DA MULHER

O sr. Romen Vuoll publicou um interessante e concenoso artigo sobre a cultura da mulher.

A partir do seculo XVI vem-se notando uma franca tendencia para o aperfeiçoamento intellectual da mulher. Feniom, já dizia que a mulher devia ser educada de modo que poudesse entrar dignamente na vida social; tambem os reformadores dos collegios de Padua a incluíam entre os estudantes da Faculdade de Sciencias, observando entao que a mulher era uma educadora notavel e proclamavam a necessidade de analise-la moralmente por meio de uma cultura tal, para que poudesse cumprir com mais esmero a sua alta missão.

A Franca, correspondendo aos esforços meritorios de tão bello proposito creou logo a seguir a grande escola feminina que extendendo-se por muitos países europeus serviu de modelo, mais tarde para a escola de Saint-Cyr. Em uma nota inserida em seu trabalho o sr. Vuoll lembra a formosa obra do grande educador hesanhol Luiz Vives, a "Instrução Feminina christiana" de onde retiramos os mais avançados dados sobre os estudos femininos. A educação que dava a mulher franceza daquelles tempos era muy frivola, desde a diama do Port Royal até as senhores que diziam ter grandes conhecimentos scientificos, que por algum seculo serviam de alvo para as sátiras de Moliere.

Mas, a vontade de saber, que em aquellas tempos um adorno talvez indesejado, se transformou em necessidade em um phenomeno universal e consistente e o numero de estudosas cresce.

Na "Trinity College" de Washington, as jovens inscritas no anno passado attingiram a 600; no "Queens College" de Cambridge attingiram o seu numero em 1921; na escola noviticia de Zurich foi preciso se construir um novo pavilhão para receber as estudosas e no "Realen Schuln" de Monaco a governo viu-se na contingencia de fixar um limite para as inscrições pois que do 650 inscritas em 1920 já em 1921 tinham attingido a 923.

E assim por diante. De um trabalho inserido na Cultura Van zuplino).

PEQUENOS CONSELHOS MEDICOS

O brasileiro, mais que qualquer outro povo, soffre de excesso de acido urico. Os males decorrentes disso são multiplos. D'entre elles os menores são a hyperchloridria, a formação de gazes, a piuria, a ispersia, etc.

Póde-se evitar esses males, fazendo uso da "Uraformina", que graças ao formul que entra em sua composição, tem a propriedade de se desdohar no organismo, actuando, como desinfectante, sobre os lozares atacados pela infecção. É empregada, com vantagem, no tratamento das crenças para combater a cistite e a fermentação amoniacal da urina; faz desaparecer os bacillos typhicos da

urina, para a infecção intestinal e para muitos outros casos. Ao crescer que este medicamento, mesmo que seja usado em doses elevadas, não tem nenhum efeito nocivo sobre os rins nem sobre o tubo digestivo. Em virtude da sua composição granulada efervescente, é um magnifico diuretico e dissolvente do acido urico.

Não ha melhor medicação para a insufficiencia renal cística, nephrites, nephritis, pro-nephritis, membranicas, urethrites, catarrho do lexico, inflammacões da próstata, hematuria, chyluria, calculos typho abdominal e uremia.

Todas as pessoas que pream a saúde, devem fazer uso da "Uraformina", nem que seja preventivo contra a uremia, a insufficiencia renal e as infecções intestinaes.

ESPECIFICO da GRIPPE
EUCLEINA
WERNECK
 FAZ ABORTAR a INFLUENZA, VENHA OU NÃO ACOMPANHADA DE FEBRE

A DOR DE AMAR

(Continuação do numero anterior)

"Querida!" Sentiu-se tocada por essa designação carinhosa. Teria elle vindo, com o tempo, a comprehender afinal o thesouro que era a esposa?... Então Margarida podia ser feliz, sem embargo das abominaveis preoccupações de dona de casa, dos apêrtes de dinheiro, dos cuidados maternos?...

Chiquinha ouviu o riso da irmã, e logo após estas palavras:

— André, já que não trouxeste da confeitaria a encomenda que te fiz, é preciso que vás depressa procurar os meus bôlos, pois Léonie não tem tempo para ir buscá-los

Debruçando-se á janella, Chiquinha disse alegremente:

— Não incomodes, Margarida, o André. Nós não somos lambareiros, e podemos deixar para amanhã os teus bôlos.

— Oh! não, não, tia Chiquinha! Amanhã, não, hoje mesmo! protestou o Bob com tal calor que todos se puzeram a rir.

— Então vou eu buscar, disse Chiquinha.

— Mas tu não sabes o caminho...

— Pois levarei o Bob que me ensinará.

— E para acompanhar o Bob e a tia, quer a Chiquinha accellar o pal do Bob? propoz André em tom galhofeiro. Desca depressa, que eu quero ter a honra de guiá-la no seu primeiro passeio em Amlens.

Ella enfiou ás pressas o casaco, e desceira ao vestíbulo, onde a esperavam o cunhado e o Bob, este já na soleira da porta, radiante de alegria pelo inesperado do passeio.

Segurando-o pela mãozinha, enquanto André recebia as instruções de Margarida, Chiquinha olhava a rua solitaria, que um unico transeunte atravessava nesse momento, com passo apressado. E uma exclamação so'tou-se-lhe dos lábios:

— Oh! E' interessante como esse amlenense tem o andar de Cláudio Rozenne!

— De que se admira, Chiquinha? inqueriu o cunhado, que se aproximava.

— Da similitude do perfil de um dos seus compatriotas actuaes com o de um dos nossos amigos, Cláudio Rozenne, o artista que está illustrando os poemas do papal.

— Cláudio Rozenne... Tenho vagas recordações dêsse nome...

— Ha cinco annos, esteve connosco em Villers.

— Ah! sim, perfeitamente! Lembro-me agora. Um bello rapaz elegante que andava a cortejá-la...

— André! que imaginação retrospectiva, a sua!... Soffre-lhe as rédeas, porque, depois de Villers, Cláudio Rozenne casou!

Elle não insistiu, e, praticando com a cunhada, foram гуlando em direitura á cidade, dominada pela flecha aérea de sua velha cathedral.

IV

Decorreram tres dias.

Agora, Chiquinha já estava inteirada da physionomia de um domingo na provincia. Uma saída de missa das onze horas, que offercia ás toilettes amlenenses occasião de produzir, o que a elle tambem succedera, uma grande curiosidade. Depois, á tarde, algumas voltas pelos grandes boulevards banhados de sol, onde os passeantes circulavam nos seus trajes domingueiros. E, antes de regressar aos altos quarteirões, em que estava situada a casinha de Margarida, uma primeira visita á cathedral: uma deliciosa visita, ao cair da tarde, quando o derradeiro raio do sol poente pur-

purejava as vidraças, a sombra invadia as alamedas e, ao redor da vasta nave, as capellas, deante de cujo altar as chamas de alguns cirios tremulavam.

Quanto tempo desejará ella, de bom grado, ficar alli na grande basilica silenciosa, onde fluctuava ainda o perfume do incenso da cerimónia que findara! Mas seria preciso que estivesse sózinha, e André acompanhava-a, pois Margarida recolhera a casa, a cuidar das filhinhas a quem cumpria vigiar enquanto a única criada lidava nos prerativos da ceia. Por isso, Chiquinha não demorou, como desejava, na cathedral, pensando na irmã, cuja escravidão de todos os minutos deplorava, a só comiso mesma

Haviam derivado apenas alguns dias desde a sua chegada, e já estava sciente da vida de completo devotamento aos seus, que era a existencia da irmã.

Oh! essa vida de dona de casa, sempre a braços com as difficuldades decorrentes de um muito escasso rendimento, a pesada carga de tres filhos que educar, os cuidados de um lar que devia deparar aos visitantes uma physionomia garrida e confortável... Para isso, era forçoso que Margarida se prestasse, de bômente a todos os trabalhos, ainda os mais humildes: trabalhos taes e tantos, que Chiquinha, observadora discreta e extremosa, entrava-se ao mesmo tempo de admiração pela bravura tão natural da irmã, e de revolta por vê-la destarte dispender, em serviços vulgares, todas as boas horas de sua mocidade... Que tempo lhe restaria então para essa vida intellectual e artistica, que a Chiquinha parecia tão indispensavel como o ar que se respira? Quando muito, apenas o tempo necessário para percorrer, interrompida pelas crianças, um jornal ou uma revista, e ouvir, com a agulha nos dedos, a leitura que André lhe fazia, porque este sempre tinha lazéres para distrair-se...

Outrora, quando solteira, Margarida apreciara as occupações literárias tanto quanto a propria Chiquinha. Mas, sem dúvida, havia sacrificado este prazer como tantos outros. Ainda na vésera, como Chiquinha, incidentemente, lhe fallasse de um livro que acabava de sair á luz, ella havia respondido, com um sorriso encantador:

— Não me pergunte se conheço tal ou tal obra. Hoje, para mim, só existem dois autores: Roberto Danestal e Francis Danes. Os outros, ah! não tenho tempo de os ler!... E' mesmo tão raro agora que eu tenha vazar para abrir um volume, que me parece provar um fructo prohibido quando isso acontece por acaso.

— E podes assim passar sem ler, Margarida? perguntou, involuntariamente, Chiquinha.

— Querida, que rémedio tenho eu! As mães, como has de ver um dia, as mães devem ler principalmente a vida dos seus filhinhos!

E remendar-lhes as roupinhas, passear com elles, dar-lhes de mamar ou de comer, fazê-lhos brincar, ensinar-lhes mesmo a ler... Ser, ademais, a companheira-mulheres garridas da alta, embonecadas, perfumadas, ao qual lhe cunmoria a ella saber vigiá-lo, sendo ao mesmo tempo, pela força das circumstancias, uma humilde dona de casa, obrigada a fazer prodigios de economia, disfarçando-os de modo que não dessem nas vistas da maligna curiosidade do mundo...



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo de sangue

E nessas responsabilidades de toda a sorte, cuja só idéa despertava em Chiquinha a ebridade de sua independência, cifrava-se a felicidade de Margarida!

E, contudo, a pobre senhora parecia mui sinceramente satisfeita de sua vida: feliz por se devotar de corpo inteiro aos filhos e ao marido, a quem ainda consagrava o mesmo ardente amor que lhe offerecera outrora, quando noivo.

Esse, parecia agora, ter consciência do valor de um tal affecto, tirando em reconhecê-lo, esforçando-se por alliviar a tarefa da esposa, Ter-lhe-lia ella, como o sonhara, lhe revellado insensivelmente, á força de sua ternura, a idéa conceção do casamento?

Era isso uma obra meritória, que a alma ardente de Chiquinha bem comprehendia! Mas parecia-lhe impossivel dar o seu amor a um homem, que ella sentisse ser-lhe inferior; fazer delle o seu senhor, si ella reconhecia a necessidade de o vigiar; ampará-lo, para que elle caminhasse sem mesquinhos desfalecimentos.

Ah! que mysterio que era o coração de mulher! E sabia ella o que vida faria do seu? Na véspera, por occasião da missa a que assistira com Margarida, ouvira ao velho cura ensinar que cada um deve procurar a sua estrada... Estaria então illudida, crendo ter encontrado a que deveria assegurar-lhe a felicidade?... Pensava ella vagamente em todas estas coisas, enquanto no tranquillo jardimzinho viziaava os bríncos de Rob e Etienne, fim de dar um pouco de descanso á irmã, occupada no interior. Esta, apparecendo a uma janella, pôz-se a considerar, por um momento, a irmã Chiquinha, que, com um livro caído nos joelhos, fitava os olhos no azul nallido d'esse ceu de abril.

— Chiquinha, meu amor, disse-lhe com ternura a irmã, receio muito que te aborrecas no sossego desta minha calma provincia!

Chiquinha erueu, sorrindo, a cabeça para a janella que emoldurava os louros cabellos da jovem senhora — Oh! Margarida, estás me calumniando! ao contrário, sinto que já tenho a alma de uma verdadeira provinciana.

— Estás certo disso?
— Pelo menos, parece-me...
— Não, não! Vais ser, dentro em pouco, posta em prova. Hoje, devo receber nella primeira vez, e desde que aqui cheguei, tenho feito tantas visitas, que, fatalmente, vai ser crescido o número dos visitantes...
— Parece-te isso? perguntou Chiquinha um tanto espantada.

— Sim, muitos! Não te illudas, minha selvagemzinha, tanto mais quanto a isso juntar-se á um vivo sentimento de curiosidade a teu respeito. E's uma escriptora de mulher célebre, querida! Neste momento, já toda Amiens, que me vai honrar com suas visitas, sabe certamente que tenho em minha casa uma linda senhora, extremamente elegante, poetisa e compositora, que merece visita de perto.

— Cal-to, Margarida! Estou a ver que tenho de fugir com o André e os pegeños para o campo durante a tarde inteira!

— Não me digas isso! Has de, pelo contrario, ajudar-me a receber, tu que já estás experimentada nessas coisas. Mas, estou a tagarellar e tenho ainda que enfiatar a salêta.

— Deixa-me fazê-lo; pela janella aberta, vigiarei facilmente as crianças; sabes que entendo muito bem de flores!

E tanto ella entendia, que todas as visitas que algumas horas depois affluíam em conjunto ao pequeno salão, confessavam á uma, — com mais ou menos graça — que mui poucos salêes de luxo haviam visto que apresentassem melhor aspecto que o da "jovem senhora d'Humières..." E como esta era uma perfeita senhora de sociedade, sabendo conversar com cada uma sobre o assumpto seu predilecto, foi ella, nesse dia, sagrada "uma encantadora Parisiense".

Chiquinha, trajando com essa simplicidade e elegancia toda pessoal, de que só ella possuía o segredo, auxiliava-a do melhor modo; mas, a despeito de sua hã vontade, pouco a pouco, ia-se anoderando della uma enervante sensação de tédio, á vista desse desfilar de caras desconhecidas, vulgaríssimas em sua maior parte, todas dizendo as mesmas palavras triviaes de polidez, contando as mesmas historietas da cidade, e, invariavelmente, falando da quermesse de caridade que ellas organizavam para o proximo mez de maio, e cujos preparativos muito preocupavam a sociedade amiensense.

Uma senhora, côrda e rubicunda, que era uma das directoras de tal festa, e se mostrava com isca soberbamente encantada, disse, voltando-se para Chiquinha, com um ar de muito entendida:

— Tuquel que andassem talvez obter para o nosso concerto um programma illustrado por Cláudio Rozenne, e encarregassemos das negociações a mãe delle Pareco que é um grande artista!

A curiosidade ferrou subito a indifferença de Chiquinha. E sua retentiva renottou, para logo, a imagem do transeunte entrevisto no dia de sua chegada... E perguntou:

— Reside em Amiens a familia do senhor Rozenne?

— A mãe, sim, já desde muitos annos. E' mesmo de Armíens. Elle, porém, só vem aqui varias vezes, e isso mesmo, de passagem, depois da sua desgraça.

Um arrenio caudiu os nervos de Chiquinha. Nunca até esse momento, ella havia sentido o desejo bem accentuado de saber o doloroso segredo que parecia encerrar doravante a vida de Cláudio Rozenne. Como sah um choque mysterioso, esse desejo despertou logo dentro nella, e com tal força, que seus lábios pronunciarão, interrogando, antes que a vontade os retivesse:

— Depois da sua desgraça?

— Sim... Não sabe?... Mas a senhora o conhece...

— Encontrámo-nos, ha cinco annos, em Villers.

— Antes de seu casamento... o seu lamentavel casamento!...

(Continua no proximo numero)

JOIAS

Não façam suas compras sem primeiro verificar os nossos preços

CASA HENRIQUE

A MAIOR E A MAIS BARATEIRA FABRICA DE JOIAS

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 18

LIVROS A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preparados que se vendem nesta redação

As nossas leitoras e assignantes não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias no estante de uma senhora. Todas as que temos á venda, nesta redação, são uteis, interessantes, curiosas, absolutamente novas.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluido o pedido do correio.

Acceptamos, pois, pedidos das seguintes obras:

ESCRAVA OU RAINHA. Linda romance publicado nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto exito alcançou. E' edificante pela sua concepção altamente moral, e do mesmo tempo deleita o espirito pela execução, cada vez mais interessante, das suas epizodios. O enredo deste magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa suavemente arrastar atrozmente das suas paginas, vivendo a vida das seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. E' uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume lindamente impresso. — Preço 48000.

ENTRE DUAS ALMAS. É um romance sentimental que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta 14 traductões para quatro idiomas, o que não bem em evidencia o seu valor. E' um romance moral, e cujo enredo decorre de uma manueira enopolante. Um volume, preço 48000.

COLLEÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA FEMININA" referentes aos annos de 1918, 1919 e 1921. As pessoas que não collocarem a nossa revista ou aquellas que não curisidade da colleção, devem adquirir as colleções encadernadas, nas formos gravuras e luminisimas volumes encadernados em pergamino e cores diversas com d'cores a letras douradas. Volumes heróicos para presentes de anniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, devido á sua variedade e interessante litteraria. — Preço 258500 cada colleção.

NOVA SYLVIA, o melhor livro de contos que ha para creanças. Contos instructivos, interessantes pelo enredo, e escritos em lingua sem similes, correctos, em allusão das intelligencias infantis. Grande volume imponente, encadernado, com varias contos de nidas e avulsos contos. Preço lindissimo. Preço para presente ou para premio de creanças estudantis. — Preço 60000.

MADRE MARIA THEODORA, eloquente e luminisima obra de theologia e de superior pedagogia da "Revista de S. José de Chamech". Precioso volume, de cerca de 400 paginas, cheio de lindas gravuras impressas em finissimo papel. — Preço 158000.

A ESPERANÇA DO SOL, romance de Gastão Leroux, traduzido pelo distincto patista Nektas Simplicio, que tem desbordado vultuosos successos, graças ao seu estilo e enredo. A tradução feita rigorosamente seguindo a simplicidade impressionante e não em evidencia as meritas da intelligencia patista. Gastão Leroux é um nome universalmente conhecido, e a sua obra "O Etabo de Salt" recommenda-se principalmente ás familias, pelo seu alto caracter moral, de modo que não se lida sem scrupulos. Vendese nesta redação — pelo correio, registado 55500.

MARIA E AS MULHERES BIBILICAS. Um dos mais bellas trabalhos literarios de Claudio de Souza, a mais formosa e subtil das obras de este grande escritor. "Maria e as mulheres biblicas" é uma reconstrução historica de algumas das femininas formosas monumentos pelas suas grandes virtudes hericas. Claudio de Souza, com a belleza da sua arte, deu a estas mulheres uma vida realista e maravilhosa. Livro de grande valor e de immensa utilidade. E' um livro que todos os senhores de boa mente devem ler. A edição feita pela "Revista Feminina". É um premio de alto reconhecimento e illustrado com encantadoras gravuras. Vendese nesta redação, Preço, 48000.

A JANGADA, linda comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registada, 30000.

AS SENSITIVAS, magnifica comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registada, 38000.

HELOISA. Este romance de L. Augusta Franco de Sá vem fazendo um vultuoso successo, graças ao seu estilo claro, da curiosidade que o seu enredo desperta e da numerosos episodios que se passam em Paris, Londres, Roma e outros pontos. Heloisa, que é uma creatura perterea, filha m'cha de culas e virtuosas, que pouco a pouco perdendo esses defeitos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem se não devesse impressionar profundamente de ler este romance.

E' um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e bonita encadernação. E' um livro proprio para presentear uma moça. Um volume, 60000. Pedidos nesta redação.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. E' este um dos romances mais interessantes da grande escritora allemã baronessa Fredrich von Schackel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionante. Ha passades de amor tratados com tal profundidade, que nos deixam alguma recordação inapagavel. O enredo é curiosissimo, e tudo elle baseado na vida real.

A tradução portugueza é excellentissima.

Um grosso volume de cerca de 300 paginas, lindamente encadernado e lindamente impresso, proprio para presente. 68500.

Pedidos nesta redação.

ELIXIR 914 — O mais activo e racional anti-siphilitico e anti-rheumatico. É uma medicação energica e segura no tratamento de todas as moléstias de pelle e do sangue. E' o tónico depurativo mais poderoso que se conhece. Vendese nesta redação. Um frasco, 48000, pelo correio, 101000.

DIGESTIVO PICARD é um tónico digestivo incomparavel em todas as formas da dyspepsia. Produz bem-estar gastro-intestinal em todos os casos de má digestão, náusea, prisão de ventre, acidez, má hálito e outras enfermidades do tubo digestivo. E' de resultado absolutamente effizca.

Vendese nesta redação. Um frasco, 48000, registado pelo correio.

RECEITAS DE BELEZA PARA COLORIR OS CABELLOS. Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade unindo princípios vegetaes e sabões benicos, que são os primeiros e os mais efficazes agentes da belleza.

Entre os tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismuth, de estanho e outras, que produzem sobre a cabeça a mais perniciosa acção nociva, tanto e fatal. Ha porém, algumas substancias vegetaes innocuas que infelizmente não uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se não recommendar sem receio e que da resultados admiraveis, é a Pantina, com a qual se pode obter, produzindo a cor dos cabellos, a cor dos cabellos, de modo a obter, infelizmente esse producto é raro em nossa parte, sendo arduo da Persia de onde actualmente se não se dá com diffiduldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade de Pantina.

Pedidos obtela por intermediação da caixa "Revista", enviando a importância de 108000 e mais 5500 para a remessa.

POMADA REXY PARA SARDAS, MANCHAS E PANNOS. Esta pomada, que se recommenda por mais de vinte annos de applicação e pela sua efficacia sobriamente comprovada, é o que ha de melhor para as manchas da pelle e para a tonar clara a cur e flus. E' absolutamente innocua. Restam alguns dias de uso. A sua efficacia é prompta e duravel.

E' fabricada em tres tons: "Moderado", "Forte" e "Extra-forte". A primeira é usada na maioria dos casos; a segunda para os casos em que a primeira não dá boa effeito, e a ultima para ser applicada unicamente nos casos de sardas e pannos.

Pedidos a esta redação, 48000 e frasco; pelo correio, registado, 58000.

VANADIOL. É o mais effizca dos tónicos reconstituintes. E' applicado para todos os casos em que se exige um tratamento tonificante. E' o especifico da neurmia, da chlorose, da falta de sangue, da tuberculose, da febre dos rellados, das nevroses, das manchas, da creche do estomago. O seu uso se faz individualmente a todas as horas, continuadamente, aos neurosthenicos, aos velhos, aos rachiticos, aos convalescentes. Pedidos a esta redação. Preço: 108000; pelo correio, registado, 118000.

NOS TOUCADORES ELEGANTES. Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o creme DEBINA, ultima belleza em materia de creme para amaciar a pelle e para curar INFALIVELMENTE todas as erupções de pelle, as eschivas, as erozões, as manchas vermelhas da urticaria e mesmo a eczema, e todas as erupções. Chegamos diariamente applicadas applicadas com a efficacia.

Podemos enviar ás nossas leitoras, pelo 58000 um pote. Os pedidos devem ser acompanhados da respectiva importância, accrescida de 8500 para o frete do correio.

Atendida São João N.º 97 — São Paulo.

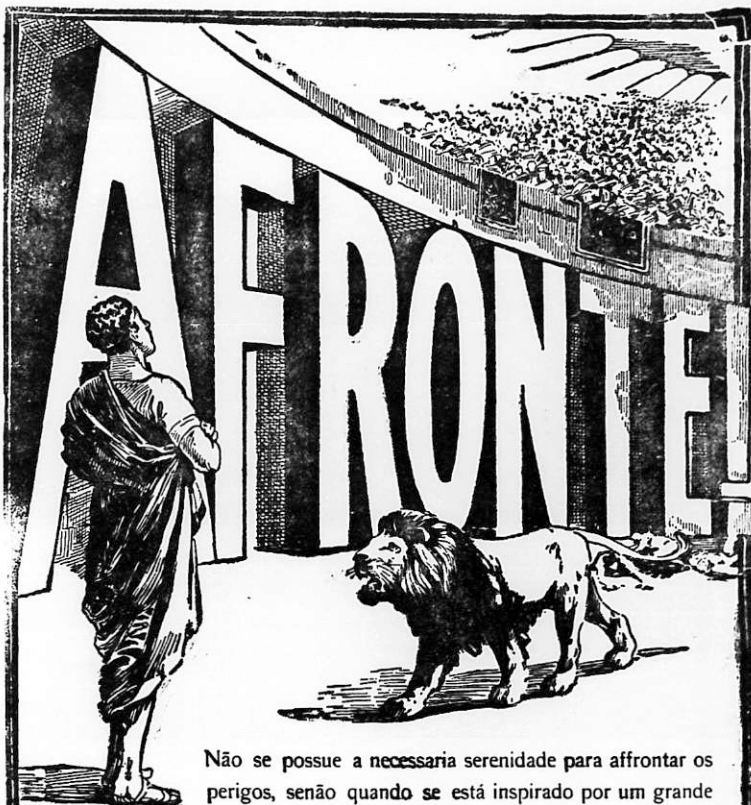
PREPARADO ZABELLA N.º 1. Indica indubitavelmente para a cura de transpiração arduas, para manchas, pontos negros e borbulhas. Depois de humedecer o rosto com este preparado, faz-se uma applicação massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. Preço, 80000, pelo correio, 105000.

PREPARADO ZABELLA N.º 2. Indica amolante para a cura de todo o rosto. Esta locão, pelas suas componentes medicinas e higenicas, devesse fazer parte indispensavel das coisas uteis a "indispenzaveis a todas as damas que possuem a sua belleza. Seu acção é extraordinaria contra as manchas de sol e as erupções da pelle provocadas por outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cur. Depois de usado, applica-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço, 80000, pelo correio, 105000.

UM TONICO MARAVILHOSO. Os brasileiros são, em geral, anemicos. A anemia, na mulher, conduz á vellice precoce, e ao homem diminua a capacidade de acção, seu falto em outras palavras, é muito mais grave. A fealdade da pelle, a sua carece, a sua coloração desarradeavel são á vezes proveniente da anemia de origem heretica, e para este caso, como para todos, em que se exige uma tonificação poderosa e de resultados promptos, recommendamos o "Elixir 914". E' o especifico da saúde. Preço, 78000, pelo correio, 98000.

PRODUCTOS DE BELEZA "GARY." pela sua excellencia incomparavel, pelo seu efficacia em todas as applicações, e pela sua honra de tratamento. O creme "Gary", magnifico para a pelle, 55500, pelo correio, 68000. O creme "Gary", para polir as unhas, 48500, pelo correio 59000. O limaz Gary, (limpeza), para regularizar as unhas, 25500, pelo correio, 35500.

FLUXOSODATINA — Medicação de real efficacia nos incommodos uterinos, como nas amenorrhéias, dysmenorrhéias, hemorragias, colicas e todas as perturbações da vida critica. Em media de duas horas cedem as colicções uterinas. Com esse medicamento, os pontos effectivam-se sem dor e rapidamente e sem os perigos decorrentes. Preparado do chimico Siles Pacheas de Anaujo. Vendese nesta redação. Um frasco, 80000, registado pelo correio.



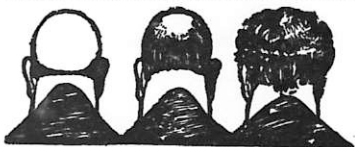
Não se possui a necessaria serenidade para afrontar os perigos, senão quando se está inspirado por um grande ideal e apoiado por uma grande força. Em seculos passados o homem tinha que render-se sem lucta ante a dôr physica, porque não contava com os meios de combatel-a. Mais tarde appareceram os Salicilatos; depois veio a Aspirina e agora a sciencia offerece o analgesico ideal: a **CAFIASPIRINA** (Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina) que permitem entrentar-se serenamente o perigo de certas enfermidades, taes como a grippe, influenza, resfriamentos etc. e vencer de modo rapido e seguro as dôres de cabeça, dentes, garganta, ouvidos, as nevralgias, enxaquecas etc.



PREÇO DE VENDA DO TUBO ORIGINAL:

Comprimidos de Aspirina	3\$000
„ de Aspirina Cafeina (Cafiaspirina) e de Aspirina Phenacetina	3\$500

“O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPILOGENIO

Sempre “O PILOGENIO”

“PILOGENIO” SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmaeias, drogarias e perfumarlas

LYCETOL

CRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
ACIDO URICO

MEIOS DIAGNOSTICOS PELAS SINDROMES SEGUINTE
CONTRA
OLITHESE URICA-COLICAS EXPERIMENTAL
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO-RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM VENDA AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

FRANCISCO GIFFONI & C.ª - RUA 1.ª DE MARÇO 17.
RIO DE JANEIRO



NÃO FAÇA ISSO!

JÁ EXISTE O
ELIXIR 914
PODEROSO DEPURATIVO QUE O DEIXARÁ
SÃO FELIZ E FORTE



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescencias, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspeptias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recetado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmaeias e drogarias. Depósito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua L.ª de Março, 17. Rio de Janeiro

ARTE - CULINARIA

ADALIUS — 4.^a edição

Já está exposto á venda, na redacção da "REVISTA FEMININA", Avenida S. João, 87, 1.^o andar, o preciosissimo livro "Adalius", especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira, segunda e terceira edição, que continham poucas paginas, exgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta quarta edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



Livros sobre cosinha não faltam em portu-
guez; mas todos elles se resentem de um grave
defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não
são realizaveis, pelas difficuldades que apresenta
á sua execução. Além disso, algumas receitas
que esses livros apresentam, se são realisaveis,
nem sempre obtém exito, porque não foram ex-

perimentadas. Ora, as receitas do "Adalius" são
todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao
alcance de quem quer que queira experimen-
tal-as, tal a clareza com que são escriptas.

"Adalius" contem mais de quatrocentas re-
ceitas.

O seu texto é constituído das melhores re-
ceitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos
sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação
da mesa de jantar, de tudo, emfim, que pôde in-
teressar uma dona de casa. E' uma obra de que
não deve prescindir nenhuma dona de casa, que
o deve lêr constantemente, consultar como o
seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da
difficuldade ou obscuridade com que são com-
postos os livros de arte culinaria.

O "Adalius", ao contrario, não traz nenhu-
ma receita que não fosse experimentada e cuja
confeccão se torne difficil. Todo elle, seja qual
fôr o assumpto de que trate, é absolutamente
aproveitavel e util. O seu texto é claro, simples
e comprehensivel.

O seu preço é 2\$000 réis. Esse preço está,
como se vê, ao alcance das bolsas mais modes-
tas, sendo certo que a "REVISTA FEMININA",
que o editou, não auferê nenhum lucro com a
venda. O "Adalius", vendido por esse preço,
constitue, antes, um beneficio que faz ás suas
leitoras e um meio de propaganda.

Envia, pois, seu endereço e a quantia de dois mil réts em selos do correio, á redacção da
"REVISTA FEMININA" — São Paulo, Av. S. João, 87, 1.^o andar,
e immediatamente receberéis pelo correio o precioso livro sobre cozinha "Adalius".

A ULTIMA DESCOBERTA ALLEMÁ



POMADA ONKEN

UNICA
QUE TIRA COM ABSOLUTA
GARANTIA

ESPINHAS, PANNOS, RUGAS,
E TODAS AS
SARDAS, MANCHAS DA PELLE



FABRICADA PELO CHIMICO ALLEMÃO FREDERICO ONKEN — QUE
DARÁ 10 CONTOS DE REIS A QUEM NÃO OBTIVER RESULTADO EM 3 DIAS

DEPOSITARIAS: AS MAIORES
DROGARIAS E PERFUMARIAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

POTE 5#000



PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO, UM POTE PELO CORREIO REGISTRADO 6\$000

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' N.º 129

S. PAULO

- POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição aumentada com os 98 sonetos do Livro "Tarde", 1 vol. de 391 pags., br. 75000, enc. \$8500
- CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Coréa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 205000
- HISTORIAS E PAIZAGENS, por Affonso Arinos, 1 vol. br. 45000, encadernado 55500
- EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Austregesilo, 1 vol. br. 45000, enc. 55500
- HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 35000
- PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bomfim, 1 vol. cart. 45000
- RESERVISTA PRÁTICO, ensino pratico da exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1908 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. 55000
- GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Athenaeus, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatórios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pags, contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo 105000

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excelente reconstituente dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das molestias consunptivas acima apontadas.



É superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *todo vegetal* usado intimamente combinado ao *tanino da vogueira (Juglans regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel!



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-TANICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.** **Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro**

PHOTO-GRAVURA BRASIL

CLICHÊS EM ZINCO E COBRE, AUTOTYPHA
TRICKROMIA E ZINCOGRAPHIA :: :: ::

Especialidade em traços finos. — Trabalhos para photo-lithographia. Executa-se com perfeição e presta qualquer trabalho concernente a este ramo de arte.

ANGELO LASTRI

Officina e Escriptorio:

AVENIDA TIRADENTES, 161 — S. PAULO

Acaba de sahir do prelo:

A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Tradução autorizada do francez

POR

Nykota Sampaio

Encadernado 5\$000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX.

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concorrem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

— — — S. PAULO — — —

A PAULICÉA OFFICINA DE GRAVURA

Aristides Castignani

Rua dos Gusmões N. 82 — Teleph. 5889 Cidade

NESTA OFFICINA EXECUTA-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO. - CLICHÊS EM PHOTO-GRAVURA E ZINCOGRAPHIA. - ESPECIALIDADE EM SERVIÇOS DE CORES E PHOTO-LITHOGRAPHIA.

ACCEITA-SE QUALQUER ENCOMMENDA PARA CATALOGOS E OBRAS DE LUXO.

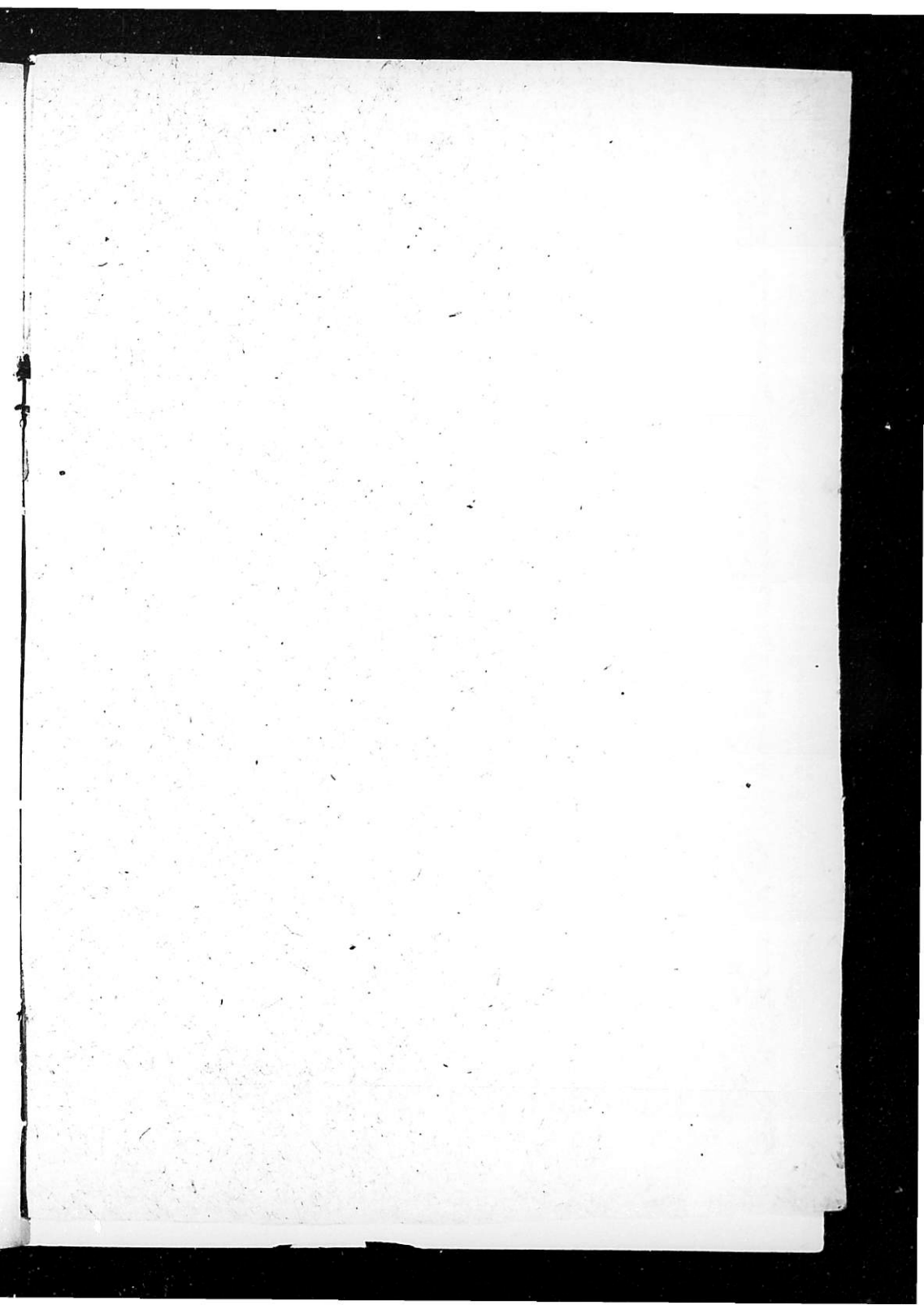
Marmoraria TOMAGNINI

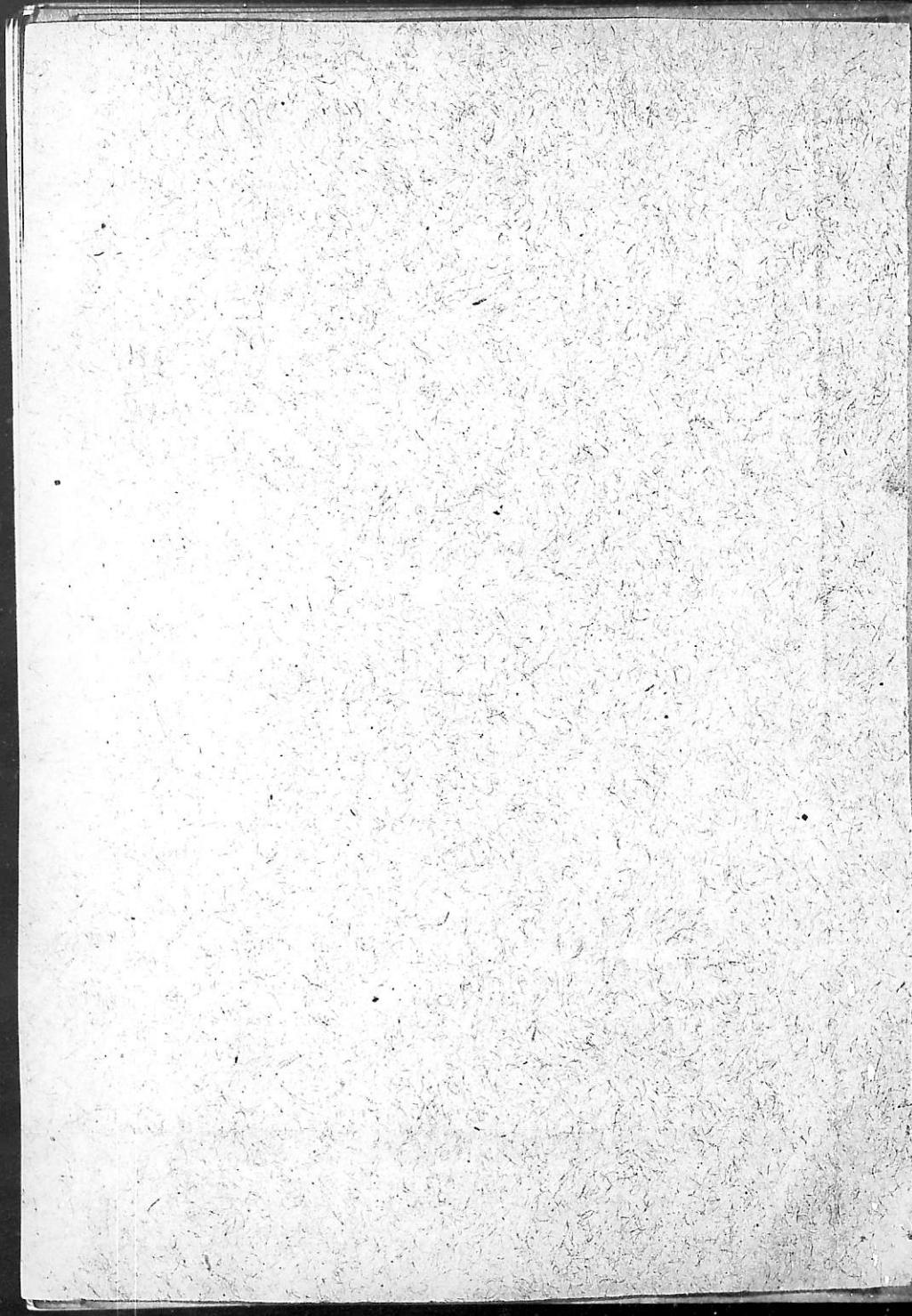
Especialidade em tumulos
de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 - Central





MACHINA ESPECIAL COMBINADA

PARA
BENEFICIAR CAFE'

- A MACHINA ESPECIAL COMBINADA privilegiada pela patente 5.926 tem continuado a occupar o primeiro lugar entre as machinas do seu genero. Os Srs. Lavradores são unanimes em affirmar-o e não regateiam louvores ás suas qualidades de trabalho e ás suas especiaes condições de resistencia.
- A MACHINA ESPECIAL COMBINADA faz todo o serviço de separação por meio de Monitor combinado por quatro catadores e a classificação é automatica e immediata. E' a machina de café mais resistente. O seu rendimento é de 300-400 arrobas diarias. O seu preço é modico.
- A MACHINA ESPECIAL COMBINADA consubstancia todos os principaes melhoramentos das machinas do seu genero até hoje conhecidas. Numerosos atestados assim o affirmam.

Fabricação exclusiva da

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE S. PAULO

São Paulo:

Rua 15 de Novembro, 36
End. Electr.: "MECHANICA"
Caixa, 51 -- Telephone, 244

Rio de Janeiro:

Avenida Rio Branco, 25
Caixa, 1534

Santos:

Rua Santo Antonio, 108 e 110
Caixa, 129

Londres:

Broad Streett House
New Broad Street — London E. C.

Importante descoberta do chimico Wirth

RENY

Pote 4\$000 — Pelo correio reg. 5\$000

Formula usada em toda a Europa

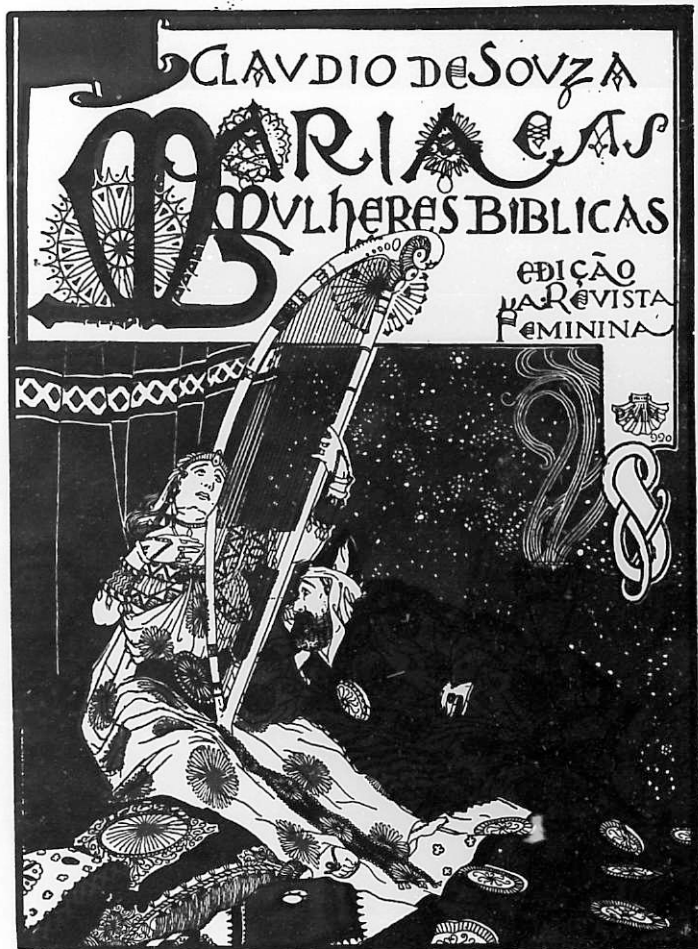
**UNICA QUE TIRA TODAS AS SARDAS, PANNOS,
RUGAS E MANGHAS DA PELLE.**

DEPIL

Vidro pequeno 5\$000
PO' DE ARROZ RENY
LOÇÃO RENY

E' o unico depilatorio liquido que tira em 5 minutos o cabelo de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle e com absoluta segurança. DEPIL é infallivel e permite ás senhoras usarem as mais finas e transparentes meias de seda e os mais alongados decotes, sem receio de que um só fio de cabelo lhes appareça. O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Caixa 2\$500. Pelo correio 3\$500. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

MAGALHÃES & LOBO — Rua Senador Furtado, 48 — Rio



MARIA E AS MULHERES BÌBICAS, de Claudio de Souza, editada recentemente pela "Revista Feminina". Obra magistral de reconstrução historica e penetrada do mais encantador mysticismo, superiormente recommendavel às senhoras, como a toda especie de leitores, pela elevação da sua moral, pela pureza do seu estylo, pela verdade historica e pela calorosa eloquencia, que tanto caracteriza as obras de Claudio de Souza.

Um bello volume illustrado de gravuras de arte classica. Vende-se nesta redacção. Preço: 4\$000; pelo correio, registrado, 4\$500.

